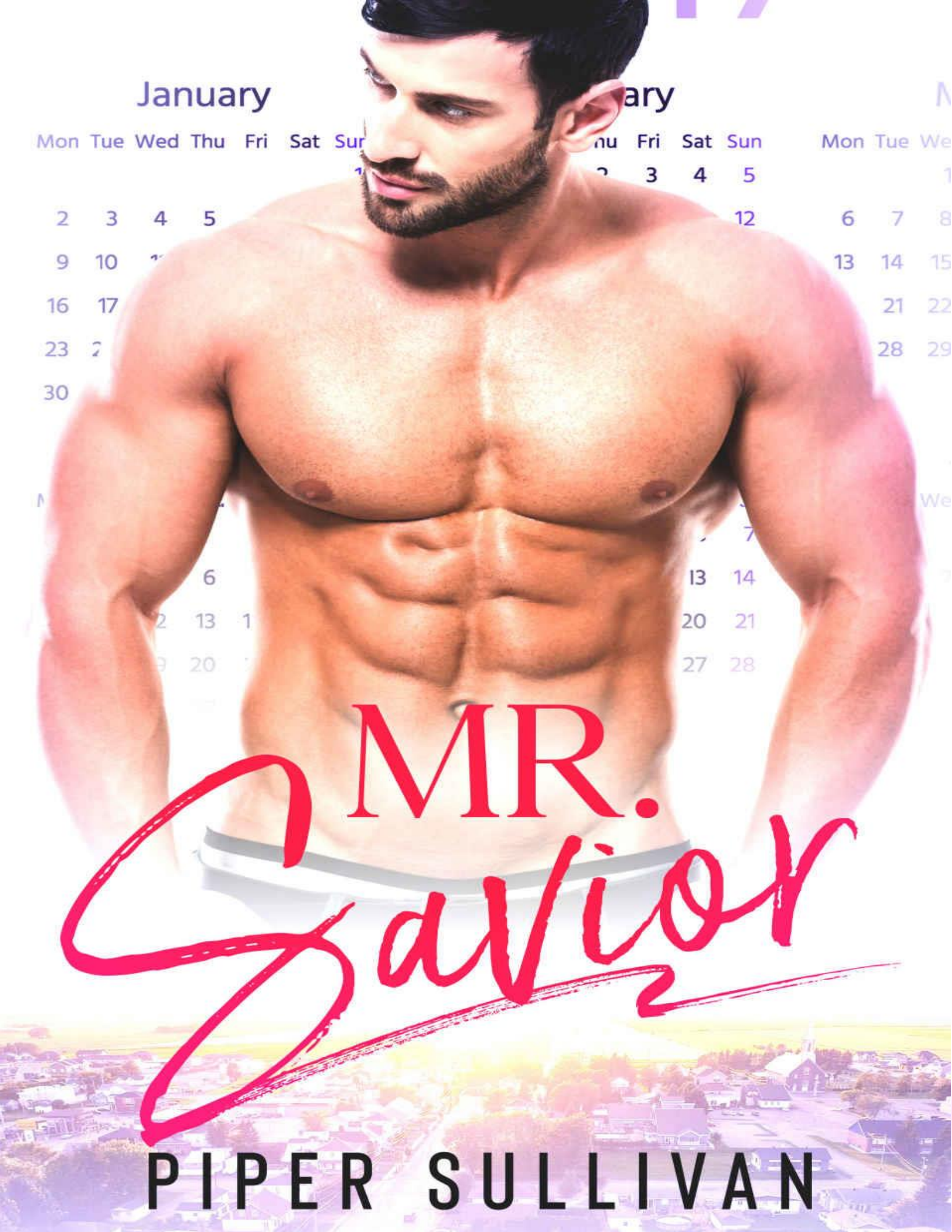
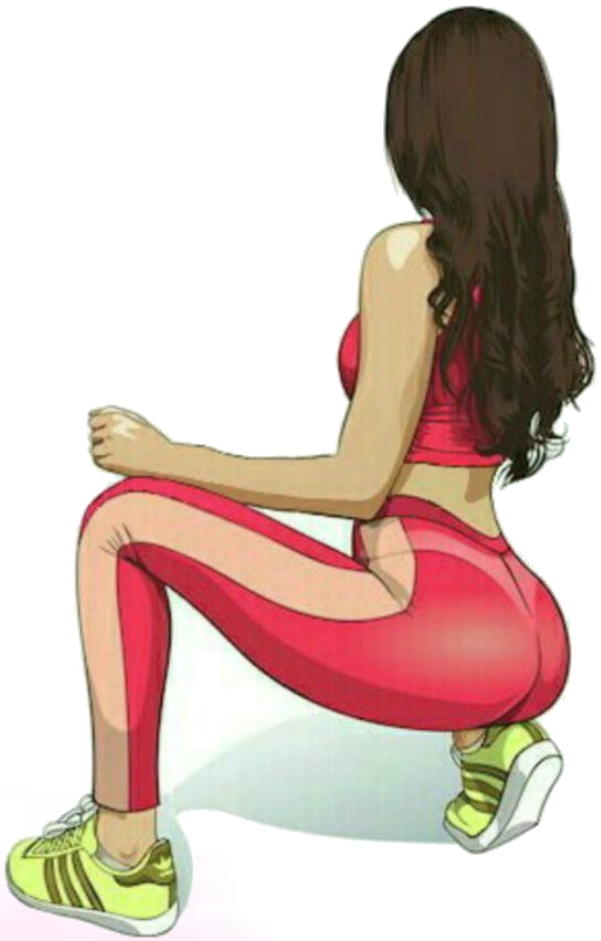

January
Mon Tue Wed Thu Fri Sat Sun
MR.
Savior
PIPER SULLIVAN



EXCLUSIVE STARS BOOKS

SMALL TOWN PROTECTORS

PIPER SULLIVAN



NINA

Eu preciso ficar longe do garoto de ouro quente da cidade.

Ele está fora da minha liga.

Isso não significa que não posso ter minhas fantasias sujas, certo?

Eu sei que não posso tê-lo.

Mas somos forçados a trabalhar no calendário de caridade da cidade e acabamos com colegas de quarto.

Incapaz de escapar um do outro.

Eu tento resistir a ele.

Para esquecer a maneira como ele me faz sentir quando sou pressionada contra seu corpo duro.

Mas estou perdendo a luta.

E quando ele me beija?

Eu sei que estou ferrado.

Meu único consolo é que será apenas por alguns dias.

Mas Preston ...

Digamos que ele tem outros planos para mim.

PRESTON

Trabalhar com o Search & Rescue é tudo para mim.

Meu trabalho é tudo que preciso.

Ou assim pensei até que minha vida explodiu quando guardei um barman atrevido.

A primeira língua de Nina é sarcasmo.

E suas curvas ... suas curvas me deixam extasiada.

Ela precisa de mim.

Para salvá-la, segurá-la, protegê-la.

Mesmo que ela se recuse a admitir.

Mas nesta cidade pequena, eu sempre consigo o que quero.

E um calendário de caridade me dá a oportunidade perfeita para conquistar o coração de Nina.

NINA

Algumas pessoas podem pensar, que trabalhar como garçonete de bar em um bar de uma cidade pequena me daria uma pista interna de todas as fofocas que poderiam ser encontradas em uma cidade do tamanho de Tulip, Texas.

Essas pessoas estariam erradas, no entanto. Acontece que a bebida não solta os lábios com a mesma eficácia que o olhar de uma velhinha de cabelos azuis. É isso mesmo - todas as fofocas foram cuidadosamente divulgadas por um grupo de três velhas que variavam de setenta, cinquenta a oitenta anos.

Aos vinte e cinco anos, não me classificava para o seu círculo íntimo, não importa que eu fosse uma pessoa de fora que só residia em Tulip nos últimos sete meses. Quem sabia quanto tempo levaria antes de eu me tornar uma local, não que eu tivesse planejado ficar por tanto tempo.

Talvez.

Era fim de tarde e o Black Thumb estava quase vazio, agora que a corrida do almoço terminara. Mas Janey Matheson, fotógrafa extraordinária, compareceu à corte em um dos estandes que dividiam a área de estar do restaurante das mesas de sinuca, dardos e matraquilhos. E como as garçonetes diurnas já haviam saído depois de contar as gorjetas, cabia a mim garantir que a multidão recebesse a jarra de margaritas e a rodada de doses de tequila.

— Aqui vamos nós, senhoras. — anunciei, descarregando minha bandeja sobre a mesa.

— Obrigado, Nina. — Janey deu um sorriso brilhante, seu rabo de cavalo alegre saltando apenas pela força de suas palavras. — Ei, você se

inscreveu para fazer parte de um leilão de despedida de solteiro? É por uma boa causa.

Eu fiz uma careta de volta para o rosto alegre dela. Por mais legais que as pessoas em Tulip fossem, elas também eram manipuladoras como o inferno. Uma palavra gentil, e você estava inscrito para julgar um concurso de culinária e um concurso de beleza.

— De jeito nenhum. Os caras podem ser estranhos, assustadores e totalmente pervertidos. Melhor colocar o controle e a licitação nas mãos das mulheres.

Ela deu outro sorriso em minha direção, covinhas piscando nas duas bochechas, dando-lhe um apelo de menina ao lado. Eu tinha certeza que os homens de Tulip apreciavam. — Você é um gênio, Nina. Um gênio absoluto.

Quer dizer, *eu* pensava assim, mas, grande surpresa, assim como Janey. — Você disse que o garçom estava errado. — eu brinquei, o que, por algum motivo, fez todas as mulheres na mesa explodirem em risadas. — Além disso, eu sou mais uma garota de olhar-mas-não-tocar quando se trata de homens.

As sobrancelhas de Janey se ergueram de surpresa. — Então, você é... celibatária? — Ela ofegou, como se a idéia fosse tão absurda que ela simplesmente não podia acreditar.

— Desde que me mudei para cá, sim. E eu estou bem com isso.

Honestamente, eu estava. Certamente, os homens tinham seu objetivo, mas até agora eu não havia encontrado um que valesse a pena manter, e até o fazer, o celibato estava bem comigo. — As baterias podem fazer maravilhas pela disposição de uma garota.

Ela bateu no queixo, seu olhar pensativo. — Você faz uma observação válida, mas os homens são tão grandes, fortes e... deliciosos. — Como Janey parecia perdida em seus próprios pensamentos, comecei a me perguntar se havia alguém em particular que colocasse aquele olhar

melancólico em seu rosto. — Oh. Meu. Deus. Você realmente *é* um gênio, Nina!

Eu deixei esse elogio afundar, porque eu não os recebia com tanta frequência de alguém além de mim. — Você vai vender vibradores, em vez dos homens de Tulip?

Nos últimos três meses, todos na cidade com mais de quinze anos tentaram encontrar o angariador de fundos perfeito, para reparar a estrutura do jardim da estátua-fonte-jardim do centro da cidade, que contou com o fundador da cidade, Tulip Worthington.

— Não, nós vamos fazer um calendário. Um grande e velho calendário de bifes, mostrando os homens de Tulip.

Dei de ombros. — Eu compraria um. — Como dizia o ditado, eles cresceram muito no Texas e os homens aqui pareciam ser especialmente grandes, mesmo para o Texas.

— Oh, isso é bom. *Tão* bom. — Janey murmurou para si mesma, pegando um caderno vermelho, branco e azul com uma capa que parecia um jeans afligido. Depois de um minuto ou dois de escrita furiosa, ela ficou de pé e saiu correndo pela porta.

Eu me virei para o resto das mulheres e sorri. — Deixe-me saber se as senhoras precisam de mais alguma coisa.

— Sal, por favor.

— Chegando logo. — O que eu mais amava no Texas era como todos eram amigáveis e abertos. Claro, eu ainda era alguém de fora, mas as pessoas aqui diziam “por favor” e “obrigado” automaticamente, nunca me fazendo sentir como a trabalhadora de serviço que eu era.

As portas se abriram e Janey entrou de novo, batendo algumas notas de vinte dólares no bar com um sorriso largo. — Desculpe, e obrigada. — Então ela se foi novamente, deixando o Black Thumb um pouco mais quieto e escuro do que antes.

Minhas três mesas ocupadas tomaram bebidas enquanto esperavam a chegada dos pedidos de almoço atrasados. Deslizei para trás do bar e me ocupei com a parte chata do meu trabalho - limpando os balcões, reabastecendo garrafas vazias de bebida e verificando os níveis nos barris.

A última tarefa que eu precisava terminar antes do meu turno terminar, era cortar mais enfeites para os coquetéis que as pessoas boas de Tulip raramente pediam. Mas gostava de trabalhar no Black Thumb e gostava do meu chefe, Buddy, mesmo que ele fosse um pouco duro e ranzinza às vezes. Então, eu fiz todas as tarefas atribuídas a mim sem reclamar.

Na maioria das vezes.

— Ei, Nina, seu turno já não acabou? — Buddy empurrou a porta de vaivém do lado do bar, liderando com seu estômago - o resultado de anos de apreciar muitas cervejas e muito churrasco.

Balançando a cabeça, olhei para o meu relógio, embora já soubesse a hora. — Bem, meu chefe insiste em cortar esses limões o mais fino possível, para que ele possa economizar algum dinheiro. — Eu pisquei e Buddy se dobrou de tanto rir, segurando sua barriga grande até que ele ficou vermelho no rosto.

— Um homem não fica rico dando coisas de graça.

— Nem mesmo uma gota de suco de limão?

— Especialmente as pequenas coisas. Eles querem uma fatia real de limão, podem pedir algo diferente de uma cerveja. — Era um refrão familiar, Buddy reclamando que seus clientes preferiam cerveja barata às bebidas caras que ele oferecia. — De qualquer forma, eu não vim aqui para discutir minha estratégia de negócios com você, senhorita.

Eu ri, amando a maneira como Buddy às vezes parecia um bibliotecário dos anos cinquenta. — OK. Quer me dizer por que você saiu, então?

Um sorriso que parecia desconfiado com problemas cruzou seu rosto. — Para lembrá-la de que você está de folga neste fim de semana. Ouvi dizer que você foi amarrada na viagem anual de acampamento das tropas do Tulip.

Sim, eu tinha, e amarrada era exatamente a palavra certa para usar. Foi um ataque furtivo da única amiga que eu fiz durante meu tempo na cidade e, de alguma forma, eu me ofereci para a tarefa de passar o fim de semana com um monte de garotinhas.

— Eu fiz e não esqueci. — Eu esperava que uma das garçonetes atraentes, mas não confiáveis, que Buddy preferisse chamar, mas parecia que a sorte não estava do meu lado.

— Eu ainda estou tentando descobrir como você os fez ignorar o anel no nariz e a tinta no braço. — disse ele balançando a cabeça na direção da manga colorida das tatuagens que viajavam pelo meu braço direito.

Foi um mistério para mim também. — Eu *gostaria* que eles me temessem, apenas o suficiente para que eu não ficasse amarrada para essas coisas.

Não que eu me importasse muito, mas sempre parecia destacar meu status como alguém de fora, além de outra coisa que eu não tinha. Família.

Buddy bateu na coxa com uma risada. — De jeito nenhum, querida, agora que eles sabem o que é um toque suave, você é um caso perdido. Bem-vinda à Tulip, Nina. Agora, saia daqui e aproveite o resto da noite. Talvez sair para um encontro ou transar, como dizem os jovens.

Eu exagerei minha carranca. — Liderar? O que é isso?

Ele sorriu, me jogando em direção à porta. — Silêncio e lave esse avental.

— Farei isso hoje à noite, antes do meu encontro com a Netflix e o famoso churrasco de Reese.

— Essa é a coisa mais patética que eu já ouvi. — brincou Buddy. — Apenas espere até os cabelos azuis ouvirem que você ainda está solteira.

O xerife Henderson estava consideravelmente segurando a porta aberta para eu sair, então resisti à vontade de virar o pássaro para Buddy enquanto saía para passar a noite. — Boa noite, xerife.

— Senhorita Nina. — Ele era tão educado quanto bonito. E quieto. Na verdade, ele seria perfeito para o calendário de Janey.

PRESTON

— Quer tomar uma cerveja hoje à noite? — Nate Callahan me perguntou quando saímos dos escritórios de Busca e Salvamento no último andar do prédio dos Serviços de Emergência da Tulip.

— Talvez. Eu aviso você, mas agora estou derrotado. — Os turnos de busca e salvamento eram semelhantes aos departamentos de bombeiros - Nate e eu trabalhamos três dias seguidos com dois dias de folga, o que parecia pior do que era, pois passamos a maior parte do tempo observando os riscos de incêndio e os sinais de reposicionamento.

— Batido? Tivemos um resgate e foram dois caminhantes experientes. O que você está tão cansado, uma mulher? — Nate olhou para mim e vi a esperança em seus olhos rapidamente se transformar em decepção.

— Só estou cansado, só isso. Não somos tão jovens como costumávamos ser, você sabe.

Nate riu. -— Fale por si mesmo, velho. Se você mudar de idéia, estarei no Black Thumb às nove. E se eu não te encontrar lá, rezarei para que você se envolva com alguma coisa jovem e bonita.

— Deus te abençoe. — respondi sarcasticamente e gemi quando saímos. Meu irmão mais velho Grant estava encostado no meu Escalade azul, um veículo que me fez sobressair como um polegar dolorido aqui na caminhonete.

— Boa sorte com isso. — disse Nate, balançando a cabeça na direção do meu irmão. — Se você precisar de uma bebida, ou dez, meu quarto de reposição é seu.

— Obrigado, Nate. Vejo você bem cedo e no sábado de manhã.

Ele suspirou com a lembrança de nossa hora do relógio, da mesma maneira que sempre fazia. — Não me lembre!

Meu bom humor durou exatamente o tempo que levou para chegar ao meu passeio. — Estou cansado demais para seus jogos hoje, Grant.

Meu irmão saiu da frente do carro e alisou as laterais do seu terno de grife, provavelmente escolhido por nossa mãe. — Bom, porque eu não estou aqui para jogos.

— Sim? Então por que você está aqui? — Eu não conseguia me lembrar da última vez que ele apareceu para me ver sem um motivo oculto.

— Mamãe quer vê-lo no jantar de domingo esta semana.

Lá estava. — Então ela deveria ligar e me convidar. — respondi. — Ou, eu não sei, talvez aprender meu horário de trabalho.

O que era exatamente o que eu estava dizendo à nossa mãe desde que ela me informou que eu não fazia mais parte da família, depois de escolher S&R na faculdade de direito. Não que isso importasse - sem desculpas, eu ainda fazia exatamente o que era esperado de alguém com o nome Worthington, o que significava apresentar uma frente unida e perfeita em público. Mas quando se tratava de reuniões de família, eu não perdi meu tempo sozinho, optando por passar o tempo com o grande grupo de parentes turbulentos do meu melhor amigo Ry.

Grant suspirou, como se ele fosse o único convidado por uma visita que ele iniciou. — Quando você vai deixar isso passar? Está ficando velho.

— Se você odeia tanto, pare de aparecer sem ser convidado. — Esse era o problema de Grant: ele pensava que estava sempre certo. Eu pensei que ele era apenas um idiota. — Confie em mim, essas pequenas visitas também não são o destaque do meu dia.

— Mãe...

— Não. Pare. — Coloquei a mão no peito de Grant, para que ele soubesse que eu estava falando sério. — Mamãe tomou sua decisão e ela

está presa a todos esses anos. Eu também. Se ela quer mudar as coisas, *mamãe* sabe o que tem que fazer. — Eu não odiava minha mãe, mas também não gostava muito dela. Embora ela fosse uma esnobe que respeitava a opinião de ninguém além da sua, eu estaria disposto a tentar se ela oferecesse um sincero pedido de desculpas. — Agora, se isso é tudo que você queria?

Grant olhou para mim com olhos azuis, cerca de dois tons mais claros que os meus, tentando me entender. — Foi uma perda de tempo, na verdade, porque eu era o tipo de 'o que você vê é o que você ganha'. — Isso é tudo. — disse ele finalmente.

— Bom. Até a próxima. — Era uma mentira que nós dois dissemos um ao outro, porque não faria os filhos favoritos da cidade estarem obviamente na garganta um do outro.

O caminho de casa levou os mesmos quinze minutos de sempre. Nunca havia tráfego a essa hora do dia e poucas pessoas viviam na periferia da cidade, se pudessem evitar. Mas para mim, a margem sul de Tulip era perfeita, e quando Gary Strange colocou o lote à venda há alguns anos, eu o comprei e construí um local com vista para o pitoresco lago.

— Lar Doce Lar. — Dentro da porta da frente, tirei minhas botas e tirei a roupa enquanto eu caminhava para o banheiro. Era meio ritualístico para mim tomar um banho quente depois de um longo turno para ajudar a avaliar se eu estava realmente exausto ou cansado demais para lidar com as pessoas. Mesmo depois de sair do banheiro fumegante e trocar para algo mais confortável do que meu uniforme de S&R, eu sabia que não estava pronto para bater no saco, então peguei algumas cervejas e fui para o meu deck. Relaxar.

Observar as águas calmas do lago tinha um efeito calmante em mim, o que eu precisava depois de outro encontro com Grant, o auto-designado pacificador da família. Foi um papel em que ele se destacou, até que eu joguei a proverbial chave no plano de nossa família para que eu me tornasse, eventualmente, conselheira principal da Worthington

Enterprises. Desde então, as coisas haviam quebrado tanto que não havia mais paz a ser mantida.

Mas aqui, na minha casa, sempre havia paz. Principalmente porque só enviava convites para amigos. Amigos próximos. Meu espaço não estava aberto para mulheres ou família.

O som do telefone tocando no baralho ao lado da minha cerveja quebrou o feitiço que o lago começou lentamente a lançar sobre mim, e eu estendi a mão para pegá-lo. — Sim?

— Cara, suas maneiras de telefone chocariam um macaco.

Eu não conseguia parar o sorriso que se espalhou pelo meu rosto ao som da voz do meu melhor amigo. — Ry, se um macaco está me ligando, ele merece minhas más maneiras - não me lembro de ter dado meu número a nenhum macaco.

Sua risada alta e latida soou abaixo da linha. — Eu não sei, Pres. Talvez você tenha um novo tipo. O que eu mais amava em Ry era seu otimismo sempre presente. Ele não deixou nada na vida derrubá-lo e, sem falhar, começava todos os dias com um sorriso. Era uma característica que eu admirava, mas não tinha nenhum desejo real de imitar. — Bebidas hoje à noite no Black Thumb?

— Não é hoje à noite das mulheres?

— Exatamente. As mulheres aparecerão para tomar bebidas pela metade do preço e, quando chegarmos lá, estarão embriagadas o suficiente para parar de fingir que são boas garotas.

Eu bufei. — Crescemos com quase todas as mulheres da cidade, Ry. Em quem você está de olho?

— Ninguém em particular. — A resposta veio rápida demais para ser verdade, mas eu deixei passar. — Então hoje à noite? Tenho notícias que você vai querer ouvir.

— Sou todo ouvidos agora, Ry.

— Tudo bem, fique em casa até que seu pau encolha e morra por falta de uso. Veja se me importo.

— Meu pau aprecia sua preocupação, cara.

Ele bufou, e eu pude imaginar seu sorriso - parte irritada e parte divertida. — Só porque você é meu irmão de outra mãe, eu me entregarei a qualquer tipo de fofoca com você.

— Entendido.

— Dizem que Sabrina Worthington está envolvida em um pouco de encontros, convidando quase uma dúzia de mulheres para um de seus infames jantares. Este Domingo.

Eu gemi. Minha mãe Sabrina só teve dois filhos com James Worthington, meu pai: Grant, que estava namorando uma das filhas do governador e eu. Dolorosamente, permanentemente me solte. — Isso faz sentido. Grant estava esperando por mim quando saí do trabalho, emitindo um convite em nome da minha mãe. Eu me perguntei o porquê.

— Bem, agora nós sabemos. Preston estará em breve fora do mercado. — A voz de Ry cresceu alto, um sinal claro de que ele estava sozinho ou na presença de uma de suas três irmãs, que gostava de fingir que tinha uma queda por mim.

— Como ela não se desculpou comigo, eu não estarei lá no domingo. — E, agora que sabia quais eram os motivos dela, me certificaria de estar ocupado. — Trabalho.

— Sinto sua dor, cara, sinto mesmo. Mesmo se você estivesse me fazendo bem, indo a essa festa e conseguindo alguns números para mim. Essas garotas são ricas, certo?

Eu ri. Ry falou um grande jogo, mas ele era o cara legal proverbial. — Você pode ir no meu lugar, já que mamãe definitivamente terá um lugar para mim. — Tão poucas pessoas foram contra seus desejos, que ela passou a esperar que o mundo inteiro se curvasse a seu pedido.

— Prefiro que você faça o trabalho pesado.

Eu não faria nenhum levantamento. Eu trabalhava no domingo até o final da tarde e depois dormia pelo menos dez horas. E não haveria caçadoras de maridos à vista. — Se você não aparecer no meu lugar, terá que fazer isso acontecer com a sua direita e esquerda.

Ry soltou uma risada muito alta e divertida demais para o meu gosto. — Eu sempre encontro um jeito. Então, eu vou te ver no Black Thumb hoje à noite?

Olhei para a cerveja na minha mão e para a outra condensação pingando nas ripas de madeira ao meu lado, antes de voltar meu olhar para o lago, sorrindo. — Não. Eu estou bem exatamente onde estou.

NINA

As primeiras horas da manhã eram as piores, mesmo em um lugar bonito como Tulip. Mas eu já tinha concordado com essa maldita viagem de acampamento, que, por algum motivo, tinha que ocorrer no absoluto raiar do dia. Por que eu fiz isso comigo mesma? Eu sabia a resposta - Buddy havia dito isso alguns dias atrás. Eu era mole. Apesar dos meus melhores esforços, com a minha personalidade durona de 'não brinque comigo', a tinta e os piercings, eu era muito grande e mole.

Isso e o fato de que essas pessoas eram genuinamente legais. Irritantemente agradável, até, o que tornava difícil ser uma vadia para alguém e ainda mais difícil dizer não. Era exatamente assim que me vi andando pela First Street, a resposta de Tulip à Main Street, antes mesmo que o sol nascesse.

Mas eu não estava preparada para um fim de semana cheio de garotas de sete a nove anos de idade. Ou um fim de semana passado na floresta. Assassinos em série e outros malucos não evitavam lugares porque faziam parte do Sistema Nacional de Parques.

Caminhando pela First Street, bem no meio da estrada, observei a beleza tranquila da cidade. As calçadas de tijolos davam ao centro da Tulip uma sensação acolhedora e aconchegante, aprimorada por toldos coloridos anunciando os nomes peculiares das empresas de propriedade local. Havia o restaurante, Big Mama's Place, onde você podia obter os melhores ovos mexidos do planeta. Ao lado ficava a Livraria Bloomin Tulip, que já existia muito antes dos livros eletrônicos, e seu toldo brilhante do arco-íris muitas vezes dava às pessoas a impressão errada. A Tulip ostentava duas pequenas butiques femininas, lado a lado, pouco antes de você chegar à Bo's General Store, onde você podia encontrar de tudo, de equipamentos agrícolas a jeans e churrasqueiras a queijo.

Era realmente uma cidade pequena, perfeita para fotografar, com árvores cortadas pelas ruas adornadas com luzes cintilantes que cintilavam à medida que a luz do sol se tornava fraca e vasos de grandes dimensões ao lado das entradas de cada empresa. E, é claro, a estátua de Tulip Worthington, embora não tenha se saído bem durante o tornado que soprou pela cidade no início da primavera.

Tulip fora pioneira por si só, fugindo de casa aos dezesseis anos para evitar se casar com um homem com o dobro da idade que ela não amava. Ela pensou em ir para o oeste, como muitas pessoas fizeram na época, mas parou para se reagrupar nesta parte do Texas e nunca saiu, depois de se apaixonar por um fazendeiro local e ajudá-lo a transformar uma pequena operação de flores no que era agora uma empresa multimilionária. Pelo menos, essa foi a história que me contaram.

Repetidamente.

Até enjoar.

Mas Tulip parecia um pouco pior para o desgaste - a estátua, assim como a fonte e o jardim ao seu redor, precisavam desesperadamente de uma reforma. *Em breve, garota. Em breve.*

Quando me aproximei do ponto de encontro logo depois da estátua de Tulip, entrei no Bo's para uma xícara de café muito grande.

— Bom dia Nina! — Bo acenou, seus cabelos castanhos grossos caindo suavemente em volta dos ombros. Seus olhos azuis estavam brilhando demais para esta hora da manhã.

— Oi Bo, como está indo?

— Não é tão ruim. Ainda não, pelo menos. Café? Acabei de entrar nesse novo material de avelã que as pessoas parecem amar. — Ela riu para si mesma enquanto pegava uma xícara e a xícara de café atrás dela. — Cass se recusa a comprar o sabor, então achei que isso não estava afetando os negócios dela.

— Qualquer empresa que não possa lidar com um pouco de concorrência é uma empresa que em breve falhará. — Eu tinha ouvido isso o suficiente de diferentes empregadores ao longo dos anos para saber que era verdade. — E faça esse café tão grande quanto você tem. Por favor.

Com uma risada suave e feminina, Bo pegou uma xícara grande e descartável e começou a derramar. — Pronta para o seu fim de semana na floresta?

— Você ouviu sobre isso também, hein? Bem, não estou pronta, nem um pouquinho. E se eu perder uma criança ou algo assim?

— Haverá outras mães com você, além do Tulip Troop Leader. Você vai ficar bem.

Eu tinha minhas dúvidas, mas as mantive para mim e me ocupei pegando alguns itens de lanche que seriam os subornos perfeitos para um bom comportamento neste fim de semana. — Acho que descobriremos em breve.

Depois que paguei minha recompensa, corri de volta para o lado de fora antes que alguém pensasse que a nova garota havia se desentendido com suas responsabilidades. Não fui a primeira pessoa a chegar, mas, felizmente, também não fui a última.

Algumas mães se amontoavam enquanto tomavam café enquanto as meninas conversavam animadamente perto do ônibus escolar azul brilhante alugado para nos levar para o nosso local de acampamento, ou perto dele. Eu não conhecia nenhuma das mulheres o suficiente para oferecer nada além de um aceno e um aceno de saudação, então comecei a carregar meu equipamento.

— Ei Nina, que bom que você conseguiu.

Eu sorri quando me afastei do assento que eu havia escolhido no fundo do ônibus, virando na direção da voz da minha amiga Max. — Estou aqui. — confirmei. — E estou preparada para praticamente qualquer coisa.

Maxine Nash foi a primeira pessoa a fazer amizade comigo no meu segundo dia em Tulip. Com cabelos ruivos encaracolados, grandes olhos verdes e curvas suficientes para deixar Sofia Vergara com ciúmes, Max era uma mãe solteira vibrante que cozinhava a melhor comida que eu já tive a sorte de provar. — Você vai ficar bem. As meninas te amam e ouvem você, o que deixa minha mente à vontade.

Como líder oficial do Tulip Buds, o nome atribuído ao grupo mais jovem das tropas de Tulip, a segurança de todos os envolvidos nessa viagem caiu sobre os ombros de Max - e foi assim que me envolvi nisso em primeiro lugar.

Enquanto eu tinha minhas dúvidas sobre as meninas, com muitas outras mães por perto, achei que era o adulto divertido designado. No momento em que o ônibus estava carregado com as artes e as meninas, porém, a tensão começou a aparecer.

Quando deixamos a cidade de Tulip para trás e as meninas estavam no trigésimo frasco de perfume na parede, eu estava dançando na beira de um ataque de pânico. Era um tipo especial de tortura, que só terminava quando o ônibus parava em um dos estacionamentos do lado de fora do aparentemente interminável parque nacional.

— Graças a Deus. — eu sussurrei para Max, que balançou a cabeça com uma risada suave.

— Isso não foi muito doloroso, certo?

Fácil para ela dizer, já que estava acostumada ao caos de ter filhos por perto. Entre sua adorável filha e suas amigas, o estresse de ser uma fornecedora e empresária, Max prosperava no desafio. Eu, por outro lado, ficava sozinha a maior parte da minha vida - esse tipo de atividade era nova para mim.

Depois que meu pai morreu, minha mãe passou cada vez menos tempo em casa, até que finalmente parou de voltar para casa. Meu tio

Rudy entrou e me criou desde os sete anos de idade até ele morrer depois que eu fiz doze anos.

Passei os três anos seguintes pulando de lar adotivo para lar adotivo, lidando com arrancadores de dinheiro, pervertidos, abusadores e as pessoas genuínas ocasionais antes que eu desistisse. Não querendo continuar sendo envolvida no sistema, fiquei sob o radar por alguns anos, peguei meu GED e deixei St. Louis para sempre. Então, sim, minha vida era quase quieta, e isso não era... não.

— Não, se você deu à luz uma das pequenas divas surdas de tom, suponho.

— E eu, Nina? — A filha de sete anos de Max olhou para mim com grandes olhos castanhos, seu rabo de cavalo vermelho torcido balançando atrás dela. — Eu sou surda também?

Callie era possivelmente a menininha mais fofa da cidade, com aquela pitada generosa de sardas espalhadas pelo nariz e pelas bochechas. — Ouvi uma voz que parecia muito boa. — Ela engasgou com o meu idioma, e eu dei de ombros enquanto me agachava para trazer meu rosto ao nível do dela. — Eu pensei que era eu, no começo, mas depois lembrei que não sabia cantar, então deve ter sido você.

— Sério? — A admiração em sua voz agarrou meu coração e eu sorri.

— Sim. Sinto muito ter que lhe dizer que você tem um péssimo gosto musical, esguicho.

Ela riu. — Ei, eu sou uma criança. Você não pode dizer isso!

— Eu apenas fiz. Agora, pegue seu equipamento para que possamos levar esse show para a estrada.

Não que Callie ou qualquer outro amigo tenha oferecido muita ajuda em montar tendas ou montar acampamento, mas eles eram as tropas e tivemos que deixá-los ganhar seus distintivos.

Ou tentar, de qualquer maneira.

Eu só estava nesse acampamento por cerca de seis horas, mas, além de uma dor de cabeça, as coisas estavam indo bem. Duas garotas estavam de castigo em suas tendas por zombar de Bailey, uma menina quieta de sete anos com cabelos loiros e brancos que acabara de se mudar para a cidade.

Era errado chamar garotas de nove anos de putas? Provavelmente, então guardei o pensamento para mim.

As crianças sentaram-se ao redor do fogo em grupos de dois ou três, conversando com mais animação do que qualquer humano necessário. Max e Callie estavam amontoadas, assistindo outra garota trabalhando para acender um fogo menor. Bailey estava sentada do outro lado da grande fogueira, sozinha, então achei que seria melhor dar um bom exemplo ao tentar incluí-la. — Ei garota, o que você está fazendo aqui sozinha?

Ela deu de ombros, mal olhando para cima quando me sentei no tronco ao lado dela. — Apenas assistindo.

— Eu sei o que você quer dizer.

— Você faz? — Ela olhou para mim cautelosamente.

Eu assenti. — Claro que eu faço. Também me mudei para cá recentemente, e é difícil descobrir onde você pertence, em um lugar onde as pessoas se conhecem desde o dia em que nasceram.

— Não sou boa em fazer amigos. — confessou Bailey.

— Eu também. Max foi a primeira pessoa a fazer amizade comigo. Ela me abordou no supermercado, procurando alguém para agir como um porquinho da índia para suas novas receitas. A partir de então, ela não me deixou fugir por *não* fazer parte da comunidade.

— Callie também. — disse Bailey com tristeza. Ela era uma garota tímida que provavelmente confiava em ter amigos amigáveis e extrovertidos mais do que deveria. — Eu gosto de suas tatuagens.

— Obrigada, você é uma das poucas pessoas por aqui que faz. — Todo mundo olhava. Metade deles provavelmente pensava que eu era uma garota desonrada de motociclista, mas eles foram educados demais para dizer isso em voz alta. — Quais botons você planeja ganhar neste fim de semana, Bailey?

Ela encolheu os ombros. — Eu já sei como iniciar uma fogueira, então acho que primeiros socorros, proteção ambiental e identificação da natureza?

— Você adivinha?

— Sim. Sou boa em seguir as instruções, mas alguns deles precisam que você tenha um amigo e eu não. Callie e Toni já são amigas.

Bem, merda. Como os pais andavam o tempo todo com o coração sangrando e partido pelos filhos? — Então acho que seremos amigas, e isso é uma boa notícia para você - não preciso de distintivos. Você pode me ensinar todas essas coisas e provavelmente conseguir algum tipo de crachá de professor.

Bailey riu, mas seu rosto ainda parecia sério. — Obrigada.

— A qualquer momento, garota. Agora, vamos lá antes que todos os marshmallows acabem. — Levantei-me e estendi minha mão, esperando pacientemente porque sabia exatamente o que significava ser uma criança teimosa. Além disso, eu estava bastante confiante de que poderia sair teimosa em qualquer dia da semana. — Bom?

— Bom. — Suspirando, ela pegou minha mão e me deixou puxá-la para o outro lado da fogueira, onde ela pegou dois paus, marshmallows e ingredientes.

Então, ela se retirou para o outro lado do fogo. Eu sorri Bailey era meu tipo de criança.

Preston

Os dias de folga eram preciosos para mim, por causa de como o NPS configurava os agendamentos. Trabalhar três dias com dois dias de folga significava que eu tinha que fazer tudo - incluindo limpeza, compras, fazer recados e até consultas médicas - nesses dois dias. Não havia relaxamento nos meus dias de folga até que todo o trabalho estivesse fora do caminho.

Hoje era um raro dia inteiro sem trabalho - eu tinha feito tudo ontem, o que significava que o dia inteiro era meu. Eu não planejava fazer nada, além de assistir TV e talvez terminar de construir a estante que comecei meses atrás.

Até *isso* era uma grande gordura, talvez.

Mas o som da campainha sobre o hard rock tocando no meu aparelho de som colocou uma grande torção nos meus planos. Resistindo à tentação de fingir que não ouvi, abri a porta e vi Ry parado na varanda da frente. — O que você está fazendo aqui?

— É bom ver você também, mas cabeça. — Ele deu um soco no meu ombro e entrou, como se fosse a casa dele em vez da minha - algo que estávamos fazendo desde que éramos meninos. — Eu imaginei que você estivesse aqui chafurdando e pensei que você poderia querer alguma companhia.

— Na verdade não. — Eu sorri para Ry quando ele examinou a sala. — Mas, desde que você trouxe cerveja, você pode ficar.

— Caramba, valeu. — Seu tom sardônico puxou um sorriso de mim e ele olhou ao redor da sala para a caixa de pizza vazia e garrafas de cerveja que cobriam a mesa do café. — Olhe para esse lixão. Sua retenção anal deve estar atrapalhada. — ele brincou, batendo nas minhas costas como se fosse uma TV antiga.

— Pare com isso. — Afastei a mão dele e ele riu, me seguindo até a cozinha. — Eu não estava de bom humor neste fim de semana, me processe.

— Não é como se você não tivesse dinheiro para uma faxineira.

— Você sabe por que eu não. — Meu fundo fiduciário havia sido liberado quando fiz 25 anos e, como o meu avô havia sido criado, minha mãe não podia usá-lo para me punir ou me manipular para conseguir o que queria.

— Eu *sei,* mas ainda não entendo. — Ry balançou a cabeça, mas deixou o assunto de lado. — Talvez você possa me arrumar uma faxineira, então? Meu aniversario está chegando.

— Em, tipo, seis meses. — eu respondi e fui para a cozinha.

— Ainda está chegando. — ele explicou com um encolher de ombros e empurrou o pacote de seis na geladeira, pegando duas cervejas já frias e entregando uma para mim. — Você realmente não vai ao jantar de sua mãe neste fim de semana?

Todos na Tulip sabiam dos infames jantares de Sabrina Worthington e pensavam que era um privilégio receber um convite. Eu excluído.

— Se minha mãe pode facilmente me dispensar da família por minhas escolhas, ela pode ser uma maldita adulta e pedir desculpas se quiser que nosso relacionamento mude. Até que isso aconteça, eu só vou aparecer em eventos públicos.

— Você acha que a cidade não percebe?

Eu tinha certeza que sim; a principal moeda do Tulip era a fofoca. — Você acha que eu me importo? — Doeu, a princípio, admito, que uma pequena diferença de opinião me custou muito à minha família, mas com o passar do tempo, a dor se transformou em raiva e frustração a ponto de parar de me importar. — Além disso, eu estou feliz onde estou.

— Você está?

— Claro que sim. Todas aquelas instituições de caridade em que mais dinheiro vai para a realização do evento do que para a caridade real, as belas conchas vazias de mulheres preparadas para se tornarem esposas de troféus, a conversa constante sobre negócios, férias e besteiras materiais - não, obrigado.

— Vamos voltar a essas lindas conchas vazias por um momento.

Nós dois rimos disso, depois de termos experimentado nosso quinhão de garotas fazendo sexo com homens que elas nunca considerariam material para o marido: um paramédico e uma equipe de busca e salvamento.

— Você finalmente atacou com a pequena senhorita misteriosa? — A paixão misteriosa de Ry o tinha amarrado, mas ele ainda não dizia nada sobre ela. Tentando adivinhar a identidade dela se tornou meu passatempo favorito.

— Nah, ela vai sair da cidade neste fim de semana. Em breve, eu vou perguntar a ela.

— Você vem dizendo isso há meses. — Ry olhou para mim e eu ri, acenando em direção ao convés dos fundos. — Vamos lá, esses bifes não vão cozinhar sozinhos.

Ry passou por mim até a prateleira de especiarias que sua irmãzinha havia me dado como um presente de inauguração de casa. — Graças a Deus por Shelby ou estaríamos comendo carne pura. — Ele pegou algumas pequenas garrafas de vidro e polvilhou vários temperos nos dois lados da carne antes de empurrá-la para o lado. — Eu sei que você tem batatas fritas no freezer; coloque-as no forno.

Eu sabia o que fazer. Essa era a nossa rotina sempre que saíamos: bife e batatas fritas, com cerveja no meu baralho. — Feliz, chef?

— Em êxtase. Então, me diga como o clã Worthington está lidando com o fato de que toda a cidade quer ajudar a reparar o Tributo de Tulip?

— Nenhuma pista. Ao contrário do que minha mãe pensa, o mundo inteiro não gira em torno do que ela quer. Além disso, o conselho da cidade tirou-o das mãos dela. — falei com um sorriso. — Provavelmente porque ela acha que jogar dinheiro em todos os problemas a coloca no comando de tudo.

— Incluindo sua vida amorosa.

— Especialmente isso. — eu gemi. Só de pensar em sua interferência me irritava. — Este jantar será o momento perfeito para ela aprender outra lição valiosa - se eu optar por me acalmar, será com uma mulher *que* escolher por razões *que* julgar importantes.

Além disso, como minha mãe pensava que poderia conseguir que uma de suas meninas da sociedade se casasse com um homem que usava uniforme para trabalhar e escalava terrenos acidentados para viver estava além de mim.

— Você sabe que ela acha que você vai desistir no último minuto? Ela disse isso à Patrulha Potluck. — Esse era o nome que demos as três fofoqueiras da cidade, que foram as primeiros a aparecer na sua porta para recebê-lo, consolá-lo ou celebrar suas realizações com várias ofertas de sorte.

— Não posso me preocupar com o que minha mãe pensa ou vou realmente perder a cabeça.

— Bem, que tal uma mãe diferente? — Ry ofereceu. — A minha vai fazer um churrasco no próximo fim de semana e ela está exigindo sua famosa salada de batata doce, junto com a sua presença.

Eu tive que sorrir quando minha cabeça assentiu automaticamente. Betty Kemp era a mãe que eu sempre quis. Com um metro e oitenta e um, ela era mais mandona do que qualquer CEO ou sargento. — Eu estarei lá.

— Talvez eu deva mandar Ma compartilhar seus segredos com Sabrina.

— Faça isso e eu vou colocar super cola no seu shampoo.

Ry franziu a testa e passou a mão por seus grossos cabelos ondulados castanhos - seu orgulho e alegria. — Você luta sujo.

— Não se esqueça disso. — confirmei, apontando a pinça para ele.

— Como eu poderia. — disse ele, levantando uma mão dramática ao seu lado. — Eu ainda tenho as cicatrizes para provar isso.

— Antes de tudo, tínhamos doze anos. E você perdeu o equilíbrio.

Os lábios dele se contraíram; ele sabia que era verdade. — Essa é uma história revisionista e você sabe disso. Você me empurrou totalmente.

— Eu tentei te salvar seu idiota! — Eu quase caí dessa mesma árvore em meu esforço para impedir Ry de cair cerca de seis metros até sua morte. Felizmente, ele só acabou com um braço muito quebrado. — E, se bem me lembro, esse elenco conseguiu um encontro com Mary Sue Markham.

Ry sorriu amplamente, seu olhar melancólico. — Sim, foram três semanas boas. Mais uma e eu teria conseguido alguma ação.

Abri as portas que levavam ao *meu* orgulho e alegria - o convés que passei um mês inteiro construindo, lixando e pintando. — Se você quiser, posso quebrar seu braço novamente e você pode ficar mais três semanas com Mary Sue. Ouvi dizer que ela está entre maridos agora.

Ry estremeceu quando ele abriu a tampa da grelha e ligou. — Não, obrigado. Ela é muito fértil, e não posso me ver com Mary Sue na doença e na saúde e toda essa porcaria.

— E as mulheres dizem que o romance está morto. — eu provoquei. Ele me virou e pegou os bifes, jogando-os na grelha quente. — Não consigo imaginar por que elas não estão migrando para você.

— Sim? Você é rico, amigo, e elas também não estão reunidas em você.

— Graças a Deus por isso. — A última coisa de que eu precisava era uma repetição da faculdade e o ano subsequente da faculdade de

direito, com colegas ansiosas procurando um marido rico. Era cansativo, afastá-las e tentar descobrir se uma garota gostava de mim por mim ou apenas pelo dinheiro que herdaria alguns anos após a formatura. — Quando estiver pronto, vou encontrar uma garota.

Ry sorriu, fechando a tampa da grelha quando ele abriu a cerveja e tomou um longo gole. — Ou talvez, ela encontre você.

— Nesta cidade cheia de mulheres que eu conheço desde o nascimento? Improvável.

— Últimas palavras famosas, meu amigo. Últimas palavras famosas.

NINA

Às dez horas, todos os pequenos campistas foram contados - duas vezes - e aconchegados em saquinhos de dormir decorados com unicórnios, princesas e, no caso de Bailey, o cosmos.

A noite estava calma e silenciosa, exceto pelo som ocasional de risadinhas das meninas mais velhas que ainda não se cansaram. Eu podia ouvir tudo do meu lugar pela fogueira fumegante, que havia sido extinta mais cedo, mas ainda emanava calor, permitindo-me aconchegar-me no meu próprio saco de dormir e olhar para o lindo céu escuro.

Por um tempo, a extensão de veludo índigo ficou clara e brilhante, com estrelas piscando para mim lá do alto. Mas depois de alguns instantes, nuvens espessas começaram a rolar, e um trovão soou. Fechar. Muito perto para significar algo de bom. Mesmo que as tendas fossem todas impermeáveis, tensão e preocupação surgiram sob minha pele.

— Nada para se preocupar. — assegurei a mim mesma enquanto um raio iluminava o céu. A tempestade estava próxima e avançava rapidamente.

Uma gota gorda de chuva caiu bem entre meus olhos e eu me sentei, olhando rapidamente ao redor do acampamento para ver se tudo estava do jeito que deveria. Minha ansiedade aumentou um pouco quando as gotas de chuva começaram a cair - lentas e gordas a princípio, mas quando enrolei meu saco de dormir, a chuva estava caindo como milhares de minúsculas lâminas de barbear, atingindo minha pele através da fina camada. Minha camisa que eu de alguma forma pensei que seria a roupa de dormir ideal. — Merda!

— Nina, o que você está fazendo aqui fora?

Olhei por cima do ombro para Max, que havia emergido de sua barraca com uma expressão preocupada no rosto. — Eu estava olhando as estrelas, até as nuvens rolarem.

Ela assentiu distraidamente, examinando o acampamento. — Precisamos fazer outra contagem, garantir que nenhuma das meninas tenha decidido sair à noite. —

— OK. Você conta da esquerda para a direita e eu vou contar da direita para a esquerda, para garantir que nossos números correspondam?

Max estava preocupada, estava escrito em todo o rosto e no comportamento dela. — OK. Te vejo daqui a pouco. — Eu a observei se afastar, os ombros caídos contra a chuva forte enquanto seus pés se moviam em um ritmo constante.

Levamos alguns minutos para contar os campistas, espreitando cuidadosamente dentro de cada barraca para não acordá-los ou preocupá-los. Mas quando cheguei ao lado esquerdo do acampamento, contei uma garota desaparecida.

Era o meu pior medo. Acabei de me mudar para esta cidade e agora perdi um filho.

Na floresta maldita. Durante uma tempestade.

— Nina, temos um campista faltando! — A voz de Max parecia em pânico.

— Eu sei. — Suspirei e limpei a chuva do meu rosto. — Bailey está desaparecida.

Max se abraçou com força, ansiedade e medo irradiando dela. — Não é apenas isso - há um aviso de inundação repentina e estamos a menos de uma milha da Bacia do Barro Vermelho. — No meu olhar em branco, ela esclareceu: — Isso significa que estaremos em um grande rio se não sairmos daqui rápido.

Merda. Antes que eu pudesse perguntar o que fazer a seguir, o céu se abriu e começou a despejar galões e galões de água em cima de tudo à vista. — Você pega todas as outras mães para ajudar a arrumar as meninas. Vou ver se encontro Bailey.

A garotinha estava lá sozinha e, por mais inteligente que fosse, sua estrutura de 50 libras não seria capaz de suportar a corrente de água que vinha em nossa direção.

— Espere! — A voz frenética de Max me parou, e eu me virei para encará-la. — Você não pode ir lá sozinha, Nina. É perigoso.

— Imagine o quanto é pior para uma garotinha assustada, Max. Alguém tem que ir atrás dela, e eu sou a única que não tem mais ninguém, dependendo de mim.

Era um fato triste, mas *era* um fato. Meu último parente vivo havia morrido há mais de uma década e, naquele tempo, eu não tinha formado nenhuma conexão duradoura. Não havia ninguém lá fora que pudesse sentir minha falta se eu não voltasse.

— Isso é besteira e você sabe disso. — Eu reconheci a voz zangada de Max.

— Vamos discutir se eu voltar, sim? — Antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa para me desencorajar ou dissuadir, peguei minha lanterna e parti na direção da bacia, sabendo que havia muita folhagem e vida selvagem para atrair um pouco de explorador para o local exato.

Enquanto eu me aventurava mais longe do acampamento, a noite parecia escurecer e eu empurrei o medo e o pânico que ameaçavam me dominar. Não havia tempo para ter medo. — Bailey? Você pode me ouvir? — Fechei os olhos e prendi a respiração, esperando ouvir um pequeno choro ou uma criança gritar sobre a chuva, ou pelo menos através dela.

Nada.

Eu empurrei mais fundo na escuridão, na parte mais densa da floresta onde estaria a chave dos distintivos de Bailey. — Bailey! — Eu me

esforcei para ouvir uma resposta, mas, em vez disso, ouvi um estalo alto e não identificável, seguido por um ruído branco difuso. Não, não há ruído branco - água. Muita e muita água. — Bailey!

Quanto mais eu andava, mais alta ficava a água, até atingir o tornozelo. Eu segui em frente, chamando o nome da menina no topo dos meus pulmões até encontrar um espaço aberto cercado por pedras. Pedregulhos, realmente. Então, ouvi algo. — Socorro! Alguém me ajude, por favor.

— Bailey! Bailey, você pode me ouvir?

Estava escuro demais para ver qualquer coisa; as nuvens eram grossas demais para o luar espiar. — Bailey! — Eu gritei novamente.

A água subia cada vez mais rápido. Muito rápido.

— Socorro! — A voz de Bailey estava mais próxima agora. Eu procurei na área com minha lanterna. — Bem aqui! Socorro, estou bem aqui!

O raio de luz me permitiu captar um breve lampejo de um braço que balançava ao longe, mas toda a água fez meus movimentos lentos e lentos.

A terra se tornou uma lama espessa que parecia mais areia movediça, e cada passo era um esforço. — Aqui, Bailey, continue falando!

— Nina! Eu estou assustada!

— Eu também, garota. Mas temos que ser corajosas, ok?

Assim que as palavras saíram da minha boca, a terra caiu debaixo dos meus pés e eu deslizei sob a água. Lutei para encontrar o chão e, depois de várias tentativas, sabia que era inútil. Chutando minhas pernas atrás de mim, eu empurrei para trás acima da superfície e chupei um gole de ar. — Bailey?

— Você está bem, Nina? — Sua voz estava mais próxima, mas em algum lugar à minha esquerda, e eu tive que mudar de direção através da água espessa e lamacenta.

— Até agora, tudo bem, garota. — Levei alguns minutos, mas finalmente localizei Bailey, graças à sua lanterna tremeluzente em uma mão. Com a outra mão, ela estava segurando algo que eu não conseguia ver direito. Quando cheguei a ela, o rostinho de Bailey abriu um sorriso largo.

— Nina! Estou tão feliz em vê-la!

Eu bufei enquanto tentava envolver meu braço em torno do que ela estava usando para se ancorar, mas falhou. — Dadas as circunstâncias, tenho certeza que você está.

Estendendo a mão novamente, bati meus dedos contra algo duro e inflexível. Pedra.

Sua risada se transformou em tosse e ela começou a cuspir um pouco de água que me fez preocupar. — Estou com medo, Nina.

— Eu também. O medo não vai nos ajudar agora, no entanto, então eu preciso que você diminua.

— Como faço isso? — A lanterna caiu da mão dela e eu a peguei antes que atingisse a água.

Eu lutei para agarrar o topo do pedregulho que Bailey se agarrava. Em vez disso, minha mão pegou uma ponta pontiaguda e eu mordi um estremecimento de dor quando ela cavou na minha palma. — Continue dizendo a si mesma que sua força é mais forte que seu medo.

Bailey fechou os olhos com força e repetiu as palavras várias vezes em um sussurro suave, depois as abriu de novo e me encarou enquanto perguntava com voz rouca: — Vamos morrer, Nina?

Eita, as crianças com certeza chegaram ao rápido, não é? — Não, acho que não. — eu disse a ela honestamente, mesmo que eu não tivesse muita certeza disso. — Mas temos que acreditar que sim, porque não tenho certeza de que nenhum de nós tenha força para se agarrar a essa rocha para sempre.

Sua risada soou doce e musical aos meus ouvidos, e tive um pensamento repentino de que, se fosse o último som que eu já ouvira, isso não seria tão ruim. — Você disse que éramos fortes.

— Nós somos. Mentalmente forte, mas fisicamente, acho que a água e essa rocha podem nos fazer bater. — Mesmo quando as palavras caíram dos meus lábios, Bailey começou a escorregar.

— Nina!

Meu braço disparou para agarrar a garota, e nós duas caímos na água enquanto minha mão envolvia o tecido de sua blusa de noite. — Nina, eu...

— Segure-se em mim e não solte. Não importa o que, ok?

Bailey assentiu, seus olhos verdes arregalados e aterrorizados. — OK.

— Tudo certo. — Respirei fundo várias vezes e soltei-as lentamente, reunindo toda a energia que pude encontrar para subir de volta a rocha com mais cinquenta libras nas costas. Foi lento, e meus músculos gritavam sua miséria no fogo queimando a cada movimento.

Minhas respirações saíram de mim com mais força do que alguém da minha idade e peso exigiria, mas, finalmente, aquele ponto rochoso cavou o centro da palma da minha mão e fiquei com tudo o que tinha. — Você está bem aí, garota?

— Sim, eu acho que sim.

— Bom. — Eu segurei a rocha o mais forte que pude enquanto a chuva nos atingia por todos os lados e o trovão rachava acima. Meu coração disparou com a velocidade de um garanhão e meus braços tremiam de exaustão, mas mantive meu aperto. Bailey estava contando comigo.

— Você tem namorado, Nina?

— Não.

— Eu também não. — disse ela sombria.

— Você é jovem demais para um namorado.

Ela riu. — É o que minha mãe diz também. Mas você não é muito jovem.

Ai. — Não, eu não sou muito jovem, mas sou... difícil. — Era uma palavra usada para me descrever em mais de uma ocasião, mesmo pelo meu tio Rudy, que eu sabia que me amava muito. — Tenho certeza que vou encontrar um.

Eventualmente. Eu realmente não acreditava nisso, mas não havia sentido em compartilhar isso com um pequeno coração que ainda precisava ser quebrado além do reparo.

O som de mais água correndo rompeu o ruído constante da chuva batendo nas pedras e nas árvores, e meu aperto aumentou. Momentos depois, nós duas fomos varridas pelo dilúvio.

PRESTON

— Você realmente não está interessado em nenhuma dessas mulheres vagando pela cidade na esperança de se tornar a Sra. Preston Worthington? — Os olhos de Nate mostraram tanto choque quanto sua voz segurou quando balancei minha cabeça.

— Nem um pouco. Se eu tiver que passar os próximos cinquenta anos com uma mulher, prefiro que eu possa estar por perto. Finalmente.

Na verdade, porém, eu esperava mais do que isso. Amor, carinho, atração e talvez até algo genuíno. — Sinta-se livre para participar na minha ausência.

Nate balançou a cabeça firmemente. — Não, obrigado. Mulheres de alta manutenção não são a minha coisa.

— Sim, todos nós estamos apostando se você tem uma mulher escondida no parque em algum lugar. — Com seu cabelo ruivo curto e uma barba combinando, Nate parecia o homem solitário da montanha que ele se imaginava. Ele não namorava ninguém seriamente nos quatro anos em que trabalhamos juntos para o NPS.

Sua risada era alta e estrondosa, e ele até deu um tapa no joelho por uma boa medida. — Se você a encontrar, me avise. Inferno, eu adoraria uma mulher que esteja tão feliz por estar na natureza, quanto em um jantar ou um jogo de futebol.

— Você assiste a jogos de futebol? — Afinal, era o Texas, e o futebol era rei, mas eu nunca tinha visto Nate em um único jogo.

— Ainda não, mas eu poderia.

Nós compartilhamos uma risada, mas o estalo do rádio interrompeu com uma ligação e nós dois estávamos instantaneamente em alerta

máximo. Nate pegou o telefone que se conectava automaticamente ao oficial de expedição, sua expressão ficando mais escura a cada segundo. — Equipe dois respondendo.

— Está bem? — Em uníssono, levantamos rapidamente, pegando nossas sacolas de S&R e indo para o caminhão verde e dourado.

— As tropas de Tulip estão presas na chuva e há uma inundação repentina na bacia no extremo sul do parque. — ele retransmitiu. — Duas campistas estão desaparecidas e é tudo o que temos. Vamos lá.

Levamos menos de dez minutos para chegar ao local, onde encontramos águas profundas no tornozelo que estavam subindo rapidamente. Maxine Nash correu até mim, uma garotinha rápida nos calcanhares. — Oh, graças a Deus você está aqui, você tem que encontrá-las!

Coloquei minhas mãos em seus ombros para garantir que seus olhos em pânico travassem nos meus. — Eu preciso que você se acalme e me diga o que sabe.

Max respirou fundo, fechou os olhos e soltou o ar. Quando os abriu novamente, falou como a mulher sem sentido que provou ser ao longo dos anos. — Quando a primeira gota de chuva caiu, Nina e eu fizemos uma verificação na cama para contar todas as meninas. Uma estava desaparecido - Bailey. — Lágrimas brotaram em seus olhos e ela colocou o punho na boca em perigo. — Eu não deveria ter deixado ela sair sozinha, caramba.

— Provavelmente não. — Nate concordou com naturalidade, encolhendo os ombros indiferentemente quando eu olhei para ele.

— Eu não queria que ela saísse, mas ela insistiu, dizendo que ninguém estava esperando em casa por ela, o que é besteira total. Mas... — Lágrimas começaram a escorrer por suas bochechas. — Eu poderia ter ido com ela, mas pensei em Callie e eu simplesmente... não podia. — Ela

segurou a garotinha - que eu agora assumi ser Callie - perto e algo como simpatia rastejou sob minha pele. Agora não era a hora.

— Está bem; diga-nos onde ela foi, Max.

Ela apontou na direção da bacia e eu gemi quando Callie deu um passo à frente e puxou minha capa de chuva. — Bailey está tentando conseguir o crachá da vida selvagem, então acho que ela foi ao pequeno lago onde há veados e outras coisas para os animais comerem e beberem.

Eu caí no meu quadril e cobri seu pequeno ombro com uma mão. — Obrigado, Callie. Isso é uma grande ajuda. — Levantando-me, virei-me para Max. — Agora, vocês duas precisam pegar o ônibus onde está quente e seco. O motorista afastará vocês das enchentes e seguiremos com as outras duas quando as encontrarmos.

Fiz questão de dizer 'quando', não 'se' - parecia que Nina significava muito para essas mulheres. Eu não sabia muito sobre ela, exceto que ela era uma garçonete relativamente nova no Black Thumb.

— Isso pode ficar confuso. — admitiu Nate, caminhando ao meu lado enquanto assistíamos Max e sua filha correrem para o ônibus.

— Mulher estúpida não deveria estar tentando ser uma heroína. — Eu esperava que ela não perdesse a vida e a da criança, mas não havia tempo para se preocupar com isso. Tínhamos que encontrá-la na chuva torrencial, em inundações repentinas e escuridão absoluta.

— Você esperaria que uma mulher deixasse uma garotinha sozinha para se afogar? Até você é mais esperto do que isso. — Nate me deu um tapinha nas costas com uma risada bem-humorada e nós nos movemos como um, gritando seus nomes e usando lanternas de alta potência para pesquisar a área com cuidado.

Qualquer coisa poderia acontecer nesse tipo de inundação - em um momento, a chuva parecia pouco mais do que um aborrecimento, e no seguinte, lavou tudo. Árvores, arbustos, arbustos, lagoas transbordando e lagos. Pessoas e casas também. Poderia lavar tudo durante a noite e, de

manhã, deixar uma paisagem vibrante e animada, sem deixar vestígios dos danos que causara. — Nós devemos ir direto para a bacia, porque provavelmente já está meio cheia agora.

Movendo-se em sincronia, examinamos cada centímetro de espaço à nossa vista para os dois campistas. Cerca de um quarto de milha desde o início da bacia, estávamos na água na altura da cintura.

— Pare! Espere!

A lanterna de Nate pegou a mancha vermelha primeiro. — Pronto. — eu o chamei. — Não se preocupe, estamos aqui para ajudar.

— Não brinca. — Nina gritou brandamente. — O chão acaba significativamente em cerca de seis metros. Fui embaixo e meus pés não conseguiram encontrar o chão! — Ela não parecia em pânico, o que me impressionou, mas a preocupação ainda estava clara em sua voz.

— Merda. — Nate gemeu. — Precisamos encontrar outro caminho. Não podemos arriscar que a água nos leve muito longe.

— Sim.

— Você vai para a esquerda e eu vou para a direita? — Nate era o mais eficiente em resgates, e foi por isso que fizemos uma boa equipe.

Mas eu era o planejador. — Precisamos ficar juntos. Dessa forma, nós dois as alcançamos e as salvamos. *Ambas*.

Nate assentiu e bateu no meu ombro, o sinal que ele estava pronto para mover quando eu estava. Atravessar Nina e Bailey demorou mais do que deveria, dado o peso e o fluxo da água ao nosso redor. — Sou eu ou a água está muito agitada?

— Não é só você. — Nate concordou solenemente, seu aperto no meu ombro um pouco mais apertado quando minha mão pousou na rocha.

— Aqui, pegue Bailey primeiro. — Nina falou. — Bailey, não solte até que um desses caras mande você, sim?

A garotinha assentiu, os dentes batendo com força demais para ela juntar uma frase. — M-medo.

— Mas mais forte do que você está com medo, certo? — Nina virou a cabeça para o lado para poder ver a garota assentir. — Legal. Esses caras são profissionais de resgate, então são basicamente super-heróis.

— Sério?

Lutei contra o desejo de revirar os olhos, mas Nate riu. — Bastante. Eu sou Nate e este é Preston.

Nate alcançou meu ombro quando Nina virou as costas para nós. Ela agarrou a menina pela cintura enquanto eu segurava uma corda ao seu redor. — Ok, Bailey, deixe ir.

A garotinha hesitou brevemente, mas fez o que foi mandado. Com um pouco de esforço, ela estava a salvo nos braços de Nate quando ele voltou para a terra plana e imóvel.

— E a Nina?

— Eu tenho Nina. — gritei sobre o barulho da tempestade e do dilúvio.

— Eu realmente espero que você faça. — ela chorou, e eu pude ouvir um pouco mais de pânico em sua voz agora que Bailey se foi. — Minha mão está escorregando, dormente e sangrando como uma louca. —

— Apenas espere. — eu disse a ela, mas uma onda de água caiu sobre a rocha e ela deslizou abaixo da superfície. Instintivamente estendi a mão para pegar qualquer coisa que pudesse, pegando seu tornozelo na minha mão. — Peguei você!

Mas Nina não podia me ouvir; ela ainda estava debaixo d'água. Puxando-a para mais perto até sentir a sua cintura, eu a levantei de volta. O ato de cuspir e xingar me cumprimentou.

— Merda, essa foi por pouco. Obrigada.

— Sem problemas. Preciso amarrá-la a mim ou você pode esperar?

— Contanto que você não tenha partes pontudas, eu estou pronta para ir. — Percebendo como esse comentário poderia ser interpretado, Nina soltou uma risada divertida. — Você sabe o que eu quero dizer. E mesmo se você não fizer isso, pode ser um pouco doloroso para você.

Eu sorri quando ela colocou os braços em volta da minha cintura e deu um pequeno aperto que poderia ter sido um abraço ou poderia ter sido nada mais que uma resposta de medo. No momento, meu foco estava em nos tirar do inferno do caminho da água.

Demorou metade do tempo para voltar para a terra estável e para encontrar as meninas. Agradecidamente.

As pernas bambas de Nina quase a derrubaram no chão quando ela tentou andar, então eu segurei seu braço para mantê-la firme. — Obrigada. Vocês dois.

Na escuridão, seus cabelos pareciam pretos, mas seus olhos eram de um tom de azul tão claro que eram quase claros sob as luzes de emergência da área de estacionamento.

— O que diabos você estava pensando? Você poderia ter morrido lá fora! — Era a tática errada a ser adotada e eu sabia que estava agindo como se fosse meu primeiro resgate, mas o que ela fez foi estúpido e perigoso.

Nina arrancou com raiva do meu aperto e deu um passo vacilante para trás. — Desculpe? Eu disse obrigada. Você pode estar a caminho agora, cara.

— Foi incrivelmente estúpido. — eu disse, incapaz de me ajudar.

— É estúpido tentar salvar a vida de uma criança de sete anos? Parece que eu deveria ter tentado afogar você antes de voltarmos à segurança. — Braços cruzados, ela se virou devagar e mancou para longe, o que eu notei agora não eram apenas pernas instáveis.

— Você está machucado.

Ela deu uma risada. — Você não poderia me machucar se tentasse, cara.

— Preston. — eu a lembrei por algum motivo.

— Obrigado pelo resgate, mas você pode manter seu conselho não solicitado. *Preston.*

Eu poderia ter acreditado nela se o mancar não tivesse piorado a cada passo, e se ela não tivesse gritado de dor um momento antes de cair no chão lamacento.

— Mulher teimosa. — eu murmurei. Em cinco passos rápidos, eu estava ao lado dela, levantando-a nos braços e carregando-a para o caminhão. — Você machucou o tornozelo e disse anteriormente que sua mão estava sangrando. Você está tão confusa que vai ignorar conselhos médicos sólidos por despeito?

Ela suspirou pesadamente e me bateu com um olhar tão frio que me fez tremer. Ou talvez tenha sido a chuva. — Vou ao médico depois de verificar Bailey e voltarmos à cidade. Vai aguentar.

Antes que eu pudesse dizer outra palavra, Max e Callie correram para o lado de Nina, envolvendo-a - e, portanto, eu - em um grande abraço sufocante.

— Você me assustou até a morte, sua grande boneca. — Max repreendeu, abraçando Nina com força.

— Você salvou Bailey, Nina! — Callie decolou na direção da menina e deu a ela o mesmo tratamento que sua mãe havia dado a Nina.

— Não consigo respirar aqui. — Nina engasgou.

Max deu um passo para trás. — Eu não sei se vou te matar ou te abraçar novamente.

— Que tal você sorrir para mim a uma distância segura e fazer com que esse cara me solte?

Cruzando os braços, Max olhou para mim. Eu estava imóvel. — Ela está ferida e precisa de atenção médica. — eu disse simplesmente, e foi o suficiente para transformar a amiga de Nina Maxine em uma aliada.

Ela suspirou e deu um passo à frente. — Deixe Preston ajudá-la, Nina.

— Eu posso me ajudar. — Ela se virou para mim e mais uma vez fiquei impressionado com aqueles lindos olhos azuis. — Não que eu seja ingrata, mas posso ir ao médico sozinha. Não é uma emergência, o que significa que posso esperar até que eu pegue algumas roupas secas e meu carro.

— O ônibus a levará ao pronto-socorro, Nina, não há problema.

Nina abriu a boca para recusar a ajuda, mas eu falei primeiro. — Perfeito. Me dê suas chaves e eu vou pegar suas roupas e seu carro.

Ela riu de novo. — Primeiro de tudo, eu não te conheço, e não há nenhuma maneira de eu deixar você entrar em minha casa para vasculhar minha gaveta de calcinhas.

— E em segundo lugar? — Eu perguntei, divertido com sua atitude agressiva. As mulheres raramente levavam esse tom comigo, mas Nina não parecia nem um pouco preocupada em parecer ofensiva.

— Segundo. — ela acrescentou. — N*inguém* dirige meu carro.

Era um passeio agradável, um Mustang GT 1965 azul royal conversível - bastante carro para uma mulher tão pequena. — Não posso culpar um cara por tentar.

Ela revirou os olhos quando eu a coloquei no banco da frente do ônibus com a perna elevada e gaze enrolada na mão sangrando. — Obrigado por não ser muito idiota com isso. — disse ela suavemente.

Eu sorri. Ela não fazia ideia.

NINA

Se havia um lugar que eu nunca quis passar, era o hospital. Não que houvesse algo errado com o West Texas General Hospital, localizado a 20 quilômetros de Tulip, eu simplesmente não queria estar lá. As enfermeiras estavam um pouco animadas demais, mas o médico parecia competente pelos cinco minutos que eu o vi antes de me ordenar que fizesse radiografias no tornozelo direito e na mão direita.

Duas horas depois, meus ossos foram fotografados com um raio-X e uma ressonância magnética, e eu me sentei em uma desconfortável sala semi-privada localizada no departamento de emergência, esperando. E esperando. E esperando.

Minha paciência se esgotara. Meus nervos ainda estavam um pouco cansados e havia uma chance melhor do que boa de sofrer um leve caso de choque, a julgar pela minha pele fria e úmida, coração acelerado e um leve sentimento de náusea. Ou, talvez tenha sido apenas a emoção das últimas horas. De qualquer maneira, eu estava totalmente fodendo sobre isso.

Eu não conseguia nem descansar por causa de todos os barulhos que me cercavam. Máquinas apitavam, enfermeiras fofocavam, pais impacientes exigindo tratamento mais rápido para seus filhos doentes ou feridos. As luzes fluorescentes também não estavam ajudando, então me deitei, fechei os olhos e joguei o antebraço sobre o rosto para bloquear o máximo possível.

A última vez que pus os pés em um hospital foi no dia em que me despedi do tio Rudy. Eu segurei sua mão até que seu coração parou de bater, e jurei que nunca mais voltaria. E eu não teria, se não fosse meu amigo teimoso e um trabalhador de resgate mandão.

— Como estamos nos sentindo, Srta. Ryland? — O jovem médico de emergência, Dr. Cahill, entrou com um sorriso de estrela de Hollywood em seu belo rosto. Seu cabelo preto grosso e encaracolado se erguia bagunçado, e eu me perguntava se era um olhar cuidadosamente cultivado ou se ele estava simplesmente muito ocupado para se preocupar com coisas mundanas, como sua aparência.

Suspirei e me levantei com a mão esquerda não ferida. — Estamos melhor, doutor. Qual é o veredicto?

— A boa notícia é que nenhum dos seus ossos está quebrado. — Ele deu outro sorriso que era igualmente impressionante, mas tinha uma pitada de simpatia que o suavizou pelas bordas.

— Ok, quais são as más notícias?

— Você tem um ligamento medial rasgado no tornozelo, o que exigirá uma bota por algumas semanas e depois a reabilitação.

— Reabilitação? É apenas um pouco de inchaço. — Ok, claro, o inchaço parecia que meu pé tinha sido explodido como um balão e estava com um tom desagradável de roxo e azul. E sim, doía como um filho da puta, mas ainda assim, era apenas uma entorse de tornozelo.

— Nina. — Ele disse meu nome exasperado, mas sua expressão permaneceu impassível. — É uma entorse severa. O choque do que aconteceu com você hoje à noite é provavelmente o motivo pelo qual você não pode perceber quanta dor está sentindo, mas confie em mim, é ruim.

Ele me apontou com um olhar sério por vários segundos e eu olhei para trás, recusando-me a ser intimidada por esse homem inteligente e bonito. Eles eram um centavo em uma dúzia, e, embora ele certamente fosse bonito de se ver, ele também era o motivo pelo qual eu ainda estava sentado nessa cama de hospital miserável.

— Nós lhe daremos uma bota para o tornozelo e você precisará usá-la por três semanas, mas não depois dos primeiros três dias. — disse ele,

— Onde espero que você fique completamente fora do tornozelo, exceto por viagens ao banheiro.

— Três semanas! Não posso ficar de bota por tanto tempo, trabalho de pé o dia todo, doutor. Três semanas em uma bota não significavam trabalho, o que não significava dinheiro. Tem que haver outra opção.

— Não existe. — ele me informou categoricamente. — E três semanas é um ponto de partida, pode demorar mais. E depois, há fisioterapia.

Eu gemi e caí contra a cama coberta de papel de açougueiro. — Agora, vamos falar sobre sua mão.

— Tire todas as boas notícias do caminho, doutor.

Realmente não importava o que ele dissesse a seguir, porque três semanas sem trabalho consumiriam minhas economias e poderiam me forçar a mergulhar no dinheiro que tio Rudy havia deixado para mim. Dinheiro que prometi não usar até descobrir o que diabos faria da minha vida.

— A mão não é tão ruim, mas exigirá pontos. — Ele sorriu quando uma enfermeira ou estagiário empurrou uma bandeja ao lado da cama que parecia muito com uma variedade de dispositivos de tortura. — Provavelmente cerca de treze. Não vai doer muito, eu prometo.

— Apenas faça, por favor. — Inclinei-me para trás e fechei os olhos, ouvindo seus passos de tênis no chão de linóleo. Seu toque era leve e sua pele quente, mas nada disso fazia as picadas da agulha doerem menos.

— Você sentirá alguns puxões, Nina, mas é isso.

Eu balancei a cabeça, mantendo os olhos fechados. Eu realmente não queria assistir. O olhar que eu tinha pegado na minha mão antes tinha sido suficiente - ver onde a grande pedra havia deixado uma cicatriz em forma de estrela no centro da minha mão quase me deixando mal do estômago.

Abri os olhos assim que a porta se abriu e o Sr. Mandão entrou no meu quarto sem aviso prévio. — O que você está fazendo aqui?

Preston, aparentemente indiferente ao meu tom, jogou uma bolsa verde suspeita e familiar em uma cadeira ao lado da porta. Ele deu de ombros com um sorriso que era muito desarmante para o meu gosto. — Era mais fácil deixar você pensar que vencerá, do que continuar discutindo com você. Max me deixou entrar em seu lugar, e ela arrumou a bolsa - sua gaveta de calcinha permanece intacta.

O médico riu sobre a minha mão. Pensei em repreendê-lo educadamente por rir de seu próprio paciente, mas antes que eu pudesse encontrar a coisa certa a dizer, ele suspirou e anunciou: — Quinze pontos. Gostaria de ver minha obra?

— Não, obrigada. — eu respondi com um olhar firme. Isso teria que ser suficiente. Satisfeita por ter expressado minha opinião, voltei-me para Preston. — Obrigada pela bolsa. Tenha uma boa noite.

— Ai. — ele disse, esfregando uma ferida imaginária no centro de seu peito bem desenvolvido. — Você vai precisar de uma carona para casa. — ele me informou em um tom de acusação que eu não gostei.

— E eu vou encontrar uma quando chegar a hora. — Se Maxine estivesse ocupada, o que ela quase certamente estaria, eu aproveitaria um dos três serviços de compartilhamento de passeios em Tulip. — Consegui percorrer todo o país por conta própria, mas obrigado pela preocupação. — acrescentei, caso parecesse ingrato.

— Você não pode dirigir com esta lesão. — interrompeu o médico, — Pelo menos até que a bota saia.

Lancei-lhe um olhar sombrio. — Não existe uma lei contra a divulgação de informações médicas com um completo estranho na sala, doutor?

Seu olhar passou de mim para Preston e desceu para minha mochila verde antes de pousar em mim. — Peço desculpas, mas achei que ele era seu, hum, amigo.

— Sou amigo. — confirmou Preston. — E o homem que salvou sua vida, juntamente sua carona de volta para casa.

— Tenho certeza de que você tem papelada para arquivar ou alguns caminhantes perdidos que deve encontrar. Não se preocupe, vou pegar uma carona quando receber alta.

Ele sorriu, e eu tentei muito não notar o quão cheios e rosados seus lábios estavam. Que beijável. — Por que você faria isso quando eu já estou aqui?

— Porque você precisa voltar ao trabalho. Mas obrigada pela mala.

— Você é teimosa como o inferno.

Ele estava certo sobre isso. Eu tinha que estar, ou as pessoas andariam por cima de mim. Eu nunca deixaria isso acontecer. De novo não.

— Você também. Agradeço a oferta, mas quem sabe quanto tempo vou ficar aqui. Vou ligar... merda. — Todos os meus pertences estavam de volta ao acampamento, cheios de água ou arrastados pela enchente. — Bem. Você pode me emprestar um quarto, ou o quanto um telefone público custa hoje em dia?

— Você pode fazer uma ligação daqui. — interrompeu o Dr. Cahill, acenando com a cabeça em direção ao telefone.

Eu bufei. — E pagar suas taxas hospitalares exorbitantes? Acho que não. — Voltei-me para Preston. — Então, nesse trimestre?

Ele cruzou os braços e eu devo ter deixado meu olhar nos músculos grossos, marrom-dourados, mal contidos dentro da camisa verde que fazia parte do seu uniforme. Preston cortou uma bela figura, e seu cabelo loiro parecia perfeito - seco e ondulado, como se ele não tivesse sido pego pela

mesma tempestade, eu tinha certeza de que eu estava parecendo um gato afogado. Seus olhos azuis brilhavam, lembrando-me do sol brilhando nas ondas do oceano. — Você não precisa de um quarto, apenas me dê um grito quando estiver pronta. — Para pontuar suas palavras, ele arrastou a cadeira ao lado da porta e a colocou, e a si mesmo, à minha esquerda.

Quando recebi muletas, analgésicos e uma bota para o tornozelo, outros noventa minutos se passaram e eu estava pronta para dormir por vinte e quatro horas seguidas. — Tudo bem. — eu concedi cansadamente. — Você pode me deixar na minha casa, se a oferta ainda permanecer.

Ele deu um sorriso quando se levantou e me entregou a mochila. — Não foi tão difícil, foi?

Foi mais difícil do que ele sabia. Confiar nas pessoas não era o meu forte e confiar em estranhos não era algo que eu normalmente considerasse, mas agora eu estava presa, e Preston estava me oferecendo uma mão. — Obrigada.

— Eu vou trazer o carro.

Eu fiz uma careta. — Você não tem *meu* carro, certo?

Ele sorriu novamente e deu de ombros como um garotinho culpado. — Te vejo daqui a pouco.

Ele não agradeceu a Deus. A viagem para a minha casa foi quase tranquila, exceto pelas músicas country tocando no rádio, e fiquei agradecida. Embora eu o tivesse visto pela cidade, eu realmente não conhecia Preston. O que eu sabia - que ele era da família fundadora da cidade e trabalhava em resgate - era muito pouco.

— Obrigada pela carona, Preston.

Ele não disse nada, então eu empurrei a porta aberta em sua bunda grande Escalade. Antes que eu pudesse sair, sua mão envolveu meu braço. — Não há nenhuma maneira de você subir os sete primeiros passos, não importa o segundo andar. — Ele se inclinou para frente, olhando para o velho vitoriano amarelo que havia sido dividido em dois

apartamentos. A minha, como Preston havia apontado, estava no nível superior.

— Apenas me leve a Max, então. — Eu estava confiante de que ela me deixara ficar no colchão de ar na sala de artesanato de sua casa de dois andares.

— Ela ainda está lidando com pais aterrorizados de todos os campistas. — ele me disse, balançando a cabeça. — Você pode ficar comigo a noite toda.

— Não, obrigada. Por que você não me leva ao motel mais próximo?

— Sim, e como você planeja ligar para alguém para buscá-la? Seu telefone está em um saco de arroz na minha casa, onde o resto de suas coisas está secando.

Eu me virei para encará-lo com um olhar tão sombrio que eu poderia ter chamado o próprio Lúcifer. — Você planejou tudo isso, não foi?

— Tentando ajudar uma mulher louca que arriscou sua vida, eu sou tão bastardo.

Então, o imbecil grande e bonito alcançou através de mim, passando seu braço musculoso na minha barriga e me fazendo ofegar quando ele fechou a porta. Ele acelerou antes que eu pudesse tentar escapar. — Se isso vai fazer você se sentir melhor, Nina, você pode me pagar para ficar na minha casa. Prometo que a comida é melhor que o café da manhã continental de Bernie no motel na interestadual.

A maneira como ele disse meu nome - baixo, lento e sensual - era tudo o que eu precisava para confirmar que ficar com ele seria uma péssima ideia. — Por que você está empurrando isso? Você nem me conhece.

— Eu sou um cara legal e você precisa de um amigo. — afirmou claramente. Ele não estava errado, mas isso não significava que eu gostava de admitir.

— Ainda. Não te conheço e não tenho o hábito de dividir uma casa com homens estranhos.

— Bem. Meu nome é Preston Worthington e trabalho para o NPS fazendo buscas e salvamentos. Nasci e cresci aqui em Tulip, menos alguns anos para a faculdade e o treinamento em S&R. Tenho um bom crédito, nenhuma prisão e você pode perguntar a alguém na cidade sobre mim.

Eu já sabia que nenhum deles teria algo ruim a dizer. Apesar da riqueza de sua família e de sua boa aparência modelo, Preston parecia ser um cara legal. — Você tem namorada ou esposa?

Era a única informação que até as fofocas da cidade só podiam especular, o que eu achei estranho. E, eu tive que confessar, bastante intrigante.

Ele estacionou a marcha e deslizou do caminhão. Depois de correr pela frente da maneira que os caras em forma pareciam tão fáceis, ele abriu minha porta com um sorriso. — Interessada?

— Se uma garota maluca vai ou não esgueirar-se da noite para o dia e segurar uma faca na minha garganta? Inferno, sim. — expliquei. — Então?

— Sem namoradas. Sem esposas.

— Amiga colorida?

— Não. — ele disse com um brilho nos olhos.

— Namorado?

Ele franziu a testa e eu ri. — Na verdade, meu melhor amigo Ry *é* o único que pode aparecer sem aviso prévio.

— Gin Rickey com um toque de limão. — Era a bebida favorita do paramédico, um coquetel antigo que quase ninguém pedia, por isso ficou comigo. — Ele é seu melhor amigo? — Imaginei que ele passeava mais com o promotor público tenso, mas bonito, ou alguns dos caras das finanças que moravam na cidade e se retiravam para o país apenas por

longos fins de semana e feriados. — Ei, o que você pensa que está fazendo? Tire suas patas de cima de mim!

Ignorando-me, Preston me levantou do banco como se eu não pesasse nada. Considerando o quão alto e musculoso ele era, meu corpo de um metro e cinquentae cinco provavelmente não era nada, mas ainda assim - uma garota tinha seu orgulho. — Eu estou ajudando. — Ele sorriu. *Sorriu* para mim, como se isso fosse algum tipo de jogo. Algum flerte.

— Tenho muletas para ajudar.

— Pavimentar a entrada da garagem é uma prioridade muito baixa na minha lista de coisas por aqui, então vamos levá-la para casa e então podemos lutar um pouco mais. OK?

Talvez eu estivesse sendo uma pirralha muito maior do que eu precisava, já que ele *estava* oferecendo ajuda da bondade de seu coração.Ou talvez fosse necessário que os membros da família Worthington realizassem um certo número de horas de boa vontade todos os meses. — Eu sinto muito. Estou cansada, com dor e não sou boa em aceitar ajuda.

— Não brinca. — ele murmurou baixinho, rindo como se eu tivesse acabado de lhe contar uma piada. Inalei seu perfume - limpo e masculino misturado com chuva e terra - e deixei-o assentar em meus ossos. Ele realmente era muito lindo e muito masculino. Tudo nele significava problemas. Felizmente, eu só estava aceitando sua ajuda pela noite.

Só por esta noite.

— Como esta sua dor? — A preocupação em sua voz me tirou de meus próprios pensamentos rebeldes, e eu me afastei das grandes janelas com vista para o lago.

— Não é boa. — eu admiti, dando de ombros. — Vou sobreviver.

— Tenho certeza que sim, mas se você estiver com dor, podemos realmente fazer algo sobre isso, sabia? — Preston revirou os olhos, mas seus lábios permaneceram curvados em um pequeno sorriso enquanto

apontava nessa direção e naquilo, dando-me um passeio fixo em sua casa. — Você só precisa do banheiro, já que não deve ficar de pé nos próximos três dias.

— Não precisa ser tão mandão; Lembro-me do que o médico disse. Droga. Ele sorriu de novo e cruzou os braços, como se pensasse que poderia me esperar. — Você não precisa voltar ao trabalho?

— Você não vai fazer algo estúpido como tentar voltar para casa, não é?

— Como você apontou, eu não poderia navegar no cascalho se quisesse, então não. Eu pretendo ficar aqui, sozinha, até amanhã.

Ele assentiu, satisfeito com a minha resposta. — Bom. Você pode ir para a cama, já que eu não estarei aqui até amanhã à noite. Vou pedir para Maxine ou Ry lhe trazer comida em uma hora ou mais. Fique fora desse pé.

— Sim senhor. — Minhas palavras foram acompanhadas por uma saudação sarcástica, que produziu um sorriso genuíno que iluminou todo o rosto de Preston. Era uma cara boa, uma cara ótima, na verdade, mas eu não tinha como encará-la como se fosse uma obra de arte pendurada na parede.

— Vejo você mais tarde, Nina.

— Obrigada, Preston, por tudo. Sério.

Ele piscou. — Não foi tão difícil, foi? — Sua risada permaneceu enquanto se dirigia para a porta.

— Continue falando bem e eu vou colocar pó de coceira na sua gaveta de roupas íntimas. — A última coisa que ouvi antes de o motor do caminhão ligar novamente foi o riso profundo do outro lado da grossa porta de madeira.

Foi tão bom. Eu tinha muito em mente para deixar-me sonhar acordada com um cara rico que estava bem e verdadeiramente fora da minha liga.

PRESTON

O resgate da jovem Bailey foi o que todos puderam falar nos dias que se seguiram ao dilúvio - um dilúvio que, como previsto, causou um grande alvoroço, deixando apenas para trás a beleza e a paz, além de um fluxo de turistas ansiosos para ver o que floresceria agora que a água havia revivido a vegetação no parque. Uma atividade tão benigna quanto parar para tomar uma xícara de café era agora um assunto de vinte minutos, enquanto eu respondia inúmeras perguntas sobre o bem-estar de Nina.

Quanto a Nina, ela era um mistério para mim, tanto quanto desde que chegou à cidade há quase um ano. Vistosa e teimosa, Nina não facilitava nada - nem mesmo quando eu me oferecia para preparar o café da manhã.

Mas ela também era engraçada como o inferno, com uma inteligência afiada o suficiente para cortar ossos. E ela era gostosa. Embora Nina Ryland não fosse do meu tipo, com tatuagens no braço e uma gema vermelha brilhando na narina esquerda, tudo nela me mantinha totalmente excitado.

Seus grossos cabelos castanhos caíam suavemente em volta dos ombros, tentando-me a passar os dedos pelas ondas para ver se pareciam tão macios quanto pareciam. Seus olhos azuis claros, da cor do céu da manhã, lhe davam uma aparência irresistível de vulnerabilidade, que eu tinha certeza que ela odiaria ouvir - Nina era uma garota durona. O tipo de garota que não fazia vulnerabilidade ou suavidade, o tipo de garota que eu geralmente não gostava. Mas nela, era malditamente atraente.

Ou talvez eu estivesse apenas intrigado porque ela não queria nada comigo. Em vez de se sentir atraída por mim, ou pelo menos fingir interesse, por causa da riqueza da minha família, parecia desligá-la

completamente, o que me transformou em um bastardo total por usá-la para conseguir uma reação dela.

— Eu trouxe comida. — gritei quando entrei pela porta dos fundos da minha casa, sorrindo ao suspiro surpreso de Nina.

— Não há necessidade de comida quando você está prestes a me levar para casa. — Ela tentou se levantar e caiu de volta no sofá, claramente frustrada. — Esta bota maldita está me deixando louca!

— Você praticou andar sobre ela?

— Prática? Eu sei muito bem como andar. Não há necessidade de *praticar*. Essa coisa é ridícula e definitivamente não foi feita para caminhar.

Murmurando para si mesma, Nina empurrou lentamente o sofá e suspirou feliz quando permaneceu em pé.

— Você tem que praticar ou ficar de bunda o dia todo.

— Que diferença faz, afinal? Buddy não me deixa trabalhar com a bota, mesmo que eu possa andar pelo comprimento do bar e voltar nessa coisa. Quero dizer, tenho certeza de que *poderia*, se tivesse um motivo para praticar.

Coloquei a bolsa no balcão e corri para o lado dela, pegando-a nos braços e colocando-a de volta em um dos bancos da cozinha. — Um bom motivo para praticar pode ser para que você possa navegar pelas etapas da armadilha mortal em seu apartamento, a menos que esteja finalmente se acostumando a ter um companheiro de quarto?

Ela bufou uma risada. — Você tem sido um ótimo anfitrião, embora irritante, Preston. Mas se eu ficar mais tempo, as línguas começarão a balançar, e essa é a última coisa que eu preciso.

Franzi o cenho enquanto pegava a pizza de camembert, figos, presunto e queijo de cabra fresco que eu havia comprado na loja gourmet da Kellyanne. — Você não me parece o tipo de mulher que se importa com o que as outras pessoas pensam. — Se o fizesse, as tatuagens e os

piercings poderiam tirá-la da cidade antes mesmo que ela assinasse seu nome no contrato.

— Eu não. O que me interessa são as garotas malvadas esquisitas, deixando-me dicas de merda, porque acham que estou ferrando o garoto de ouro da cidade. — Ela pegou o queijo, examinou a cunha de todos os ângulos e torceu o nariz em uma carranca adorável. — Deus, isso cheira horrível.

— Concordo, mas tem um gosto tão bom que você questiona sua sanidade. — Peguei o queijo dela e o abri, cortando algumas fatias para que ela pegasse uma que fosse mais queijo que casca. — Prove e *não* prenda a respiração.

Ainda franzindo a testa, ela segurou a fatia entre dois dedos por um momento, depois abriu a boca e a colocou na língua. O movimento não deveria ter sido tão sensual, mas bom Deus, era. Foi totalmente foda. Seus lábios grossos e naturalmente rosados se fecharam, e um gemido gutural atravessou o silêncio. — Foda-se, isso *é* bom. — Ela balançou a cabeça enquanto pegava outra fatia, dando o mesmo olhar cuidadoso que ela tinha antes. — As pessoas ricas são estranhas, mas estou começando a entender.

Era apenas a resposta que eu esperava. — Espere até você colocar a boca nessa pizza. — Eu balancei minhas sobrancelhas e ela balançou a cabeça novamente, rindo.

— Agora, pizza, mesmo pizza chique, posso me animar.

Eu me perguntei brevemente sobre o que mais ela ficava animada, mas decidi guardar a pergunta para outro dia. — Então comida? Ou você quer que eu te leve para casa e veja você lutar com as escadas antes de decidir voltar aqui?

Braços cruzados, olhou para mim quando ela terminou de mastigar o queijo. — Talvez eu lute com as escadas e decida que quero que você me leve ao lugar de Max.

Isso puxou outra risada de mim. Com sua boca inteligente, eu nunca me safava de nada. — Eu acho que isso também é uma opção, mas você não prefere lutar com o estômago cheio, em vez de com o estômago vazio?

— Eu sempre prefiro que meu estômago esteja cheio, então isso é meio que uma pergunta idiota. — Ela escorregou do banquinho e mancou até a geladeira, pegando duas cervejas. — Então, Preston, por que busca e resgate?

— Você quer dizer, em vez de grandes negócios com a minha família? — Era uma pergunta que eu fazia o tempo todo - o suficiente para ter uma pele bem grossa - mas pensei que Nina poderia ser diferente. Talvez fosse eu quem a julgasse.

Ela encolheu os ombros. — Ou em vez de se tornar policial, soldado, paramédico, bombeiro. Médico, advogado, fabricante de castiçais?

— Passei muito tempo ao ar livre quando criança, caminhando e pescando, nadando e, na faculdade, comecei a escalar rochas. No verão antes de me formar, eu fazia parte de uma equipe de busca procurando dois caminhantes perdidos. Finalmente os encontramos amontoados em uma caverna no meio do caminho entre o solo e o topo da rocha no Monte Katahdin, e eu assisti com admiração os caras da S&R subirem lá em cima e os resgatarem.

— E o resto foi historia?

— Inferno não. — confessei. — Eu consegui um ano na faculdade de direito antes de perceber que era chato e odiava, mas não tinha coragem de contar à minha mãe. Em vez disso, fiz todo o treinamento primeiro e depois fiquei limpo.

Nina sorriu, parecendo impressionada com a minha decepção. É certo que foi uma resposta estranha, mas eu estava aprendendo que Nina era um pouco estranha. — Você estava mais preocupado em contar à sua mãe do que ao seu pai?

— Mamãe é toda sobre aparências e ela é a Worthington pelo sangue, o que significa que ela se importa muito mais que o papai. — Meu pai ficou feliz por mim e estava orgulhoso do trabalho que eu fiz, mas ele não demonstrou na presença da minha mãe.

— Ela superou isso?

Eu soltei uma risada enquanto deslizava a pizza no forno. — Não. Me expulsou da família, exceto quando um fotógrafo está por perto. Não pode ter o mundo inteiro sabendo que ela é realmente uma pessoa terrível. — Ela não era verdadeiramente terrível, apenas julgadora e autoritária, mas eu não tinha vontade de explicar isso a Nina.

— Uau. Pessoas ricas estão realmente fodidas. Acho que você ficou mais interessante, Preston.

— Obrigado. Eu acho que?

Ela encolheu os ombros. — Quero dizer, é meio errado que você salve as pessoas para viver e isso não é de alguma forma bom o suficiente. Certamente, existem bons advogados no mundo, mas também há quem defenda estupradores e corporações que matam o meio ambiente. Tenho certeza de que vocês não fazem nada disso.

— Nós não. — eu esclareci, meu tom inexpressivo. — Mas não fazia parte do plano *dela*. Nenhuma das socialites com quem ela sonhava que eu me casaria seria morta com um marido que usa uniforme para trabalhar.

Nina bufou. — De onde eu venho, um cara com um emprego e sem problemas com a bebida é considerado um problema.

— De onde você *é*? — Desde que ela esteve na cidade, não houve muita fofoca sobre Nina Ryland.

— Principalmente St. Louis. Eu morei em Cleveland até os sete anos, mas não me lembro de muita coisa. — Seu olhar estava fixo na janela, muito longe. Eu me perguntava o que ela estava pensando.

— Uma garota do meio-oeste.

— Algo assim. — ela sorriu. — Nasci e cresci lá, mas como não tenho família para onde voltar, não a considero mais em casa.

— Lar é onde está o coração. — eu ofereci com um sorriso.

Ela bufou uma risada carinhosa que chamou meus olhos para o salto de seus seios e voltou para a curva de seus lábios. — Você é um monstro de queijo.

— Isso é uma coisa de garota de fazenda falar. — eu provoquei, rindo de seu olhar ofendido. Eu ri ainda mais quando ela me virou o pássaro.

NINA

Desfrutar de um almoço decadente no meio de uma jornada de trabalho era bom, se um pouco surreal para uma garota que vive por meios escassos. Eu não tinha nada para mim, além de uma necessidade de cozinhar e um desejo de estar perto de seres humanos reais, em vez de ficar escondida na casa de Preston, nos arredores da cidade.

— Você pode continuar com essa carranca, garota, porque eu não sou afetada. Não, de jeito nenhum. — Buddy olhou para mim firmemente, o ar entre nós pesado com infinita teimosia. — Sinto muito, Nina, mas não posso arriscar que você caia na cerveja derramada ou na gordura de frango frito e se machuque novamente. Não terei isso em minha consciência. Quando o médico diz que você está bem, pode voltar.

Soltei um suspiro dramático, cheio de frustração, mas assenti com as palavras de Buddy. — Compreendo. — E eu realmente fazia, mas isso não significava que não estava chateada.

Ainda assim, eu sabia que discutir com Buddy não faria nada para me trazer de volta para trás do bar. E eu precisava me mexer para poder pegar as compras com essa bota irritante, tornando as coisas muito mais difíceis do que deveriam.

— Não vá e não faça nada estúpido agora, Nina. Quero dizer. Você faz parte da Tulip, e as pessoas vão ajudar. Eu garanto.

Havia uma livraria na cidade onde eu podia pegar um jornal a caminho de casa, para dar uma olhada na seção de classificados. Até então, eu teria que ser econômica e empurrar minhas economias o máximo possível. Como não podia dirigir com a bota, economizava combustível e, como não sabia cozinhar para salvar minha vida, também economizava comida.

— Você quer algo para comer? — Buddy pergunta, ciente da minha falta de habilidades na cozinha.

— Não. Eu tenho mais algumas paradas para fazer, e eu preferiria não carregar nenhum quilo extra. Obrigada. — Eu assisti Buddy se afastar, resmungando baixinho, deixando eu e a última cerveja em paz.

Mas não durou muito - não a cerveja ou a paz.

— Parece que alguém arrancou um piercing. — Jayne sorriu para mim, seus olhos verdes brilhando e suas covinhas piscando de alegria.

— Puxa, obrigada. — eu resmunguei e revirei os olhos enquanto terminava minha bebida. — É bom ver você, Jayne. — Agora era o melhor momento para continuar com minhas tarefas.

— Oh, não seja tão sensível, Nina, estou aqui para ajudar. Honestamente. — Seu sorriso se iluminou, fazendo-a parecer quase legal, em vez dos vinte e poucos anos que eu imaginei que ela fosse. — Ei, amigo, posso pegar uma margarita?

Buddy odiava bebidas mistas e Jayne sabia disso. Ela piscou para ele, antecipando suas queixas regulares sobre como beber deveria ser feito como o bom senhor pretendia - de uma torneira ou de um copo. O fim.

Quando seu olhar voltou para mim, dei de ombros como se não importasse, mesmo que importasse mais do que eu queria. — Sim? E quem está se beneficiando dessa ajuda, eu ou outra pessoa?

Sua risada foi bem-humorada quando ela deu um empurrãozinho no meu ombro. — Eu gosto de você, Nina. Você é sempre honesta e não se assusta facilmente. Por que tem que ser um ou outro? — Sua pergunta foi tão abrupta que quase me deu chicotadas. Eu sabia que ela tinha feito isso de propósito.

— Na minha experiência, geralmente é. Estou aberto a ser surpreendido.

— E eu amo pessoas surpreendentes, por isso já somos uma combinação perfeita. — Jayne jogou para trás o resto da margarita e acenou com a cabeça em direção à parede enquanto deslizava do banquinho. — Ei, amigo, você pode nos trazer uma jarra de margaritas e os nachos sobrecarregados? Jalapeños extras. Vamos lá. — ela me chamou enquanto se afastava, certa de que eu a seguiria.

Eu gostaria. Silenciosamente. Em uma cabine silenciosa, nos sentamos de frente um para o outro e sem dizer nada, nós dois muito teimosos para continuar. Pelo menos, até Buddy colocar a jarra e dois copos gelados entre nós. — Eu tomo uma bebida. Fale.

Os lábios dela se contraíram em diversão. A maioria das pessoas aqui era educada demais para acelerá-la, satisfazendo seus caprichos, tangentes e compartilhamento excessivo. — Você estava por perto quando o furacão atingiu?

— Não, cheguei em Tulip pouco tempo depois. Mas ajudei na limpeza. Provavelmente foi por isso que as pessoas boas de Tulip não me julgaram com tanta severidade quando viram as modificações no meu corpo.

— Bem, então, eu tenho certeza que você já ouviu tudo sobre o Tributo da Tulip na praça da cidade. A estátua está rachada, o jardim foi pisoteado e a fonte precisa ser restaurada. — Ela suspirou dramaticamente e revirou os olhos. — É claro que a família Worthington adoraria jogar alguns dólares e dar todas as dicas, mas a cidade quer fazê-lo.

— Sim, eu ouvi sobre isso - é o principal tópico de conversa em qualquer lugar que você vá. Realmente não vejo o que isso tem a ver comigo, mas você pode me colocar para plantar flores ou o que for quando chegar a hora. — Um pouco de tempo e graxa de cotovelo percorreram um longo caminho nesta cidade, e não tive problemas em fazer minha parte.

— Você é um grande herói agora, e com razão. — acrescentou ela com outro sorriso covarde. — E devemos capitalizar isso. Golpeie enquanto o ferro estiver quente e tudo mais. — Estava começando a parecer que haveria algum tipo de enrolação, e eu não gostava. Eu não *fazia* enrolação.Eu ia direto. Corte nítido.

— Não deixe minha aparência te enganar. Eu não sou um bandido.

Ela parecia genuinamente ofendida. — Eu não achei que você fosse, mas também não achei que você fosse tão espinhosa. — Jayne levantou a mão para parar o comentário espertinho empoleirado na ponta da minha língua. — Ouça. Para arrecadar dinheiro para o Tributo, estamos montando um calendário de 'Heróis da cidade natal' de todos os bonitões da cidade. Principalmente aqueles que trabalham em trabalhos de emergência como polícia, bombeiros e paramédicos.

— E busca e resgate. — acrescentei, uma sobrancelha arqueada em suspeita.

— Sim. Olha, eu quero que esse calendário aconteça porque acho que é uma ótima maneira de todos usarem seus talentos - vou tirar as fotos, é claro, mas a cidade já fez um orçamento para um coordenador de eventos especiais, que não temos, ainda não encontrei. — A mulher não diminuiu a velocidade, nem mesmo para tomar alguns goles de margarita entre as frases mais comuns. — E eu posso te dar um show.

Eu olhei aquele sorriso covinha com cautela. Eu não confiava nisso. Quando contei a ela, Janey apenas riu. — Qual é o problema?

— Sem problemas. — ela ronronou, os lábios em volta da borda do copo.

— Essa é sua primeira mentira.

— Quanto eu recebo, exatamente? — Sua boca se contraiu novamente, seus olhos verdes brilhando com humor. — Certo, tudo bem. Preciso que você convença Preston a ser um dos garotos do calendário.

— Oh, então, este não é um trabalho real. — Porque não havia como Preston concordar. O homem poderia ter contrariado os desejos de sua família para sua carreira, mas ele era bom e adequado até os ossos e eu tinha certeza de que posar para um calendário de doces para homens não era apropriado nem aceitável, para ele. — Entendi. Obrigada pela oferta. — eu disse secamente.

— Olha, eu sei que é uma grande pergunta, mas também sei que vocês moram juntos recentemente. — Ela não parecia gostar das fofocas, o que talvez me irritasse ainda mais.

— Nós não estamos vivendo juntos. — eu corrigi. — Ele considerou meus passos um perigo e me levou para o lugar dele. Ele é arrogante e muito mais forte... você sabe o que? Não importa. Fico lá temporariamente, mas não tenho domínio sobre Preston. Você terá que encontrar outro coordenador.

— Isso é ruim. O trabalho vem com um salário integral e ainda permitiria que você trabalhasse aqui quando sua perna estivesse curada. Se você quiser. — Janey indicou uma quantia que era sobre o que eu esperava esclarecer com dicas em uma cidade desse tamanho - o que significava que dobraria meus ganhos atuais. — Pense nisso.

— Ele não vai concordar. — Eu não o conhecia bem, mas sabia disso.

— Cabe a você convencê-lo. — Eu estava convencida de que Janey poderia ser o diabo, a julgar por sua risada maliciosa e movimentos oculares sugestivos.

— Não é assim. — protestei.

— Se você diz, embora eu não saiba o porquê. Você é gostosa e ele é gostoso. — ela disse com um encolher de ombros. — Poderia funcionar.

— Nós somos muito diferentes. Você pode parar de dizer essas coisas tão alto?

— Por quê? Pousa-lo seria um grande negócio. Não para mim, é claro, eu o conheço desde antes de ele ser bonito. Lembro-me dele sem dentes da frente, não consigo ver isso. Ainda assim, ele é um bom partido.

— Você não entendeu. — eu disse a ela irritadamente. — Vou tentar, mas se eu fosse você, não pararia de olhar para preencher a posição.

— Você fará. — ela me assegurou. — E quando você fizer, será muito mais fácil convencer os outros caras da minha lista. Ligue-me se você tiver alguma dúvida. Seria melhor para todos nós se você aceitasse o sim, mais cedo ou mais tarde.

Ela empurrou o cartão de visita sobre a mesa enquanto deslizava para fora da cabine. — Conversamos em breve. Aproveite os nachos.

Eu gostaria de ter esse tipo de energia, especialmente ultimamente.

— Ei, amigo. — gritei na direção do bar. — Você pode fazer esses nachos? — Ele resmungou, mas gritou o status do pedido alterado para a cozinha. — Obrigada.

Seriam pelo menos duas refeições que eu não precisaria cozinhar ou comprar. Talvez tudo desse certo.

Coisas mais loucas aconteceram.

PRESTON

— Você quer que eu faça o *que* ?

Eu tinha certeza que tinha ouvido Nina incorretamente. Éramos praticamente estranhos e, além de alguns olhares que eu poderia ter descrito como agradecidos, ela não demonstrou nenhum interesse em me ver sem camisa. Assim que eu coloquei a pizza em uma prateleira de refrigeração, me virei para encará-la.

— Você me ouviu, Preston. Não torne isso mais difícil do que já é. — Ela estava agindo como se lhe pedissem para fazer algo ridículo.

— É fácil para você dizer quando não está sendo pedido para tirar a roupa e tirar fotos para estranhos babarem! — Não que isso parecesse horrível, mas a última coisa que me interessava era se tornar mais importante do que eu já estava nesta cidade.

— Antes de tudo, não aja como se tivesse um problema com mulheres babando sobre seu corpo quente. Por que diabos você se mantém tão bem se não quer que as mulheres apreciem isso?

Meu corpo quente?

— E eu não disse 'tirar a roupa', seu monstro. Eu disse 'calendário dos heróis da cidade natal', não modelagem de saque nua ou semi-nua. — Seu grunhido sarcástico era incrivelmente sexy, mas eu sabia que ela não apreciaria essa observação.

— Modelagem de saque?

— Sim, quando você está vendendo esse saque. — Ela fez beicinho e esticou a bunda em um ângulo estranho, graças à bota. Ainda assim, era adorável.

— Sinto muito, Nina. Não estou vendendo esse saque. — A última coisa de que eu precisava era a dor que certamente surgiria se minha mãe descobrisse que eu estava posando em um calendário. Não, eu estava jogando o jogo longo, ficar sob o radar. — Desculpe.

Ela suspirou e seus ombros caíram, mas escondeu sua vulnerabilidade rapidamente. — Então, você quer me dizer que um Worthington - aquele que salvou recentemente um dos campistas da Tulip - não fará sua parte para ajudar a restaurar o Tributo? Acho que estava errada sobre você.

Sua explosão parecia incrivelmente manipuladora, então eu dei de ombros. — Talvez você estivesse. — eu disse friamente. — Tenho certeza que não foi a primeira vez.

Nina congelou, e foi tão leve e tão rápido que pensei ter imaginado. Ela não disse nada em resposta, apenas olhou para a pizza morna e comeu. Relutantemente. — Não é tão bom quanto sua pizza chique. — disse ela finalmente. — Mas isso também não é terrível.

Era comida e eu a comprei, o que muitas vezes era o meu único critério no supermercado - especialmente quando eu era encurralado por uma mãe que estava namorando. Que eu sempre estava no mercado. — Grande elogio.

Ela deu de ombros e voltou para a refeição, terminando com rapidez suficiente para afastar qualquer pergunta, mas sem o gosto de alguém realmente apreciando o jantar. Nina escondeu bem suas emoções, mas provavelmente ficaria desapontada ao perceber o quanto seu rosto revelava. Eu não aguentava mais. — Qual é o problema se eu fizer isso ou não, Nina?

Ela encolheu os ombros. — Não é grande coisa. Você não está interessado e, ao contrário do resto das pessoas nesta cidade, *posso* aceitar o não como resposta. — Suas palavras eram claras, e seu comportamento estava me dizendo para me foder tão claramente. Eu não conseguia descobrir o porquê.

Por que eu deveria ser o cordeiro sacrificial para este calendário? E por que diabos me sentia mal por dizer não a esse pedido completamente irracional? Eu certamente não queria traçar um alvo maior nas minhas costas, aceitando encontros com mulheres nas quais eu não tinha interesse, simplesmente porque as boas maneiras diziam que eu precisava, mas eu não pude evitar - eu odiava o sinal de decepção em seus olhos azul forte, e a maneira como seus ombros caíram com derrota.

Era exatamente por isso que mantinha minhas interações com mulheres simples e casuais. Eu tinha drama suficiente na minha vida profissional.

Nina poderia estar tão brava quanto queria. Amanhã, eu começaria outro turno de três dias e, quando terminasse, ela provavelmente já estaria superando o que a estava irritando agora.

Eu esperava que sim, de qualquer maneira.



* * *

— Adoro quando a Patrulha Potluck chega ao escritório. — Nate sorriu para mim, sua boca cheia com a última oferta deles, cortesia de Edith 'Eddy' Henderson. — Não posso dizer que já tive torta de pastor de bolo de carne, mas é muito bom. — Ele gemeu novamente e começou a se sentir um pouco desconfortável.

— É toda a manteiga no purê de batatas. — eu o informei. Era a especialidade de Eddy, deliciosa e mortal. — Claro, é bom, mas posso sentir minhas artérias obstruindo toda vez que engulo. Pelo menos temos salada para equilibrar.

Nate riu, de alguma forma enfiando comida em seu rosto como se já não tivéssemos desfrutado de dois grandes burritos de café da manhã mais cedo naquela manhã. Ele até tomou banana algumas horas atrás.

Três porções depois, ele finalmente pegou ar. — Eles não te convidaram para fazer o calendário ainda?

— Você também? — Fiquei aliviado ao saber que não havia sido alvejado especificamente para este projeto. Nina não havia atendido nenhuma das minhas ligações ou retornado nenhuma das minhas mensagens de texto até agora, o que era bom para mim. Se ela não pudesse lidar com um pequeno desacordo, nunca seríamos realmente amigos de qualquer maneira - e isso era tudo que poderíamos ser. — Eu não estou interessado. Você está?

— É por uma boa causa, e eu realmente não me importo se as mulheres quiserem observar esse corpo; Eu trabalho duro nisso. — Ele bufou. — Além disso, é muito melhor do que a Patrulha Potluck babando por mim na academia. *Essa* é a definição de desconfortável. — Ele estremeceu dramaticamente e nós dois rimos. — É uma pena que você não esteja interessado, ter um Worthington no calendário pode ajudar com as metas de captação de recursos.

Parece que todo mundo estava determinado a me manipular - ou tentar, pelo menos. — Sério, Nate? Existem muitas maneiras de arrecadar dinheiro. Se você não acredita em mim, basta perguntar à minha mãe. A mulher poderia planejar uma angariação de fundos durante o sono e ainda garantir que era a passagem mais quente da cidade.

— Nós dois sabemos que se sua mãe faz um cheque, ela atropela os desejos de todos os outros. Dessa forma, todos contribuem. Então, quantos calendários você planeja comprar?

— Vou encontrar uma maneira de contribuir. — Eu sempre fazia, mas raramente com dinheiro. — Nina pediu para você falar comigo? — Nate estava divulgando os benefícios deste calendário um pouco demais.

Ele franziu a testa, olhando para mim como se eu fosse o louco. — Não. Por quê?

Contei a Nate sobre o pedido de Nina e como ela estava me congelando desde que eu recusei. — Agora ela está me ignorando, como se eu não tivesse todo o direito de dizer não. Sobre o que é isso?

Quanto mais eu pensava sobre isso, mais irritado ficava. O comportamento dela era infantil. Egoísta, realmente, quando eu estava fazendo o meu melhor para ajudá-la.

— Oh, ouvi dizer que Janey lhe ofereceu um trabalho coordenando as filmagens. — explicou Nate. — Mas *apenas* se ela conseguisse que você fizesse o calendário.

Eu não pude deixar de encará-lo por um longo tempo, confusa. — Desde quando você fofoca?

— Desde que fiquei preso em uma cabine com Janey enquanto ela flertava e me coagia a concordar em fazer o calendário. — Não havia sinais de engano e mais do que isso, eu acreditava nele.

— E isso é verdade, sobre o trabalho? — Ele assentiu, e eu senti simpatia brotando dentro de mim com um nó na garganta. — Merda. — Uma grande dose de culpa se seguiu. — Por que ela não me disse isso?

Ela poderia ter tentado me culpar ou ameaçar usar alguma coisa. *Qualquer coisa.* Em vez disso, ela ficou em silêncio.

— Não me parece o tipo de garota que aceita caridade. — disse Nate simplesmente.

— Mas Buddy não está deixando ela trabalhar. — eu disse a ele. — Ela realmente poderia usar esse trabalho.

— Por que você se importa tanto? Ela perguntou e você disse que não. Fique feliz por ela não ter manipulado a situação, especialmente desde que você a levou para morar com você.

— Vamos lá, cara. Não havia como ela suportar aquelas escadas no tornozelo.

O olhar de Nate me disse o quão cheio de porcaria ele pensava que eu era. — E ela não tem amigos na cidade?

Suspirei. — Max estava ocupada com o drama da enchente e eu tenho muito espaço - e não tenho colegas de quarto. Eu disse a ela para ficar comigo.

— Então, foi tudo ideia sua?

— Sim. — eu admiti. — E ela está lutando comigo todos os dias.

— Melhor do que tentar conseguir esse título de esposa, certo? Ou... você quer que ela queira esse título? — Seu tom de provocação me irritou, mas havia alguma verdade em suas palavras. Quando eu não disse nada, seus olhos se arregalaram. — Você gosta dela.

— Cale-se. — Eu gostava dela, mas não era o que ele estava sugerindo. Ela era engraçada e inteligente e, sim, gostosa como o inferno, mas nós éramos apenas amigos. Tipo isso. — Só estou tentando descobrir o que fiz para irritá-la.

— Ela provavelmente só está preocupada com como vai pagar as contas.

Outra pontada de culpa rasgou-me. Ela prefere lutar do que me pedir ajuda. — Eu realmente sou um idiota.

— Você não é tão ruim. Um pouco teimoso e cego, mas você é basicamente um cara legal. — Nate roubou outra garfada da caçarola com um sorriso. — Apenas peça desculpas, se você quiser. Ou diga a ela por que você não deseja fazer o calendário. Talvez ela seja razoável.

Sim. Ou talvez ela estivesse muito, muito zangada.

Nina

— Droga, Max, eu não sei como você consegue fazer com que o sabor da limonada cravada seja tão bom. Estou em um tipo especial de paraíso agora.

Recostando-me em uma de suas confortáveis cadeiras azuis da cozinha com o pé elevado em uma cadeira vazia, fechei os olhos com um suspiro. — Mas só vou ficar até conseguir subir as escadas sem cair de fadiga. Ou até que os hoagies acabem.

Max jogou a cabeça para trás e riu, um som animado e feminino, tão diferente da minha própria gargalhada desagradável. — Fique o tempo que precisar. Só lamento que o banheiro do andar de cima tenha inundado, de modo que o quarto de hóspedes fique fora de serviço até então. — Com o quarto de Max fora de serviço, eu passaria a noite no sofá. Não era o ideal, mas me deu a chance de reunir minha força e confiança antes de tentar meus passos novamente. — Como você está se sentindo?

— Agora? Melhor. — Depois de deixar o Black Thumb para executar minhas tarefas com uma caixa de nachos sobrecarregados presos em uma sacola, eu exagerei completamente e totalmente. Quando cheguei em casa com algumas cópias do meu currículo impressas, classificados de jornais enfiados debaixo do braço e duas sacolas de compras em uma mão, eu estava uma bagunça suada e exausta. — Eventualmente, não sentirei nenhuma dor quando tiver que ligar para você apenas para ajudar a descer da escada. Tão vergonhoso.

Max riu mais. — O que é um pouco de humilhação entre amigos? Eu poderia contar histórias embaraçosas sobre quase todo mundo na cidade.

— Estou ouvindo. — incentivei, inclinando-me para a frente com o queixo nas mãos e um sorriso ganancioso no rosto.

— Eu disse *que podia*, não que eu faria.

— Com medo de que você pague um pouco demais?

Max assentiu, mechas de cabelos ruivos caindo suavemente do alto rabo de cavalo que ela usava para manter a massa de ondas fora do caminho. — Eles me pagavam com juros, e alguns desses incidentes que eu esqueceria tão logo aconteceram.

— Soa interessante. Onde eu cresci, éramos todos muito duros e com medo de ser vulneráveis o suficiente para nos abrirmos à humilhação pública. — Minha experiência na escola era muito diferente da de Max, que apenas destacava por que era bom eu deixar a casa de Preston.

— Parece horrível. — Max estremeceu e cobriu a boca. — Meu Deus, Nina, me desculpe. Eu não quis dizer isso.

— Foi pior do que horrível. — eu concordei. — Tenho certeza de que suas experiências foram muito mais gratificantes e educacionais que as minhas. Enfim, estou bem, apenas preocupada. Sobre minha saúde e minhas finanças, ou a falta de qualquer uma.

— Se você precisar que eu lhe faça um empréstimo. — ela começou, mas eu a interrompi.

— Eu não. Quero dizer, obrigada, mas tenho algumas economias nas quais posso me apoiar por um tempo. — Um pouco, é verdade, mas eu não queria que Max se preocupasse com meus problemas quando ela tinha uma garotinha para criar e se preocupar. — Eu preferiria trabalhar, só isso.

Depois de alguns dias sentada na minha bunda, eu já sabia que ficaria entediada se não tivesse algo para me manter ocupada. — Chega de falar de mim. Como está o trabalho e como está seu admirador secreto?

— Ainda é um segredo. — Ela suspirou pesadamente e revirou os olhos. — O trabalho é ótimo - agitado, mas ótimo. Tenho um grande trabalho de catering[1] no Worthington, um daqueles casos extravagantes com seis pratos e mais de uma dúzia de peças diferentes de prata.

[1] Refeições.

Mesmo com sua clara frustração, Max não conseguia esconder o quanto estava satisfeita com seu trabalho. — Sabrina Worthington é um pé no saco, mas ela paga bem e, quando você faz um bom trabalho, ela é a melhor amiga do mundo.

— Parece que você a ama.

— Eu aceito. — ela admitiu. — Não importa o quão bravo ou rude seja um cliente, uma vez que eles provam a comida que eu estou servindo aos convidados, eles são massa em minhas mãos.

Eu nunca levei muito tempo para considerar que tipo de trabalho ou carreira me satisfaria. No minuto em que completei dezoito anos - inferno, ainda mais cedo - minha vida tinha acabado de encontrar os meios para me sustentar. E para ser sincera, isso realmente não havia mudado.

— Então. — disse Max, olhando para mim com interesse. — Você vai ver Preston novamente?

— Você também não, Max. — Eu gemi. Graças à insistência de Preston de ficar na casa dele, toda a cidade acreditava que estávamos em algum tipo de relacionamento. Os olhares mal-intencionados que eu notei de outras mulheres foram provavelmente a única razão pela qual eu estava feliz por não estar trabalhando agora, porque sabia que minhas gorjetas seriam ruins. — Não. Nós não estávamos nos vendo, ele apenas me intimidou para ficar em sua casa usando seus músculos e lógica dura e fria.

Max se inclinou para frente, com um brilho nos olhos. — Conte-me mais sobre esses músculos.

Eu zombei de sua tolice. — Ele está constantemente me carregando e eu não gosto. — Mesmo se eu gostasse da sensação de seus músculos quando ele me carregasse, eu nunca admitiria isso em voz alta. — Enfim, estou focada em encontrar uma nova linha de trabalho.

— Você está apenas desistindo? Ele te dá um péssimo não e você não vai perguntar de novo?

— Não. Ele não está interessado, então eu segui em frente. Além disso, acho que tenho uma linha para me tornar um assistente virtual. Não requer muita posição, e posso fazê-lo no conforto da minha casa. — Não era de forma alguma o meu emprego dos sonhos, mas era algo que eu poderia fazer com essa bota estúpida e pagaria as contas.

— Oh merda, eu esqueci! — Um alarme disparou no telefone de Max, e uma carranca se espalhou por seu rosto enquanto ela lia a notificação. — Callie tem pratica de futebol hoje à noite e eu esqueci totalmente.

Ela pulou, correu para a geladeira e enfiou a cabeça dentro. — Preciso encontrar lanches para depois do treino, mas tenho certeza de que a última sacola de laranjas que comprei é mais mofo do que frutas.

— É por isso que nunca compro frutas embaladas.

Max emergiu com um abacaxi e outras frutas restantes e jogou tudo no balcão. — Depois da emoção do acampamento, Callie precisou de comida reconfortante e eu me entreguei um pouco demais. Ela nem tem certeza se gosta de futebol, mas há um garotinho adorável em seu time que é tão idiota quanto ela e eles são nerd juntos. É muito adorável!

Eu fiz uma careta. Callie tinha apenas sete anos de idade. — Ela não é um pouco jovem para se interessar por meninos?

— Oh, é inofensivo - isso não tem nada a ver com gênero. Ambos têm cérebros grandes e se relacionam com coisas que outras crianças de sua idade não estão interessadas. É saudável, e estou incentivando a amizade, porque eu prefiro que ela tenha alguém com quem possa conversar do que forçar questões tóxicas de meninos e meninas antes que elas surjam naturalmente.

— Você é uma boa mãe, Max. — eu disse a ela, admirada. Eu conhecia algumas mães adotivas verdadeiramente terríveis, então o elogio era genuíno.

— Obrigada. — Ela sorriu, orgulhosa e melancólica, antes de me olhar com um olhar significativo. — Então, não há realmente nada acontecendo com você e Preston?

A expressão de Max mudou de esperançosa para triste quando eu respondi: — Não. Nada, apenas alguns dias como colegas de quarto.

Minhas palavras foram pontuadas pelo som da campainha tocando, e Max deu de ombros antes de se virar para atender. Recostei-me para esperar sua volta - não precisava saber quem estava lá.

Max voltou para a cozinha quase imediatamente, com os braços cruzados e as sobrancelhas arqueadas inquisitivamente. — Quer repetir isso, Nina?

— Repetir o que? — Ela parecia presunçosa quando deu um passo atrás do balcão, mas antes que eu pudesse pressioná-la para obter mais informações, Preston apareceu na porta. Eu gemi.

— Precisamos conversar. — proclamou. Nenhum sorriso ou saudação amigável; apenas uma ordem latida.

— Tenho certeza que não. — eu respondi friamente, cruzando os braços sobre o peito. Não havia mais nada a dizer.

— Você foi embora. — ele disparou para mim, acusação colorindo seu tom.

— Eu sempre *estava* saindo, Preston - aquela é a sua casa, não a minha. E agora, você tem seu diploma de bacharel para si mesmo. Novamente.

Ele parecia zangado, mas não me intimidava facilmente. Nem mesmo na face de um homem com o corpo de um deus grego e a face de um anjo sombrio. — Eu fiz ou disse alguma coisa para fazer você se sentir indesejável, Nina?

Nós dois sabíamos que ele havia sido criado muito bem para fazer isso. — Não, claro que não. Mas estava na hora de seguir em frente. —

Antes que eu superestimasse minhas boas-vindas, acrescentei em minha cabeça. Eu conhecia todos os truques que as pessoas costumavam se livrar de você quando estavam cansadas de ter você por perto e sempre me certificava de sair antes que chegasse a hora.

— Então você decidiu trocar meu quarto por Max? — Seu tom zangado e indignado estavam começando a me irritar. Quem ele pensava que era, latindo para mim como se eu lhe devesse alguma coisa?

— Na verdade, é meu sofá - meu quarto de hóspedes está sem comissão. — Max ofereceu com um sorriso, e eu enfiei minha língua para ela.

— Você deveria ser *minha* amiga. — lamentei, me sentindo derrotado.

— Sou querida, mas a verdade é que, entre os negócios e Callie, nem sempre posso estar aqui para você. E se você precisar de ajuda e eu não estiver por perto?

Eu entendi o que ela estava dizendo, mas fiquei magoada, zangada e totalmente irracional. — Eu não sabia que era um fardo. — eu bati. — Eu me cuido há muito tempo sem a ajuda de ninguém e não há necessidade disso mudar. — Levei algumas tentativas indignadas, mas finalmente me levantei e fui em direção à porta.

— Nina, espera. Você não é um fardo. Eu não disse isso. — Max parecia irritada, mas eu não me importava, não quando levou toda a minha energia e foco apenas para chegar à porta sem cair de cara no chão. Ou pior, minha bunda.

— Não se preocupe, Max. Você está certa, eu não estava pensando direito ou nunca teria imposto a você. Obrigada pela sua ajuda. — gritei por cima do ombro, pegando minha bolsa e saindo pela porta da frente.

Max e Preston me chamaram enquanto eu descia cautelosamente os degraus, mas no momento em que meus pés bateram na calçada, eu

era uma mulher em uma missão - e essa missão estava me levando para casa inteira.

Eu sabia que era estúpido e infantil simplesmente fugir. No momento, porém, parecia certo. Isso me lembrou quem eu era, uma mulher que dominava a arte de não se apoiar em ninguém. Morar em Tulip quase me fez esquecer a coisa mais importante que aprendi como ala do estado: a única pessoa em quem você pode confiar é você mesma.

— Nina, volte! — Preston teimosamente me seguiu enquanto eu fugia da situação embaraçosa na casa da minha amiga, e me forcei a mancar um pouco mais rápido na estrada.

Não era um jogo final sólido, mas naquele momento, era tudo o que eu tinha.



* * *

Eu só tinha conseguido alguns quarteirões antes de Preston parar ao longo do meio-fio em seu Escalade, rastejando lentamente pela rua ao meu lado. — Mulher teimosa, você percebe que deixou suas coisas na casa de Max? — ele me perguntou pela janela do lado do passageiro.

Claro, eu tinha percebido, mas o orgulho ditava que meus pertences estavam perdidos para sempre - eu certamente não voltaria atrás deles depois da minha saída espetacular.

— Eu tenho minhas chaves e minha carteira, isso é tudo o que importa para mim. — respondi, recusando-me a olhar para ele. Todo o resto poderia esperar até que eu estivesse mais móvel ou até Max sentir pena de mim e devolvê-lo.

— Eles estão aqui comigo. — Suas palavras me interromperam e eu quase caí na calçada irregular. Por apenas um segundo, permiti que meu

olhar encontrasse o dele e respirei fundo quase inaudivelmente antes de voltar a andar.

— Desde que você se encarregou de levá-los, tenho certeza de que não terá nenhum problema em deixá-los do meu lado da varanda. Obrigada. — Virei à direita na esquina seguinte, com os braços cheios de determinação, quando ouvi o veículo de Preston parar e a porta bater. Eu estava prestes a girar para denunciá-lo novamente quando uma mão grande estendeu e me pegou no ar. Ignorando meu grito de protesto, Preston me jogou sem cerimônia por cima do ombro.

— Coloque-me no chão, seu maldito macaco! — Eu ignorei o alívio que subiu até meus quadris por não estar em pé e continuei batendo meus punhos contra suas costas musculosas, sua bunda apertada.

— Cuidado com essa perna, querida. — Suas palavras saíram tão calmamente e casualmente que era quase como se ele não tivesse me levantado da rua como um saco de roupas descartadas.

— Não me chame de querida. — chorei. — E me largue!

— De bom grado. — Ele me abaixou gentilmente no banco do passageiro de sua caminhonete. — Feliz?

— Não! — Eu respondi, de mau humor no assento. — Ficarei feliz quando você parar de me controlar. Sou uma *pessoa*, não uma bagagem que você pode pegar e largar como achar melhor. — Nossa, o homem era irritante como o inferno.

— Nina. — Sua voz era suave. — Por que é tão difícil você aceitar minha ajuda?

Deus, havia muitas razões, mas elas não eram da conta dele. — Se eu *precisasse de* ajuda, pediria. —E somente se eu realmente precisasse.

— Mentirosa. — Ele apertou o cinto de segurança em volta de mim, assim me impediria se eu tivesse vontade de correr.

— O que você está tirando disso, afinal? A cidade inteira já te ama. — *E a última coisa que preciso é ser o projeto de caridade de um cara rico*, pensei em acrescentar.

— Porque você precisa de alguém. Você se machucou tentando salvar uma criança, Nina. Isso foi corajoso e estúpido - principalmente corajoso - e não é certo que agora esteja causando tantos problemas para você. Deixe-me ajudá-la. — Antes que eu pudesse responder, ele bateu a porta na minha cara e correu pela frente do carro.

A curta viagem de carro até o duplex que alugava passou em um tipo tenso de quietude que piorou tudo. Minha dor palpitava um pouco mais forte, e o silêncio parecia mais opressivo do que nunca.

Quando o carro parou, eu deslizei pelo assento muito alto e quase com o rosto plantado. — Uau, isso foi perto. — eu murmurei para mim mesma, recuperando o equilíbrio e continuando no caminho para o meu lugar. Levaria algum esforço para chegar ao topo e eu precisava me preparar. Respirei fundo e voltei para o carro de Preston. — Obrigada pela carona.

Alguns metros atrás de mim, Preston estava com uma carranca no rosto. — Você se sentirá melhor se se machucar novamente? Porque eu vou deixar você, se isso significa que você aprenderá a aceitar alguma ajuda!

— E o que acontece quando você tem um encontro? Ou um turno no trabalho, ou algum evento de Worthington do qual você não pode sair? Em quem devo confiar então? Eu mesma, e é nisso que eu estou contando agora.

Ele me estudou por um longo momento, seus olhos focados como se ele estivesse tentando me entender. *Bem, boa sorte*, pensei. Eu tenho 27 anos e ainda não me dei conta. — Então, melhor não confiar em ninguém, nunca?

Eu forcei um sorriso. — Você entendeu. Fico feliz que esclarecemos tudo. — Até a ideia dos sete passos curtos até a porta enviou gotas de suor escorrendo pelo meu pescoço, mas eu respirei mais algumas respirações profundas e subi até a varanda apenas um pouco ofegante. E palavrões.

— Você está chateada. — disse Preston, me olhando de seu carro. Tentei não olhar para ele. — Entendi, Nina.

Deus, o jeito que ele disse que meu nome fazia parecer tão exótico, que quase esqueci que ele estava me vendo lutar para fazer algo que eu vinha fazendo com relativa facilidade desde os três anos de idade. — Não estou chateada, Preston, apenas tenho coisas em mente que não têm nada a ver com você.

— Como dinheiro? Você poderia ter dito...

— Não, eu não poderia ter dito. Não preciso que você me faça nenhum favor e realmente não quero ser seu último projeto de caridade, ok? Você não quer fazer o calendário; tudo bem para mim. Fim da história, ok? Bom. — eu disse sem esperar por uma resposta. — Agora, obrigada novamente pela carona. Eu te vejo por aí.

Eu tinha algo muito mais perigoso para focar - subindo dezenove passos com essa bota na minha perna. Os três primeiros passos não foram um problema e eu me permiti uma pequena pausa antes de lutar pelos três seguintes. No terceiro set, eu estava encharcada de suor e prestes a desabar na escada. Com uma audiência.

— Eu vou torcer seu lindo pescoço. — Com um rosnado baixo, Preston me levantou de novo, levou-me até a última dúzia de escadas e me colocou de volta no meu tapete de boas-vindas. — Fique de pé enquanto eu pego o resto de suas coisas.

Se Preston pensou que eu apenas obedeceria suas ordens, ele obviamente não estava prestando atenção. Assim que minha porta foi aberta, fiz uma linha de abelha na geladeira e peguei uma cerveja para

saciar minha sede e esfriar meu corpo superaquecido. — Exatamente o que eu precisava.

— Eu pedi para você fazer uma coisinha e você não conseguiu nem fazer isso. Que diabos, Nina?

— Primeiro, se você tivesse *perguntado,* eu poderia ter feito isso, mas não respondo a ordens latidas, Alteza. Segundo, obrigada por trazer minhas coisas, mas você pode sair agora.

— Quem vai cuidar de você?

Cruzei os braços e o fixei com o meu melhor olhar. — A mesma pessoa que fez isso a vida inteira, Preston - eu. Eu não sou uma donzela em perigo; Não preciso de um homem grande e forte para cuidar de mim.

— Não é uma questão de quão capaz você é, Nina. Até o mais forte de nós precisa de ajuda de vez em quando, e apenas bonecos se recusam a perguntar. — Ele estava bem na minha cara, tentando me fazer recuar. Claramente, isso significava que eu tinha que *dobrar*.

Eu empurrei meu rosto ainda mais perto dele, tanto quanto meu déficit de altura e a bota permitiriam. — Eu não preciso de ajuda. — assegurei a ele. — Eu estou bem sozinha.

Ele rosnou novamente, mas no momento seguinte, suas mãos grandes seguraram meu rosto. Antes que eu pudesse recuar, ele pressionou sua boca na minha em um beijo ardente que me pegou de surpresa e roubou meu fôlego.

Como o resto dele, seus lábios eram firmes e insistentes, mas em vez de lutar contra o beijo como se eu tivesse lutado com ele em todo o resto, eu me deixei cair nele. Inclinei-me para ele e saboreei cada segundo de seu gosto delicioso, sua língua tentadora e a sensação de suas mãos quentes e fortes em volta do meu queixo.

Então eu percebi o que estávamos fazendo. Afastei-me, olhos arregalados e chocada, e empurrei seu peito para trás, com força. Por um segundo rápido, Preston pareceu confuso, mas ele me pegou quando eu

me joguei para a frente e nossas bocas se encontraram novamente. Ele me beijou até minha boca secar, até minha calcinha ficar úmida, e eu me agarrei a ele como suporte de vida. Foi um beijo malditamente bom - do tipo que levava a outras coisas, se uma garota não tivesse cuidado.

Exceto que eu não tomei cuidado. Eu não tinha contado em estar bêbada com os beijos de Preston, em perder todo o senso de controle pela maneira como suas mãos me acariciavam suavemente enquanto sua boca mantinha uma tortura intensa, que fazia meu corpo vibrar com um tipo de necessidade faminta.

Enquanto sua boca fazia coisas maravilhosas e perversas no meu corpo, nossas roupas voavam pela cozinha, nossas mãos desesperadas se agarrando e acariciando de forma deselegante.

Seus olhos encontraram os meus, e nossos corpos se juntaram lentamente em uma agonia doce e torturante que puxou um longo gemido de mim.

Ele sorriu. — Você se sente ainda melhor do que eu imaginava.

— O mesmo. — eu consegui ofegar quando ele empurrou profundamente, pressionando minhas costas contra a porta fria da geladeira. — Preston. — O gemido foi arrancado de mim por seus golpes longos e lentos que me deixaram enlouquecida pela luxúria. — Sim!

Com um sorriso satisfeito no rosto, Preston agarrou meus quadris quando ele mergulhou em mim, mais e mais rápido, até que meu pulso acompanhou o som de nossa pele lisa batendo juntos. — Oh porra, Nina. — Ver Preston, tão bonito e adequado, perdendo o controle assim, foi a minha ruína.

Ele me agarrou mais apertado e ferozmente bateu em mim até que meu prazer transbordou quando um orgasmo tomou conta de mim. Era afiado e intenso, enviando ondas de choque de eletricidade através de todos os poros do meu corpo. — Preston! — Seu nome deslizou da minha

boca em um ritmo lento e sensual enquanto ele batia mais forte em busca de seu próprio orgasmo. — Mais difícil. Dê para mim, Preston. Por favor!

— Foda-se. — ele rugiu, batendo em mim. Era áspero e sem sofisticação, cru e sem polimento. Pareceu-me que a maneira como ele fazia amor era exatamente o oposto de como ele vivia sua vida em público.

Ele não transava como o cidadão íntegro que ele era, como o garoto de cidade pequena por excelência. Não, ele fazia amor como um homem possuído. Como um homem que se entregava aos prazeres da vida, não importando o que as mentes simples considerassem certa ou errada. — Oh porra, Nina.

— Você fez, e você fez espetacularmente, Preston. — Meu corpo estava mole, suado, dolorido e tão satisfeito que sabia que o sono não estaria longe.

Ele riu e pressionou seus lábios firmemente nos meus, me beijando tão lenta e sensualmente quanto eu já havia sido beijada. Era um contraste tão forte com a maneira como ele acabara de agradar meu corpo, e eu fechei meus olhos contra a maneira como sua ternura me afetava.

Porque não se tratava de ternura ou carinho, era química. Uma necessidade física foi satisfeita. Isso eram hormônios e ciência - nada mais.

Empurrei os sentimentos quentes e acolhedores pós-sexo e cruzei os dedos, esperando que o orgasmo me desse mais do que apenas uma liberação incrível. Eu precisava de clareza no meu futuro.

PRESTON

Eu não posso acreditar que fiz sexo com Nina, e não posso acreditar que estou pensando em fazê-lo novamente.

Repetidamente.

Na próxima vez - porque tinha que haver uma próxima - eu iria devagar, levaria tempo e daria a ela orgasmos suficientes para manter aquele sorriso sexy em seu rosto nos próximos dias.

Foram esses pensamentos incessantes de Nina que me impediram de ter um treino eficaz. Depois de trinta minutos de luta com minha mente distraída, finalmente desisti e saí da academia.

Nina não ligou ou mandou uma mensagem e, embora seu silêncio não fosse tão surpreendente, ainda me deixava louco. Mataria ela para mostrar interesse, só um pouco? Talvez fosse ego, ou talvez eu tivesse muito mais trabalho a fazer quando se tratava dela.

— Ei, Preston. — A voz não era familiar e quando olhei para cima, uma loira pequena estava na minha frente, seios empurrados para fora apenas o suficiente para chamar minha atenção.

— Ei, uh...

— Ginger. — ela preencheu uma risadinha. — O que está rolando?

Dei de ombros e olhei para minhas roupas de ginástica mal usadas. — Indo para casa.

— Quer alguma companhia?

A sério? — Não agora. Vejo você mais tarde, Srta. Ginger. — Eu contornei seu decote e o olhar decepcionado em seus olhos para escapar.

Mas a sorte não estava do meu lado - Max não estava a três metros de distância, a raiva queimando ao seu redor enquanto ela olhava para mim em acusação. — Qual é o problema, Maxine?

Ela se irritou com o meu uso de seu nome completo. — Não tem problema aqui, Preston, é apenas sua própria consciência culpada. Ou talvez seja sua mente lhe dizendo algo que você ainda não está pronto para ouvir. — Ela deu um sorriso satisfeito, arqueou uma sobrancelha e se virou para ir embora. — Até mais, Worthington.

— Não se eu te ver primeiro, Nash. — Ela me acenou com uma risada e seguimos caminhos separados até o pequeno estacionamento.

Também era uma pequena academia - a maioria das pessoas em Tulip se exercitavam o suficiente fazendo tarefas diárias em suas casas e fazendas. Mas a pequena academia da cidade significava que eu poderia parar de fingir ajudar no Worthington Ranch nos meus dias de folga, limitando assim minhas chances de encontrar minha mãe. Só isso valia o custo da associação de um ano.

O tédio se instalou cerca de vinte minutos depois do meu banho. Em vez de ser acalmado pela minha cerveja de tarde com vista para o lago, me sentia inquieto. E era tudo culpa de Nina Ryland. Eu não conseguia parar de pensar nela, me preocupar com ela. Pensando no que ela estava fazendo.

— Pode muito bem parar de me torturar. — anunciei com determinação. Antes de trocar o meu short de ginástica e vestir um par de jeans gastos, fiz um pedido grande no Enzo's Fine Dining - quem poderia dizer não a uma refeição deliciosa?

Como o Enzo's estava do outro lado da cidade, peguei a rota cênica para pegar a comida e estacionei meu carro atrás de Nina na larga entrada de automóveis semi-pavimentada. Provavelmente, ela não ficaria feliz em me ver, mas eu estava apostando no seu amor pela comida para me colocar na porta.

Eu atirei a ela uma mensagem rápida para que ela soubesse que eu estava vindo antes de pegar as três sacolas de comida e subir as escadas correndo para o apartamento dela, com um sorriso radiante no rosto.

Ela abriu a porta e eu respirei fundo ao vê-la. Nina usava um par de minúsculos shorts pretos cobertos de caveiras rosa-claras e uma blusa combinando, o que eu esperava. O que eu não esperava era como seria a excitação da tinta quando combinada com sua pele pálida e curvas suaves. — O que você está fazendo aqui?

Eu dei a ela um beicinho exagerado. — Não está feliz em me ver, querida?

Eu a joguei sob o queixo, o que provocou um rápido flash de raiva que ela fez um trabalho incrível de extinguir antes de falar novamente. — Não responda a uma pergunta com uma pergunta, Preston.

— Trouxe comida. Achei que você não conseguiria fazer compras nos próximos dois dias. — Fiz um gesto para as sacolas, exibindo meu melhor sorriso de escoteiro, enquanto ela continuava me encarando.

— Obrigada, eu acho. Entre. — Eu vi a centelha de apreciação em seu olhar quando ela passou por mim, e me deleitei quando ela virou as costas para voltar para dentro. — Você tem planos hoje à noite? Você cheira bem.

— É bom que você note, querida.

Nina parou apenas o tempo suficiente para jogar uma carranca para mim por cima do ombro antes de mancar pelo corredor, sua bota fazendo uma *batida* forte contra o chão. —Tão irritante. — ela resmungou suavemente.

De alguma forma, Nina sempre me fazia rir - mesmo que geralmente fosse às minhas próprias custas. Talvez eu tivesse me acostumado a mulheres correndo atrás de mim, ou usando nada além do meu charme para me ganhar algumas noites e me divertir. Nada com Nina foi fácil, mas com certeza foi divertido. — Como você está se sentindo hoje?

Ela encolheu os ombros. — Tudo certo. A dor é suportável principalmente agora. Por que você me trouxe comida?

— Tão desconfiada. — repreendi com um sorriso, que ela retornou. Relutantemente, eu imaginei. — Porque eu amo o jeito que você come *e* porque achei que você poderia estar com fome. Como você é a mulher mais teimosa do mundo, também sei que você não pediu a ninguém para lhe trazer comida.

— Talvez eu planejasse ter algo entregue mais tarde. — Eu poderia acreditar que se ela não parecesse tão desafiadora.

— Besteira. — pronunciei com confiança.

— Desculpe? — Ela fez o possível para parecer ofendida, mas eu peguei o brilho de orgulho em seus olhos azul-céu.

— Você me ouviu. Besteira. Você passaria fome ou comeria qualquer pedaço de comida antes de partir para o acampamento.

Ela olhou para mim por um longo momento antes de cair no sofá e levantar o pé. Obviamente, ficou claro para ela que eu não iria embora tão cedo.

— Isso realmente não responde à minha pergunta. Estou aqui há meses, Preston, e além do seu pedido de bebida, você não me disse uma palavra. E agora, tudo isso. O que é?

Eu tinha que admitir, ela estava tão morta quanto teimosa como o inferno. — Talvez seja a vibração do 'não brinque comigo' que você exala. E de propósito, devo acrescentar. — Nina sabia que era intimidadora e não fazia muito para fazer um cara sentir que sua atenção poderia ser bem-vinda.

— De qualquer forma, você não dava a mínima para o meu bem-estar antes, e agora está agindo como se fosse responsável por mim.

— Só estou tentando ajudar. Por que isso é tão errado? — Eu estava começando a ver por que ela não tinha feito muitos amigos na cidade - ela podia testar a paciência de um santo.

— Por quê? É tudo o que quero saber, Preston; Por que você se importa?

— Eu simplesmente faço. — eu disse simplesmente. Eu não tinha energia ou palavras para explicar por que me importava com sua dor e seu bem-estar, e não teria até que estivesse boa e pronta. — Agora, você pode compartilhar uma refeição comigo?

A apreciação em seus olhos se transformou em desejo quando seu olhar passou por mim novamente. — Eu tenho certeza que posso gerenciar você. — ela brincou. — Por um tempo.

Caí ao lado dela e comecei a puxar caixas de metal e papel das sacolas. — É melhor fazer um longo tempo, ou eu estou comendo os dois pedaços de lasanha.

Ela rosnou. — Você não luta justo, Worthington. — A pequena espreitadela aproveitou o meu riso e arrancou a lasanha do meu aperto. — É camarão que eu cheiro?

Eu levantei outra caixa. — Eu tinha a sensação de que você era uma garota scampi.

Ela começou a rir, segurando a lasanha que tinha marcado quando seu corpo tremia com a força de sua diversão. — Que diabos é uma garota scampi?

Ela não conseguia parar de rir, e o som era tão incrível que eu decidi cantar. — Parece simples, mas tem um sabor intenso - como você. Garota Scampi.

— Me chame assim novamente e você estará usando o segundo pedaço de lasanha. — Não havia fogo alimentando seu olhar, mas eu sabia que isso não significava que ela não faria isso. Eu permaneci cauteloso. Como sempre.

— Como vai a procura de emprego? — Se eu não estivesse olhando para ela tão intensamente, eu poderia ter perdido o breve momento em que ela congelou. Ela se recuperou rapidamente, no entanto.

— Está indo, suponho. Como vai a busca e o resgate?

— Vai, mas está bem lento esta semana. O que é uma coisa boa, na minha linha de trabalho. O que você faz por diversão, Nina? — Não era a conversa mais tranquila, mas eu nunca fingi ser tranquilo.

Ela piscou, como se minha pergunta a tivesse pego de surpresa. — Quando não estou trabalhando, relaxo em casa. Assistindo TV, lendo, dançando, fingindo aprender a cozinhar. O de sempre. E quanto você?

— Eu geralmente saio com meu amigo Ry e sua família, assistimos muito futebol e hóquei. Eu leio. Jogo. Bebo cerveja. Às vezes, gosto de ir ao rancho da minha família e deixar um dos cavalos esticar as pernas. — Não era a vida mais emocionante, tudo assim, mas não tinha queixas.

— Um cavalo? Tipo, com uma sela e tudo?

— Existe outro tipo de cavalo que eu não conheço?

Nina assentiu, parecendo presunçosa. — Um cavalo sexual.

— Não, não quero saber. Você monta cavalos? A variedade de animais, é isso?

Ela bufou e balançou a cabeça, mastigando seu lagostim. — Não há muitas oportunidades para passeios a cavalo no sistema de assistência social do Missouri.

Era uma das poucas migalhas de pão de seu passado que ela deixara escapar. Eu era como um homem faminto, faminto por mais detalhes, mas sabia que não podia empurrar.

— Eu vou te levar quando seu tornozelo sarar. — eu disse em seu lugar.

— Talvez. — Ela hesitou. — Não quero que meu tornozelo se cure apenas para virar e quebrar uma perna.

— Vamos dividir uma sela na primeira vez. — Seria mais seguro, com certeza, e me daria outra chance de colocar minhas mãos em seu corpinho sexy. — Isso seria divertido, você não acha?

— Eu vou deixar você saber se eu não for jogado ou pisoteado até a morte. — Ela voltou a comer como se não tivesse acabado de jogar fora aquele cenário sombrio.

— É disso que eu gosto em você, Nina. Sua perspectiva ensolarada. — Ela bufou uma risada que eu não deveria ter achado tão adorável, e eu sabia que tinha que perguntar. — Existe um marido ou namorado em algum lugar?

— Um pouco tarde para fazer essa pergunta, você não acha? Ou, o que você olha para mim e supõe que eu teria ferrado você se estivesse em um relacionamento? Muito bom, Worthington. — O jeito que ela cuspiu meu nome definitivamente não era um elogio.

— Você não falou sobre isso, então achei que sim. — Talvez ser honesto me traga alguns pontos com ela. Eu sempre senti que precisava deles.

Ela largou o lagostim e roubou a lasanha das minhas mãos. — Quer dizer, você pensou que encontraria uma maneira de abordar isso sem realmente abordá-lo, porque isso é mais fácil do que perguntar diretamente, certo?

Normalmente, esse tipo de franqueza me incomodaria, mas a sinceridade de Nina me excitava. — Essa é outra maneira de encarar, suponho. Se você está determinada a ser completamente negativo sobre isso.

Ela acenou com as mãos para mim com desdém. — Nós fizemos sexo e foi legal. Bo. Foi realmente muito bom, na verdade. Mas você não

está procurando nada sério, blá, blá, blá. Vamos mantê-lo casual e ver para onde vai, blá, blá, blá. Sobre isso?

Ela era tão presunçosa, tão certa de que estava certa, mas eu queria desesperadamente que ela estivesse errada. — Você *está* procurando algo sério?

— Não. Eu estou olhando para ficar sob o radar ou, melhor ainda, completamente fora da coisa. Isso nunca aconteceria com você.

Por alguma razão, sua declaração me ofendeu. — Por causa do meu sobrenome ou das tentativas de casamento não tão sutis da minha mãe?

— Ambos. E já que a cidade inteira sabe que você não *fala* sério, não há razão para passar pelo inferno por algumas semanas de sexo muito bom.

Quando ela colocava dessa maneira, que tipo de idiota a perseguiria?

— Essa foi apenas a nossa primeira vez juntos, Nina. Imagine como seria bom, quando eu sei o que significa cada pequena vibração. Quais gemidos significam 'me dê mais' e quais significam que você precisa dele mais devagar, mais devagar. Mais rápido. Mais difícil. — A pulsação na base de sua garganta tremulou descontroladamente. Ela estava ligada e eu não tinha dúvida de que se a tocasse, sua calcinha estaria encharcada.

— Você tem uma boca muito suja para um garoto de ouro. — Seu tom de provocação me deixou quente. E difícil.

Eu ri. Isso foi outra coisa que não fazia com as mulheres - rir. Ainda assim, tudo que eu queria fazer era deslizar nela e fazê-la gemer. Grite meu nome. — Você não tem ideia de como está sujo. Saia comigo, Nina.

— O que?

— Você me ouviu, vamos sair. Jantar e talvez um show.

Ela franziu a testa, parecendo genuinamente confusa. — Estamos jantando agora.

— Sim, mas somos apenas nós saindo. Estou convidando você para um encontro. Comigo.

— Por quê?

— Por que não? Nós gostamos um do outro e nossa química é louca. Do que você tem medo?

Ela soltou uma risada e devolveu a lasanha para mim, olhando o tiramisu na mesa de café. — Nada, acabei de lhe contar minhas objeções em vê-lo. — E a inclinação teimosa de sua cabeça indicava que ela planejava cumpri-la.

— Se você concordar com um encontro, eu concordo em fazer o calendário. — Sempre achei que garantir que ambas as partes se afastassem satisfeito era uma boa medida de sucesso quando se tratava de negociações.

Ela cruzou os braços e fez uma careta para mim, um olhar tão preto que senti meu interior começar a murchar. — Eu não estou à venda, Preston.

— Bom, porque se eu fosse comprar uma mulher, ela seria muito menos teimosa do que você. Um encontro, Nina. Mesmo que você decida não sair comigo de novo, ainda farei o calendário.

— Nós já fizemos sexo, por que precisamos de um encontro?

— Para que possamos nos conhecer e fazer sexo ainda melhor na segunda e na terceira vez. E oitava e nona também. — Ela sorriu e isso roubou o fôlego dos meus pulmões. — Sim ou não, Nina?

No minuto em que ela parou, eu sabia que a tinha. Mas um pouco de paciência foi um longo caminho com ela, então eu esperei calmamente, braços cruzados com um olhar expectante no meu rosto.

Ela suspirou e seus olhos azuis claros examinaram minhas feições, provavelmente procurando sinais de decepção ou malícia. — Bem. Sim. Um encontro, Preston. E faça o calendário, se quiser.

— Você ainda vai sair comigo?

— Um encontro. — Ela levantou a mão, caso eu não entendesse a mensagem. — Mas eu não troco meu tempo ou meu corpo.

— Uma garota má com integridade. Eu posso estar com um grande problema no que diz respeito a você. — Soltei um grito alto que a assustou, mas o sorriso suave que ela lançou enviou um arrepio através de mim, dizendo que o problema já havia começado.

E era tarde demais para fugir.

NINA

— Por que eu concordei com isso? Não tenho nada para vestir! — Abri a porta da frente para Max, que me olhou com os lábios tremendo.

— Aww, você está nervosa. Que fofo. Sorte a sua, eu sou uma amiga idiota e trouxe alguns vestidos que você pode experimentar. — Ela me deu uma avaliação mais uma vez e assentiu. — Nós somos do mesmo tamanho, e seus peitos maiores podem até diferenciar um pouco a altura. — Ela entrou, carregando uma sacola de roupas em uma mão e uma sacola de papel na outra. — Então... quanto você está nervosa?

Eu estava nervosa como o inferno, mas não podia dizer isso a ela. — Estou um pouco nervosa, mas nada com o que não posso lidar. Obrigada pelos vestidos; Eu estava a segundos de vestir jeans e uma blusa rosa.

— Você veste o jeans e a blusa parece melhor do que qualquer pessoa que eu conheça, mas hoje à noite você pode querer ser um pouco mais feminina.

Eu gargalhei. — Essa é uma maneira sorrateira de dizer que preciso me vestir como uma menina.

Max riu, passando um braço em volta dos meus ombros. — Você já se veste como uma garota - uma com um ótimo cabide e pernas incríveis. Esta noite, porém, você quer se vestir como uma mulher.

Ela estava certa. Eu não queria uma transformação total, mas queria parecer uma versão diferente e mais quente de mim para o encontro desta noite. — Ok, me mostre o que você trouxe. — Eu fui mancando até o quarto, antecipando três vestidos que nunca compraria para mim e nem sonharia em poder usar.

— Temos o seu vestidinho preto padrão. É ótimo para qualquer ocasião, mas é bastante básico. — Max estendeu para mim e eu tirei meu pijama e coloquei sobre minha cabeça. Mostrava muita perna, mas ela estava certa.

— É meio claro, certo?

Max gemeu. — Aparentemente, precisarei atualizar meu LBD com a chance de me convidar para sair antes do fim deste século. Tente este.

Ela levantou um minúsculo vestido vermelho curto e sem alças. — Sem ofensa, mas absolutamente não. Meus seios vão cair disso e cair na minha sopa.

Ela olhou para mim. — *Não* há sopa em um encontro. Não é sexy, confie em mim.

— Tudo bem, eu não vou pedir sopa, mas também não estou usando esse vestido vermelho. — Max era pequena com curvas suaves que se encaixavam em seu corpo - ela poderia fazê-lo, mas em mim, seria apenas uma sacanagem. — Dê-me o candidato final, mas acho que vou acabar com o vestidinho preto.

— Não tenha tanta certeza, Nina. Este aqui é pura magia. — Ela levantou um vestido da cor do vinho, só que mais profundo e mais vibrante. — Pegue.

Eu fiz. Eu não pude evitar. A cor era hipnótica e o corte era curto, mal roçando o meio da coxa, mas foram as mangas longas de renda e a gola exagerada de gola alta que me atraíram. Era sexy, com certeza, mas quando eu tentei, não parecia certo. — Isso é ótimo, mas não sou eu.

— Errado! — Max ignorou a maneira como eu me afastei de sua barulhenta proclamação. — Este vestido é totalmente você, Nina. Quente e atrevida e super forte. Preston vai engolir a língua e depois vai engolir você inteira. Apenas espere! — O brilho intenso em seus olhos me fez dar um passo para trás.

O vestido era bonito, mas eu tinha a sensação de que Max estava fazendo aquilo que bons amigos faziam para aumentar sua auto-estima. — Qual é o objetivo dele com este encontro, afinal? Você o conhece; diga-me a verdade.

Tinha que haver alguma aposta lá fora, sobre ele dormindo com a nova garota, ou algo mais que faria sentido para mim.

— Preston é um cara legal, Nina. Ele ainda não se acalmou, mas acho que é porque ele quer mais do que um casamento de fusão, que é o que sua mãe está pressionando. Ele não é como sua família. Preston se casará por amor e ela será uma mulher de verdade, não uma esposa-troféu. Mas... acho que não é isso que a preocupa.

— Sim? O que está me preocupando, então? — Havia todos os tipos de alarmes na minha cabeça, mas eu não sabia dizer se era porque não namorava há muito tempo ou se não confiava em mim mesma.

— Você gosta dele. Você acha que não deveria, Deus sabe o porquê, mas ainda assim você gosta dele. — Seu sorriso não poderia ter sido mais satisfeito do que se ela tivesse sido o gato proverbial com uma tigela cheia de creme.

— O que diabos *ele* quer *comigo*? — Essa foi a parte que realmente não fazia sentido. Não tínhamos nada em comum, além da química sexual. Por que ele queria um encontro?

— Você precisa superar essa coisa de 'eu não sou digna', porque está ficando velho. Você é incrível. Inteligente, bonita, com um corpo matador e uma língua afiada. Preston não é idiota - é por isso que ele quer você. E ele provavelmente quer entrar na sua calça.

— Ele já esteve lá, Max. Eu disse a ele que não havia necessidade de um encontro quando já havíamos dormido juntos!

Max riu por um bom tempo, batendo na parede ao lado dela apenas para mostrar o quão engraçada ela pensava que minha vida era. — Espere, você disse a ele que só queria fazer sexo e ele *ainda* está te

levando para sair? — Eu balancei a cabeça, satisfeita por ver que ela finalmente entendeu minha confusão. — Uau. Talvez ele goste de você por mais do que aquele espólio sexy.

Eu gemi. Essas foram as últimas palavras que eu queria ouvir. — Acho que preciso começar a me arrumar. Ele estará aqui em breve.

— Oh, eu vou ajudar. — Max passou alguns minutos montando um lugar na minha pequena mesa da cozinha, depois me estacionou em uma cadeira e começou a se mexer e mexer nos meus cabelos e maquiagem. — Preston é ótimo, Nina. Não se preocupe.

— Então por que você não namorou com ele? E sobre o que diabos devemos conversar? A soma total da minha experiência de namoro foi uma viagem rápida a um bar local ou lanchonete, talvez um filme, mas principalmente o quarto. E mesmo isso não aconteceu muito.

— Hobbies. Trabalhos. Viagem. Suas posições sexuais favoritas. Fale sobre o que quiser, apenas relaxe e divirta-se. Você já dormiu com ele e morou com ele - uma refeição deve ser fácil. Max estava certa; pelo menos, suas palavras soaram mais verdadeiras do que minhas dúvidas remanescentes.

— Acho que vamos ver, não vamos? — Quando Max terminou sua feitiçaria, eu parecia uma versão muito mais sexy da mulher que via no espelho todos os dias. — Max, você é minha fada madrinha.

— Excelente. Espero que isso signifique que você vai me ouvir quando digo que a calcinha não combina bem com este vestido.

— O que?

— Confie em mim, eu não iria te desviar. — Max piscou, colocando os sapatos na porta. — Divirta-se e não faça nada que eu não faria. — Como ela conseguiu dizer as palavras enquanto tirava a bunda da minha casa, eu não sei.

Sem calcinha. Eu poderia fazer isso ou enviaria a Preston a mensagem errada? Havia mesmo uma mensagem certa para enviar? Eu

não tinha idéia e não queria começar a data estressada, então fui encontrar um pouco de coragem líquida. Eu precisava me acalmar - não seria bom deixar Preston ver o quanto ele me afetou.

Quando a campainha finalmente tocou, respirei fundo e abri a porta com um sorriso. — Droga, Preston, você parece bem. — Ele usava calça preta e uma camisa azul que fazia seus olhos brilharem como safiras.

Ele riu, e o adorável rubor que roubou suas bochechas o fez mais atraente. Quando ele olhou para mim, seu olhar escureceu, e o calor dele infundiu minha pele. — Eu não sei se vou conseguir desviar meus olhos ou manter minhas mãos longe de você hoje à noite. — Ele se inclinou para um beijo e parou uma respiração longe da minha boca. — Posso estragar o seu batom, Nina?

Sim por favor. — Eu não sei, você pode?

Sua risada era profunda e estridente, seu sorriso lento e sedutor quando ele fechou o espaço entre nós, passando os dedos pelos meus cabelos para nos aproximar até que sua boca estivesse na minha.

Santo inferno, o homem poderia beijar. Sua língua deslizou para frente e para trás ao longo da costura da minha boca antes de deslizar para dentro. O beijo foi um calor fervente, apenas esperando transbordar - e caramba, como eu queria que transbordasse. Especialmente quando ele agarrou minha bunda e me trouxe diretamente contra aquela crista longa e dura de delícia.

Bem onde eu o queria, mas com o inconveniente adicional de nossas roupas. Minutos depois, Preston se afastou, com um sorriso sonolento no rosto.

— Meu batom parece arruinado, está arruinado?

Ele riu e me puxou para perto, pressionando um beijo risonho nos meus lábios. — Está perfeito. Vamos, antes que todos os meus bons planos saiam pela janela e minha noite se torne enterrada profundamente dentro de você.

— Eu estou bem com isso.

— Não, vamos lá. A noite ainda é jovem.

Um calafrio passou por mim quando ele envolveu a mão com a minha e gentilmente me puxou para fora do meu lugar. — Imagine o que poderia acontecer se ficássemos em... — Depois de ver o olhar no rosto de Preston quando ele me viu, fiquei agradecida pelo conselho sem calcinha de Max, mas agora, com minhas coxas umedecidas, eu a amaldiçoei secretamente.

— Você é uma sedutora, sabia disso? — Seu sorriso brilhou, mas ele parecia tão confuso com essa *coisa* entre nós quanto eu.

— Eu? Sou apenas eu, Preston. — lembrei-o quando nos aproximamos de seu veículo. — Então, vamos ver do que se trata todo esse negócio de encontros.

Talvez tenha sido aquele beijo incinerador de calcinhas, ou talvez apenas estivesse por perto de Preston, mas meus nervos se acalmaram rapidamente e desfrutamos de um passeio agradável até o restaurante nos conhecendo melhor.

— Você está pronta para a melhor refeição da sua vida? — Ele estacionou o Escalade e olhou para mim, sua expressão tão séria que eu reinava em minha própria excitação e assenti.

— Essa é uma grande promessa. — eu o informei. — Espero não ser decepcionada.

Com base nos cheiros que flutuavam do prédio à nossa frente, eu sabia que não ficaria desapontada, mas irritar Preston estava rapidamente se tornando uma das minhas coisas favoritas.

Ele era um cavalheiro perfeito, abrindo a porta do carro e me ajudando, e até manteve a mão nas minhas costas enquanto nos guiava para o restaurante. Era um lugar agradável, em estilo bistrô, com mesas e cadeiras de madeira escura, piso de azulejo em preto e branco e música francesa jazzística tocando suavemente ao fundo.

— É ótimo, não é?

Era mais do que ótimo. Na verdade, era sofisticação casual no seu melhor. Mas eu nunca tinha visto isso antes. — Onde você me levou?

— Estamos em Cheshire, a cerca de 16 quilômetros da Tulip. Não há sinais e, se dirigirmos mais oito quilômetros, estaremos em outra cidade.

— Então, este é o seu primeiro encontro típico?

— O que? Não. — Ele tentou - e falhou - parecer ofendido. — Ok, eu descobri esse lugar por causa de um primeiro encontro. Eu mantive o lugar, mas não o encontro.

— OK. — O restaurante tinha um ambiente aconchegante e uma bela vista das estrelas piscando no céu. Depois de nos levar a uma mesa particular, a garçonete nos deixou com pequenos cardápios de couro e água gelada e, quando comecei a ler a lista de entradas, de repente me senti inadequada. — O que é uma galinha da Cornualha, exatamente?

O sorriso de Preston foi gentil, prestativo e de modo algum mesquinho. — É um pássaro sem carne suficiente nos ossos.

Eu não esperava isso por uma resposta, mas foi o suficiente. — O que você recomenda? — Tudo estava caro, marcado com nomes estrangeiros que eu mal entendi. Eu fui capaz de pegar o suficiente para saber que tudo era muito chique.

— Tudo aqui é bom. Fresco. — O que foi útil, eu supunha, mas não exatamente o que eu estava procurando. — Basta pedir o que parece bom. — ele guiou. — A menos que você queira que eu peça para você?

Eu sabia que ele estava tentando me irritar, mas me senti relaxada demais. E meu corpo não parava de lembrar daquele beijo. — OK. E eu vou pedir para você.

Ele piscou, mas não mostrou outro sinal de hesitação. — Ok. — ele concordou. — Sem alergias alimentares.

— Eu também. — E tornou-se um jogo, cada um de nós tentando encontrar o prato perfeito para o outro. — Qual é a sua coisa favorita para comer?

— Sempre?

— Claro, sempre. Estou tentando vencer aqui, Preston; Trabalhe comigo. — Sua risada era cheia de vida e deleite, o que atraiu um sorriso de mim.

— Ganhar o que, exatamente?

— Este jogo de pratos, seja o que for. — Foi difícil segurar minha risada, mas fiz um esforço sólido.

— Estranho. Meu prato favorito é bife e batatas.

Claro que sim. — Obrigada. — comentei secamente.

Fizemos nossos pedidos e passamos o resto da noite flertando, rindo e conversando. Foi, sem dúvida, o melhor encontro que eu já estive.

— Eu não sei como você conseguiu tacos de peixe com bife e batatas, mas eu aprovo. — disse Preston, afastando o prato limpo.

— Imaginei quando você pediu o segundo prato de tacos.

Ver Preston comer estava quente o suficiente para se qualificar como pornô, do jeito que ele lambeu os dedos e gemeu. Da mesma maneira que ele fazia sexo.

— Eles foram muito bons. — Ele me deu um sorriso de menino e engoliu o resto de sua limonada.

— Então, o que você está dizendo é que eu ganhei?

— Bem. Se isso significa muito para você, então você ganhou. Sobremesa?

De jeito nenhum. Havia apenas mais uma coisa que eu queria na minha boca antes que a noite terminasse. — Sim. Mas eles não têm o que eu quero no menu.

— E isso seria?

— Você. — Eu fixei meus olhos nele.

Ele engoliu dramaticamente e assentiu lentamente. — Então, isso é um não para dançar?

— Só você, Preston.

— Eu esperava que pudéssemos...

— Eu não estou usando calcinha. — Isso foi o suficiente para qualquer homem de sangue vermelho entender a dica.

Preston pulou da cadeira e jogou algum dinheiro em cima da mesa antes de me puxar pelo restaurante, praticamente me jogando dentro do caminhão.

— Sedutora. — ele rosnou quando se inclinou, puxou o cinto de segurança no meu colo e depois o apertou enquanto devorava minha boca em um beijo de fome-todo-o-caminho-dos-meus-dedos-queimando-minha-pele.

Ele provou minha boca como se eu fosse a última refeição que ele estava saboreando, deslizando a mão entre as minhas pernas. Eu me espalhei o máximo que pude para ele, e gemi quando seu dedo médio roçou minha fenda.

Ele se afastou e me olhou bem nos olhos, enquanto deslizava o dedo grosso na boca e me chupava do dedo. Foi a coisa mais quente que eu já vi. Eu queria aquele homem, entre as minhas pernas, dentro de mim, neste minuto.

Ele sorriu, piscou e fechou minha porta. Então, ele entrou silenciosamente no caminhão, apertou o cinto e pisou no acelerador,

mantendo uma velocidade constante de 160 quilômetros por hora até retornarmos a Tulip.

PRESTON

— Sem calcinha, hein? — Era tudo que eu conseguia pensar enquanto dirigia os dez quilômetros mais longos da minha vida.

A noite toda, Nina estava usando *aquele* vestido sem nada por baixo.Nada!

Ela deu de ombros, brincalhão e linda. — Quem realmente sabe, Preston? — Ela deitou-se no sofá e cruzou a perna boa sobre a bota. Provocar-me. — Talvez devêssemos esquecer essa conversa.

— De jeito nenhum no inferno, querida. — Tirei os sapatos e caí ao lado dela, descansando uma mão em sua coxa. — Você não está usando calcinha. — Minha mão deslizou por sua perna nua, parando pouco antes de ela chamuscar meus dedos.

— Não, eu não estou. Este vestido não era propício para nenhuma das roupas íntimas que eu possuo, então achei melhor se eu... — Suas palavras foram cortadas por um gemido quando meu dedo roçou os lábios inchados de seu sexo. — Sim.

— Qual é, Nina? Sim? — A ponta dos meus dedos deslizou para frente e para trás, pressionando sua abertura. — Ou não?

Ela engasgou, acenando com a cabeça enquanto seus quadris empurravam com força contra a minha mão. — Preston.

— Tão bonita quando você está recebendo prazer. — Com a cabeça jogada contra o travesseiro, a boca ligeiramente entreaberta e os olhos fechados alegremente, era a imagem exata que estava tocando em minha mente desde a primeira vez que deslizei dentro dela. — Abra para mim, Nina.

Ela nem tentou resistir. Os joelhos dela se abriram, oferecendo-me uma espiada naqueles lábios roliços e rosados. Seu cabelo estava bem arrumado em um arbusto limpo em cima de seu monte, deixando o resto nu. Liso e nu. — Preston, por favor.

Foda-se, eu não acho que gostaria de ouvi-la implorar tanto. — Por favor, o que, Nina? Me diga o que você quer.

A maioria das mulheres com quem eu dormi tinha sido muito tímida, fazendo o suficiente para garantir que eu saísse na esperança de que elas tivessem uma herança de Worthington no dedo anelar esquerdo. Eu não queria tímidas.

Olhos azuis claros, quase brancos se abriram em mim, e os lábios de Nina se abriram em um sorriso sedutor. — O que eu quero, Preston, é você me provando.

— Aqui? — Lambi a costura à esquerda. — Ou aqui? — E então o certo.

— Bem aqui. — Dois dedos percorreram o centro do corpo, parando no ponto inchado no ápice das coxas. — Não importa. — ela ofegou quando seus dedos começaram a se mover mais rápido. — Eu estou bem.

O inferno que ela estava. Enterrei meu rosto entre as pernas dela, chupando os nós dos dedos junto com seu clitóris suculento e inchado. Ela era doce com um toque de tangência, quente e úmida. E tão responsiva. Eu tinha certeza de que ia rebentar uma carga nas minhas calças antes mesmo de estar dentro dela.

— Sim, Preston. Foda-se, sim! — Seus dedos emaranharam no meu cabelo, puxando com força o suficiente para doer um pouco enquanto seus quadris se moviam em pequenos círculos rápidos. — Sim!

Eu sorri contra ela. Nina estava tão louca na cama quanto parecia, tão disposta a se jogar à mercê dos deuses do prazer e absorvendo cada momento como se lhe fosse devido. Sua respiração ofegante, junto com o

som da minha língua deslizando através de seus sucos, me excitou mais. — Nina. — eu gemi contra ela.

— Preston. — ela gemeu de volta quando seu corpo começou a pulsar internamente, sua pele úmida de suor enquanto arrepios a varriam. — Preston.

Afastei-me e, quando ela franziu o cenho para a separação, sorri para ela. — Certifique-se de gritar meu nome muito alto.

Ela olhou para mim, então manteve os olhos em mim quando eu mergulhei dois dedos profundamente dentro dela e chupei seu clitóris. Difícil.

— Oh merda, Preston! — Seu corpo tremeu e convulsionou e ela segurou meu cabelo por uma vida preciosa, puxando-o com força enquanto se chocava contra mim, provocando seu orgasmo na minha língua. — Sim!

Continuei lambendo-a até que ela era uma bagunça de carne úmida, cabelo selvagem e um sorriso sedutor. — É música para os meus ouvidos.

Ela riu e torceu o dedo para me chamar mais perto. — Essa música foi para o meu corpo. Há apenas um problema. — ela disse seriamente.

— Oh sim, o que é isso? — De onde eu estava sentado, não havia problema.

— Ainda não tomei *minha* sobremesa. — Ela lambeu os lábios e me empurrou para fora dela, estremecendo um pouco quando meus dedos deslizaram de seu corpo.

Nina montou em meus quadris e me beijou como se estivesse procurando por algo quente e intenso, como um fogo pronto para ficar fora de controle. — Um beijo tão bom. — ela murmurou quando se afastou.

— Eu vejo. Tudo que você precisa é de alguns orgasmos antes de começar a elogiar a esquerda e a direita.

Ela riu de novo. — Talvez você esteja certo. Melhor não deixar que esse pequeno segredo saia. — Sua risada rouca vibrou através do meu corpo, junto com cada beijo que ela colocou no meu peito, meus abdominais, coxas e até meu saco.

Fechei os olhos, deixando a sensação de sua boca macia, cabelos sedosos e o raspar de sua língua me hipnotizar. Ela prestou atenção a cada centímetro do meu corpo antes de sua língua finalmente deslizar o comprimento do meu pau, deliberada e atenciosa.

— Nina. — Eu gemi, enquanto ela mantinha uma lambida lenta e constante até meu pau inteiro estar molhado e doendo por ela.

— Me diga como você gosta. — Seu sorriso era diabólico quando ela me levou lentamente, os olhos nunca deixando os meus enquanto eu observava meu pau desaparecer em sua boca.

Meus quadris estremeceram quando ela engoliu em volta da minha ponta. — Oh, merda. Demais.

Agarrei seu cabelo com força e deslizei por sua garganta uma vez. Duas vezes. Três vezes antes de afastá-la. — Mais disso depois; Eu preciso ver o quão molhada você ficou por me chupar.

Antes que eu pudesse mudar nossas posições, Nina sentou-se para que a crista do meu pau deslizasse entre suas dobras, absorvendo cada centímetro de mim. — Tão molhada. — eu gemi.

Ela ofegou e lambeu os quadris antes de jogar a cabeça para trás, aproveitando o prazer de deslizar para frente e para trás. — Preston.

— Sim, Nina.

Agarrando a base do meu pau, ela deslizou todo o caminho até que estivéssemos totalmente conectados. Ela ficou lá por um longo momento, não se mexendo até que estivesse boa e pronta. — Tão bom. Você se sente tão bem.

Eu concordei com esse sentimento - ser enterrado em Nina e ver como ela se desfez lentamente foi uma das maiores experiências da minha vida. Ela pegou o que queria, mas não sem me dar exatamente o que eu precisava.

Era selvagem, frenético e intenso quando ela me montou mais fundo. Mais rápido e mais duro, até que sua pele bateu contra a minha. — Ohhhh.

Ela sorriu. — Não se segure, Preston.

A risada encantada que se libertou de seus lábios enrolados, quando eu virei nossas posições ameaçou me desfazer. O som vibrou contra mim e ela não parou nem quando eu agarrei seus quadris com força suficiente para machucar.

Então, o riso se misturou com gemidos enquanto eu batia forte e profundamente, sem segurar nada e dando a ela exatamente o que ela queria. — Nina. Nina.

— Preston, estou perto.

— Eu sei. Eu entendo você. Venha para mim, Nina. Venha por todo o meu pau.

Uma pequena pitada de seus mamilos a empurrou para a direita em um orgasmo tão poderoso que tirou meu próprio direito do corpo. — Sim, querida. Bota tudo pra fora.

Eu bati em seu orgasmo, deixando-a me apertar até ficar seca, até que meus quadris finalmente pararam de se mover e eu quase caí em cima dela. — Puta merda, Preston. Essa foi a melhor sobremesa que já comi.

Eu não poderia ter concordado mais com ela. — Basta pensar, estamos apenas começando.

Sua risada brilhante ecoou novamente. — Apenas pense, nós poderíamos ter feito isso a noite toda.

Eu caí ao lado dela e a puxei para perto. — Apenas pense, a noite ainda é jovem e eu vou embora amanhã.

Depois de uma soneca curta, eu a peguei novamente - desta vez tão lento que ela me pediu para dar a ela com força e rapidez.

No momento em que estávamos ambos satisfeitos, eu tinha Nina meio adormecida em meus braços, suas curvas suaves se aconchegavam contra mim, e apenas um pensamento em minha mente.

Certo. Parecia tão certo.

NINA

Eu não era uma garota assistente de escritório, ponto final. Eu não tinha a disposição ensolarada que recepcionistas alegres de todo o mundo possuíam para cumprimentar centenas, talvez milhares, de pessoas todos os meses. Eu tinha muitas tatuagens e sorrisos insuficientes, o que fez o meu novo show como assistente virtual perfeito.

Tudo o que eu precisava fazer era atender algumas chamadas telefônicas, fazer alterações em três calendários diferentes e receber mensagens. Deve ser uma maneira bastante simples de ganhar alguns dólares - mas eu precisaria comprar alguns materiais de escritório.

A caminhada até a loja geral de Bo foi longa, mas o tempo estava ótimo: ensolarado e claro. Eu estava sorrindo alegre enquanto empurrava a porta da frente da loja.

— Ei, Nina!

— Ei, Bo. Como tá indo?

Ela deu de ombros, seu rosto revelando o mesmo sorriso largo que ela sempre usava. — Muito bom, mas acho que deveria estar lhe perguntando isso. Como você está se sentindo?

— Ficarei melhor quando chegar em casa. — Andar pela cidade foi ótimo para o meu coração, mas isso me deixou uma bagunça suada, o que significava que eu teria que lutar por um segundo banho depois de voltar para casa. — Cadernos e canetas?

— Eu os pegarei. Preferências de cores?

— Próprio para faculdade. O resto é com você. — Ela sorriu e ricocheteou, rabo de cavalo balançando atrás dela. — Deus, eu mataria por essa energia agora.

— Nina! Não sei como conseguiu Preston concordar, mas concordou. Ele fez! — Janey gritou, possivelmente estourando meu tímpano. — Isso vai ser incrível! Você é incrível e tudo está se unindo perfeitamente.

Fiquei de pé, esperando Bo voltar com meus suprimentos, enquanto Janey saía pela tangente, criando uma lista detalhada de tudo o que ela precisava fazer, embora eu tivesse certeza de que não exigia audiência.

— Eu não tive nada a ver com a decisão dele. — Parecia verdade, e eu *lhe* disse para fazer o que quisesse. Independentemente do nosso encontro.

— Bobagem. — ela insistiu, envolvendo um dos braços em volta dos meus e me dando um abraço antes de dar um passo para trás e colocar um envelope na mesa com as palavras 'Pacote de Benefícios' datilografadas na frente.

— Temos muito o que fazer e não muito tempo para fazê-lo, então leia isso hoje à noite. E isso. — acrescentou ela, puxando um fichário verde da bolsa e batendo no balcão. Além disso, ela colocou um calendário já preenchido. — Estarei na sua casa amanhã às nove com café e doces. Obrigada por isso, Nina. Vai ser incrível!

Com isso, ela saiu correndo de Bo como se nunca tivesse estado lá. — Eu ouvi Janey? — Bo ligou enquanto caminhava com os itens que eu pedi.

Examinei a loja. — Como você adivinhou sem nenhuma evidência de um turbilhão?

Bo riu e tocou o pedido, franzindo a testa quando segurei meu telefone contra a tela para pagar. — Antes de você se mudar para a cidade, eu ia me livrar dessa coisa, mas agora parece que todo mundo usa. Não me parece seguro.

Sua antipatia por tecnologia não era segredo, e sempre me fazia rir. — Eu vou deixar você saber quando eu for roubada, Bo.

— É apenas uma questão de tempo. — ela confirmou, mantendo a porta aberta para que eu pudesse sair da loja. — Mas espero que não, é claro.

Eu sorri para ela. — Aproveite o seu dia, Bo.

— Você também, Nina. Grite se você precisar de mais alguma coisa. — Eu balancei a cabeça e acenei como se fosse fazer isso, mas acho que nós dois sabíamos que não era minha coisa.

A tarde passou lenta como o inferno. As três horas de assistente virtual pareciam nove horas, mas sabendo que haveria $ 150 depositados em minha conta antes que o dia terminasse.

A única coisa que me deu um alívio real foi o envelope de Janey, olhando para mim. Me provocando. Assim que me vesti para minha consulta com o Dr. Cahill, abri o envelope e li enquanto esperava meu motorista do Uber, Gary, chegar.

O salário não era muito, mas se eu mantivesse meu emprego com Buddy, seria capaz de economizar muito dinheiro. O plano de saúde e odontológico foi o que realmente me atraiu - eu estava cansada de gastar uma semana de gorjetas em seguros. Parecia um bom negócio. Muito bom.

Quase bom *demais*, e foi por isso que não tirei meu nome da lista de disponibilidade de assistentes virtuais. Ainda. Eu tinha duas opções: confiar em Janey e nesse envelope, ou não.

Uma batida soou na porta e, sem pensar, eu a abri, esperando ver o cacho loiro de Gary. Em vez disso, era uma mulher pequena e mais velha, com uma trança marrom escura e olhos verdes jade. — Você não é Gary.

Ela riu e foi uma boa gargalhada, que parecia que ela costumava usá-la com frequência. — Não. Betty Kemp. — Ela estendeu a mão e eu a aceitei, chocada com a força daqueles dedos delicados. — Mãe de Ry e mãe adotiva de Preston. Foi ele quem me pediu para buscá-la para sua consulta.

Ele fez o que? — Eu nem disse a ele que tinha um compromisso. — Eu estava pronta para ficar bem e com raiva por causa dessa ultrapassagem, mas, caramba, era meio doce.

— Desculpe, obrigada Betty. Entre. Ou devo chamá-la de Sra. Kemp? — Eu nunca soube as regras sobre esse tipo de coisa, mas *era* o sul e a formalidade às vezes era um sinal de respeito.

— Betty está bem. Como está o tornozelo?

— Não é terrível, mas eu não recomendaria esta lesão em particular. Faz andar por aí uma cadela.

Em pânico, fiquei preocupada por ter ofendido Betty, mas ela riu de novo. — Eu imagino que sim. Eu quebrei meu braço uma vez, décadas atrás. Cuidar de quatro crianças indisciplinadas com um braço não é uma experiência que eu desejaria para ninguém. Vamos seguir em frente.

Betty era forte e capaz, mas senti que ela não se importava com ninguém. Então não tive nenhum problema em deixá-la me ajudar a descer as escadas e entrar em seu pequeno sedan.

— Obrigada por isso. Devo-lhe.

— Não, Preston me deve. — corrigiu Betty. — Mas você deve ser muito importante para ele me pedir um favor pessoal. Ele geralmente mantém suas cartas perto do peito quando se trata de sexo mais justo.

— Nós meio que nos tornamos amigos.

Isso pode estar subestimando um pouco o relacionamento, mas estava próximo o suficiente da verdade.

— Sim, bem, todas as garotas solteiras de Tulip têm inveja de sua *amizade* com o solteiro mais qualificado da cidade.

Aquele. Novamente. — Por que ele é o mais elegível? Por causa de seu nome ou da riqueza de sua família? Há muitos outros solteiros gostosos na cidade. Acredite, agora é meu trabalho rastreá-los e fazê-los dizer sim a este calendário.

— Trabalho difícil. — Betty bufou de bom humor. — E você está sendo paga? Parece que você pegou um trevo de quatro folhas.

— Você esqueceu o tornozelo torcido?

Ela zombou e acenou para mim com desdém. — As feridas cicatrizam, mas é um bom trabalho. E, pelo que ouvi, você chamou a atenção de Preston.

— Para agora. Não estou prendendo a respiração.

— Por que não? Quero dizer, parece que você não se importa com o nome dele ou com o dinheiro dele - você não gosta dele?

— Como não gostar? Ele é bonito, gentil e doce, mas também é arrogante e mandão como o inferno. — E eu só gostei da coisa mandona quando estávamos nus, o que eu não ia confessar para a mãe do melhor amigo dele. — Somos muito diferentes, só isso.

— Ah, agora você está mentindo para si mesma, querida.

— Desculpe? — Talvez eu deva reconsiderar a coisa toda 'gostar de Betty'.

— Você me ouviu. Você gosta dele, e o fato de eu estar aqui significa que ele gosta de você. Mas você está com medo. Uma garota forte como você. — Ela bateu nos lábios e me deu o tipo de olhar decepcionado que eu lembrava vagamente antes de meus pais morrerem. — Não posso acreditar que você preferiria ficar com a mão que recebeu, quando tem a chance de receber algumas novas cartas e fazer algo novo.

Sua metáfora bizarra meio que fazia sentido para mim, o que deveria ter sido meu primeiro aviso de que eu estava louca. — Devo estar soando alarmes sobre o seu problema de poker?

Betty riu, mas não se intimidou. Ela parou em um dos lugares de estacionamento para visitantes e desligou o motor antes de virar para mim. — Estou falando sério. Não procure razões pelas quais não podem estar

juntos; se não é para ser, não será. — Com essas palavras, ela saiu do carro e marchou pela frente, com determinação escrita em todo o rosto.

Suas palavras ecoaram exatamente o que eu já estava preocupada - deixar Preston se aproximar *e se* apaixonar por ele, apenas para que ele percebesse que eu não era o que ele queria.

Ou talvez Betty estivesse certa, e eu estivesse pensando nisso tudo errado.



* * *

— Seja direto, doutor.

O Dr. Cahill passou os últimos cinco minutos lendo todas as palavras do meu prontuário e encarando meu tornozelo por tanto tempo que pensei que ele estivesse fazendo uma jogada ou tendo um derrame.

Ele sorriu brevemente antes que uma carranca escurecesse seus belos traços. — Você está exagerando.

Balancei minha cabeça e abri a boca para negar a acusação com cada fibra do meu ser, mas ele levantou a mão e me parou. — Eu não estou perguntando, Nina. Eu vi você mancando pela cidade, carregando muito e andando demais. Só posso imaginar o que você tem feito em particular.

O constrangimento tomou conta de mim, e eu desejei que minha pele pálida não me traísse na frente do médico já sorrindo.

Ele era outro daqueles caras que era atraente demais para o seu próprio bem, e um médico para começar. Fale sobre injusto. Aquelas covinhas e fechaduras irlandesas pretas eram perfeitas - e fiquei impressionado com a inspiração.

— Como você se sentiria em ser um dos heróis no calendário dos Heróis da Cidade Natal?

Não foi o mais elegante dos pedidos e meu timing não poderia ter sido pior, mas não é como se ele concordasse em uma reunião comigo, já que a cidade inteira já sabia o que eu estava fazendo. Onde quer que eu fosse, as pessoas me paravam para exaltar as virtudes desse sobrinho ou neto. Era chato. E meio doce, eu tinha que admitir.

— Não.

Isso foi... inequívoco. — É por uma boa causa.

— Eu sei, e se você quiser que eu pague pelo aluguel de equipamentos ou algo assim, posso fazer isso. Isto? Não.

Por que todos os homens desta cidade eram tão teimosos? A maioria dos caras nem metade da aparência seria lisonjeada por fazer parte de um calendário pelo qual as mulheres pagariam apenas para vê-las em vários estados de nudez.

— Se você estiver preocupado com o bom gosto, direi a Janey que é uma condição da sua participação. Qual é o problema?

O Dr. Cahill cruzou os braços e se transformou no cara que eu já tinha visto bastante no Black Thumb. — Não quero posar para um calendário para as mulheres babarem.

Eu ri; tinha que ser uma piada. — Novidade, Derek, as mulheres babam sobre você de qualquer maneira. Todo dia e em qualquer lugar que você vá.

— Até você?

— Eu não babo, exatamente, mas *eu* aprecio as coisas bonitas.

Ele bufou uma risada e olhou de volta para a pilha em suas mãos. — Você precisa fazer mais fisioterapia se não quiser manter a coisa por mais seis semanas.

— Mais seis semanas, você está louco?

— Acalme-se, Nina. Isso é uma ordem. — Eu balancei a cabeça em concordância, porque, sejamos honestos, mais seis semanas dessa bota enlouquecedora e eu posso optar pelo perma-limp. — E eu vou pensar nas outras coisas.

— A sério?

— Sim. Vejo você em duas semanas, Nina.

— Ou antes, se precisarmos nos encontrar sobre o calendário. — eu disse esperançosamente, enquanto a porta se fechava lentamente atrás dele. Eu estava otimista - mas agora era hora de enfrentar o conselho direto de Betty.

Respirei cerca de uma dúzia de respirações profundas quando o elevador me levou ao saguão e entrei mancando até o dia ensolarado.

Eu não precisava me preocupar. Betty não estava em lugar nenhum e eu não tinha o número dela. O que significava que eu estava presa, mais ou menos. Eu tinha opções, mas todas significavam esperar. Olhei em volta procurando um lugar para sentar enquanto tentava descobrir como chegaria em casa.

— Parece que você poderia usar uma carona. E almoço.

Preston sorriu para mim por trás do volante de seu carro enorme, que estava parado ao lado da entrada da clínica.

— Você está oferecendo os dois? — Eu chamei.

— O que você quiser, Nina.

Esse sorriso de menino seria a minha morte, mas a maneira como meu nome rolou de sua língua foi instantaneamente mais úmido.

— Isso parece promissor. — Dessexualmente, fui mancanda até o SUV e entrei como um potro recém-nascido. — Mas não pode ser um longo almoço. Eu ainda tenho dez meses de homens para achar.

— Então vamos fazer um almoço de trabalho. Vou lhe dar informações privilegiadas sobre como fazer com que cada um diga sim.

Ele era muito fofo, sendo todo prestativo e gentil. Era algo que uma garota poderia se acostumar.

Uma garota, mas não eu. — Mais primeiros encontros? — Eu gemi exageradamente e ele franziu a testa, agarrando minha coxa e apertando até eu rir.

— Muito engraçado.

— Eu pensei assim. — Fomos para o Big Mama's Diner em um tipo de silêncio confortável que foi mais do que agradável. Foi fácil. E uma boa maneira de acalmar uma garota com uma falsa sensação de segurança, o que Preston fez assim que nos sentamos.

— Então, Nina, o que a trouxe para Tulip?

Eu sorri. Todas as pessoas com quem eu entrei em contato fizeram a mesma pergunta, então contei a ele a mesma história que contei a elas.

— Joguei um dardo no mapa e ele pousou em Tulip. As Tulipas são lindas e fortes, e fazia muito tempo que eu morava em uma cidade pequena.

Provavelmente procurando um lugar que parecia a última vez que eu tinha um lar, continuei na minha cabeça. Imaginei isso sozinha, sem a ajuda de um psiquiatra de cento e cinquenta dólares por hora, muito obrigada.

— Isso é fofo, mas não acho que seja a resposta toda. Estou ansioso para tirá-la de você. Até sua brincadeira de flerte era adorável - e sexy como o inferno.

— Existe aquela confiança de Worthington de que tenho ouvido falar tanto.

Ele deu uma careta falsa. — Quem está falando?

A questão era quem não tinha estado. De alguma forma, chegou a notícia de que estávamos passando um tempo juntos e, além de as pessoas pararem para me dizer quem deveria estar no calendário, agora paravam para contar histórias de um Preston jovem e arrogante, bom em tudo o que fazia. debater clube para zagueiro. — Você não gostaria de saber?

Algo sujo estava na ponta da língua, mas a chegada do nosso servidor foi um alívio bem-vindo. — O que vai ser para os nossos heróis residentes?

— Eu apenas encurralo os heróis. — eu assegurei a ele. — Mas eu vou comer frango frito e waffles, a mistura picante. E chá de pêssego, obrigada.

— Rolo de carne. E o purê de batatas com endro parece incrível. Com um pouco de espiga de milho também. — Preston mostrou aquele sorriso de Worthington e o servidor corou até os dedos dos pés. — Vou tomar água gelada para beber. Obrigado.

— Onde você coloca tudo isso?

— Eu corro oito quilômetros quase todos os dias e, quando trabalho, fazemos muitos circuitos em nossas áreas designadas. Milhas e milhas de circuitos. — Enquanto ele falava, minha mente vagou para imagens dele sem camisa e suado, seu peito dourado arfando enquanto ele ofegava pesadamente. — Eu adoraria saber para onde sua mente foi agora.

— Tenho certeza que sim, mas me prometeram um almoço de trabalho.

Ele se inclinou para frente com uma risada. — Já está acontecendo.

Eu acreditaria quando vi. — O que está acontecendo?

Ele encolheu os ombros. — Treinamento obrigatório por três dias seguidos.

Eu tinha que admitir, parecia terrível. — Se isso faz você se sentir melhor, imagino que você esteja usando shorts muito curtos enquanto estiver percorrendo o deserto.

Sua risada profunda explodiu, enviando arrepios deslizando pela minha pele. — Estranhamente, isso me faz sentir melhor, Nina.

— Bom. Conto com essas imagens que me fazem passar o meu fim de semana chato de locais de observação para as sessões de fotos. Tem alguma ideia?

Um sorriso provocador brincou nos cantos de sua boca beijável quando ele a abriu para dizer algo, antes que uma sombra cruzasse a mesa. — Ei, pássaros do amor, o que estamos comendo? — Ry deslizou do meu lado da cabine e passou um braço em volta de mim, sorrindo largamente com um brilho nos olhos.

— *Estamos* almoçando. — disse Preston, abaixando a voz com uma falsa irritação. — *Você* está aqui por um momento.

Ry piscou para mim e virou-se para Preston com uma careta. — Você ligou e eu vim correndo, e esse é o agradecimento que recebo? Que vergonha, Preston.

— Corte a porcaria, Ry.

Meu lado doía de rir da brincadeira deles. Eu nunca tinha visto dois homens adultos tão brincalhões juntos. — Ok, rapazes, acalmem-se. Ry, como você se sentiria em ser um dos heróis da cidade natal de Tulip?

— Eu adoraria... pensar sobre isso. — disse ele, com traição em seus olhos. — Mas eu quero ser julho, é o mês mais quente. Ou é agosto? — Sua pergunta era retórica. Preston e eu nos sentamos e gostamos do show. — Não, julho. Eu quero ser o Sr. Julho.

— Janey espera que o Sr. Julho esteja sem camisa. — esclareci. — Talvez em uma maca ou algo assim.

Ry jogou a cabeça para trás e riu, não dando a mínima para que todos os olhos da lanchonete estivessem sobre a nossa mesa. — Eu gosto de você, Nina. Talvez um pouco dessa atrevimento passe para o garoto bonito Preston. E não tenho problema em ficar sem camisa para você e Janey. Apenas diga a palavra.

Abri minha boca para agradecê-lo e Ry apontou para mim. — Minhas calças ficam.

— Que diabos seria o tipo de calendário você acha que vai ser? — Os dois homens começaram a rir, enviando todos os olhos em nossa direção. Novamente.

— Apenas colocando meus limites cedo. — disse ele, brincando, acariciando seus cabelos e fazendo beicinho seus lábios como a diva perfeita.

— Acho que novembro ainda está aberto. — provoquei.

Ry se levantou, fingindo estar chocado. — E para pensar, pensei que éramos amigos. — Com uma piscadela, ele correu da lanchonete e alcançou uma loira bonita com pernas longas do lado de fora.

— Como vocês estão dois amigos de novo?

— Uma vida inteira de travessuras juntos. — disse Preston, sorrindo enquanto observava o amigo ir embora.

— Agora que eu acredito. — eu disse a ele com um sorriso. Logo se tornou um gemido quando minha comida foi colocada na minha frente.

Preston se inclinou sobre a mesa com um sorriso sexy que eu mal pude resistir. — Agora que tiramos algum trabalho do caminho, o que você acha de levarmos essa comida e irmos para minha casa para aumentar o apetite?

Foi a melhor oferta que tive o dia todo. — Talvez eu possa ser convencida.

Um sorriso dividiu seu belo rosto, olhos azuis profundos e inebriantes. — Fico feliz em convencer você, Nina. Mesmo que demore a tarde toda.

Minha mão voou no ar para chamar para a garçonete e pedir que ela embalasse nossa comida. Quando ela voltou com nossas ordens, Preston colocou minha mão na dele quando ele me puxou para fora da porta e de volta para sua caminhonete.

— Onde está o fogo? — Eu perguntei a ele sarcasticamente.

— Por toda parte. — ele respondeu com uma honestidade crua que causou arrepios na minha espinha e fez o calor se espalhar pelo meu corpo. Enquanto dirigíamos a curta distância até a casa dele, o ar estava denso de tensão e necessidade sexual bruta.

Como se viu, levou a tarde toda para ele me convencer.

PRESTON

A desvantagem da minha vida social recém-revivida foi que eu esqueci de fazer coisas normais do dia a dia, como abastecer minha cozinha. Armários vazios já eram difíceis de lidar, mas a falta de filtros de café era simplesmente insuportável.

Andar a um quarteirão da rua onde eu encontrara uma vaga de estacionamento para o General de Bo valeu a pena - ela tinha um bom café, fofocas mínimas e nenhuma chance de encontrar a mais recente nora de minha mãe, Cynthia St. James. A mulher era um clone de minha própria mãe, até o coque simples, chato e de bom gosto que ela usava, enrolava seus cabelos loiros a cada dia.

Foi desconcertante como o inferno.

Não era de todo uma opção.

Abri a porta da casa de Bo e congelei, recuando alguns passos quando meu cérebro finalmente alcançou a imagem que meus olhos tinham acabado de ver. Uma foto minha, com pelo menos um metro e meio de altura, sorrindo e vestindo uma camiseta branca lisa estampada com as palavras 'Sr. Janeiro 'em letras maiúsculas pretas. Eu reconheci a foto, mas não a camisa.

— Janey, sem dúvida. — eu murmurei para mim mesmo, sabendo que Nina teria pelo menos me dado um aviso.

Mas eu não tinha visto ou ouvido falar de Nina desde a nossa tarde antes do meu treinamento, que foi há quase uma semana. Um homem inseguro pode pensar que isso tem algo a ver com o prazer dela de passarmos juntos, mas eu sabia que não era isso. Mas era alguma coisa; ela respondeu às minhas mensagens, mas com muito menos esperteza do

que o habitual. Eu havia passado o fim de semana de treinamento preocupado.

— Você está com sorte hoje, Worthington - eu tenho avelã e um assado super escuro. — A voz rouca de Bo soou atrás da prateleira de batatas fritas antes de sua cabeça aparecer, com um rabo de cavalo alto e castanho na frente.

— Vou experimentar o assado super escuro. —Talvez isso me ensine uma lição sobre relaxar nas compras de supermercado. Provavelmente não, mas pelo menos o café me daria energia suficiente para atravessar o campo minado que as compras de supermercado se tornaram, desde que minha mãe decidiu que agora dava a mínima para a minha vida.

— De alguma forma, duvido que tenha sido a preguiça que tornou sua viagem de compras um pouco menos desejável. — Bo falou como se soubesse alguma coisa e, embora eu soubesse que ela e Nina eram amigáveis, eu duvidava que Nina tivesse compartilhado isso com ela.

— Você está certa, era demais para fazer e não horas suficientes para fazer tudo. — eu disse a ela honestamente, mas minhas palavras foram recebidas com um olhar desinteressado.

— Mmmhmm. — ela resmungou, enchendo uma xícara de café grande. — Bolo de café? Muffin?

— Que tal uma dúzia desses donuts de noz-bourbon? — Eles cheiravam a paraíso e significariam mais três quilômetros na minha corrida todos os dias, mas eu não tinha dúvida de que valeria a pena.

— Vá medicar seu café, eu tenho alguns novos saindo agora. — Paguei e Bo desapareceu nos fundos da loja enquanto me sentava à mesa de piquenique em frente.

— Sr. Janeiro, você está tornando minha vida muito difícil.

Vestido com seu uniforme da DP, com a pele cor de azeitona, cabelos e olhos escuros, Antonio Vargas era uma figura bastante

intimidadora - mas eu era um homem difícil de intimidar. Isso, e foi difícil se intimidar com um cara quando você o viu bêbado, com o coração partido e apenas quebrado.

— Você deve me confundir com outra pessoa. Não vejo você há semanas. — Um truque difícil de executar em uma cidade tão pequena quanto Tulip, mas de alguma forma, nós conseguimos.

Ele franziu a testa. — Faz tanto tempo? Sério?

— Sim. Você estava ocupado com o treinamento do FBI e depois com a força-tarefa. Você esteve em Tulip nas últimas semanas?

Antonio deixou Tulip para a faculdade como a maioria de nós, mas ele não voltou para casa imediatamente, aceitando um emprego em Nova Orleans e se tornando um detetive de homicídios. Alguns anos atrás, porém, ele voltou. Ele não falou muito sobre seu tempo fora.

— E de alguma forma. — disse ele, estreitando os olhos. — Você ainda conseguiu me jogar debaixo do ônibus?

Meus lábios tremeram, mas lutei como o inferno para impedir que esse sorriso se espalhasse. Ele estava certo, eu tinha. Nu na cama, eu havia contado a Nina como conseguir seus heróis de primeira escolha para o calendário. — O que você quer dizer?

— Não me dê essa merda inocente, Worthington. Todo mundo sabe que você está dormindo com a barman, e ela estava pronta para todas as minhas objeções. Todo mundo, Preston. — Os olhos castanhos de Antonio estavam duros, como sempre, mas os músculos do rosto e das mãos estavam relaxados. Ele estava irritado, mas não chateado.

— Talvez ela seja tão boa com as pessoas. Você a conhece?

— Não tão bem quanto você, claramente. — Nós compartilhamos uma risada e ele balançou a cabeça. — Ela quer que eu seja o Sr. Março e não vai desistir - ela apareceu com bacon e queijo, Preston. Sei que ela não conseguiu, mas juro que quase funcionou.

— Quase? — Eu não podia acreditar que ele não tinha dobrado como um terno barato. Aquele ataque cardíaco em um prato foi sua única indulgência real.

— Ela me emboscou no trabalho e não havia como eu concordar lá. Deu-me tempo suficiente para o meu bom senso voltar. — A voz de Antonio era leve com o alívio que ele sentia no momento. — Por que você fez isso?

— Porque uma garota bonita me pediu. — E porque ela se machucou para salvar uma criança quando não era o trabalho dela, mas isso não era da conta de ninguém, só da minha.

— Então, é mais que um boato, você e Nina?

Eu balancei a cabeça, me sentindo feliz e presunçoso, mesmo sabendo que essa resposta provavelmente iria irritar Nina. — Sim. Eu acho que sim? Ela é difícil de ler. Quando estamos juntos, ela age como se não tivesse o suficiente de mim, mas, além de algumas mensagens, não falo com ela há dias.

— Ah, a mulher independente. Ouvi rumores sobre elas, mas nunca vi uma na natureza.

— Eu estava pensando quando Antonio cínico apareceria. — O que quer que tenha acontecido em Nova Orleans o azedou em grande parte do amor, mas eu não mencionaria isso até que ele o fizesse.

— Você tem que admitir que ela não é realmente o seu tipo, Preston. — Isso era verdade.

— Isso é porque eu estava procurando uma coisa com essas mulheres.

— E você não está com ela?

Inferno não, eu não estava. — Não. Eu gosto dela e nos divertimos juntos.

— Ela esteve em sua casa. — disse ele, sabendo o que era grande coisa.

— Não foi intencional a princípio. — Mas agora, quanto mais ela aparecia, mais eu queria que ela ficasse. Felizmente, eu era inteligente o suficiente para saber que se eu dissesse a ela que agora, Nina poderia fazer as malas e sair assim que o calendário terminasse. — Ela também está preocupada.

— Sobre o que? — Ele bufou e eu sabia o que ele estava pensando. Que mulher teria algo com que se preocupar comigo - ou melhor, com minha riqueza?

— Sobre as garotas malvadas que a castigam por ciúmes e as mães casamenteiras que querem que suas filhas acabem com um Worthington. Ela acha que eles a enrijecem com gorjetas por despeito.

— E ela quer que você faça a diferença? Se você quiser, eu posso dar um jeito nela.

— Não faça isso, Antonio. Ela não pediu nada, além de mantê-lo discreto para ver se vai a algum lugar. — Eu ri. — Você pode acreditar que ela me disse que não arriscaria as gorjetas se eu apenas quisesse transar com ela?

Antonio piscou, depois riu. — Depois de passar dez minutos com ela, eu posso, na verdade. — Ele suspirou. — Eu não quero ser despojado, a não ser meu escudo, algemas e chapéu para uma sessão de fotos maldita, Preston.

Eu ri e cobri meus olhos. — Por favor, salve-me dessa imagem! — Sua carranca escureceu e eu ri ainda mais. — Apenas diga não, Nina não guardará rancor. — Pelo menos, eu não acho que ela faria.

— Talvez Nina não, mas Janey sim. Ela provavelmente vai me seguir pela cidade e me fotografar fazendo os trabalhos mais embaraçosos só para me humilhar. — Nós dois zombamos, pensando em quantas vezes ela procurou retaliação com sua câmera.

— Talvez você consiga convencer seu chefe a pagar dois centavos?

Antonio se levantou e me encarou com força. — E arriscar que ele me mande fazer isso? De jeito nenhum. Vou pensar sobre isso. — Ele jogou algumas notas sobre a mesa e balançou a cabeça. — Meu turno começa em breve. Obrigado por nada, Worthington.

— Feliz em obedecer, oficial. — eu gritei, com uma risada que só ficou mais alta quando ele passou o dedo do meio sobre o ombro. Se você não pode abusar de seus amigos, por que tê-los?



* * *

Agora que eu tinha um visitante regular que não Ry, achei que hoje seria o dia melhordo que qualquer outro para terminar minhas estantes de livros e colocá-las contra a parede.

O tempo estava bom e eu tinha um refrigerador ao meu lado cheio de cerveja, água e sanduíches. Eu poderia trabalhar a tarde toda, sem interrupções. Nina estava ocupada tirando o calendário de arrecadação de fundos, o que significava que eu estava sozinho.

E eu estava bem com isso. Eu normalmente passava a maior parte do meu tempo livre sozinho, a menos que Ry aparecesse e me obrigasse a interagir com o mundo. Mas agora que Nina estava na minha vida, sentia falta dela quando ela não estava por perto. Era um pouco desconcertante. Eu deixei meus pensamentos vagarem para Nina enquanto lixava o interior das prateleiras.

Havia muitos segredos escondidos nas profundezas daqueles olhos azuis, coisas que ela não estava pronta para compartilhar comigo. Ou alguém, eu imaginei. Mas eu tinha a paciência de um santo e tinha a sensação de fazer com que Nina se abrisse para mim.

— É isso que o mantém ocupado demais para ver nossa mãe? Apenas compre algumas malditas estantes de livros.

Meus ombros ficaram tensos ao som da voz do meu irmão, mas desde que eu não tinha pedido para ele parar, eu o ignorei. Essas prateleiras não iam lixar. Grant gemeu e eu sabia que, se me virasse, ele passaria a mão sobre o cabelo perfeitamente gelificado porque o céu proíbe que ele realmente estrague tudo.

— Preston, isso é ridículo.

— O ridículo é que você não consegue dar uma dica. — respondi sem olhar para cima. Meus golpes ficaram mais difíceis; se eu não tomasse cuidado, essa distração estragaria minha obra. Parei e larguei a folha de lixa antes de me virar para Grant. — Isso não é da sua conta.

Ele bufou. — Você está errado sobre isso.

Eu sorri. Sem mim, toda a pressão e todas as expectativas que vem com o nome Worthington caíram sobre os ombros de Grant. E por mais que ele fingisse odiá-lo, nós dois sabíamos que ele o amava secretamente.

— Não, eu não sou. Isso é entre mim e nossa mãe, então, se não é uma ligação social, você pode sair. Nós nos encaramos por um longo tempo, combinando olhos azuis cuspindo chamas para frente e para trás.

— Mamãe não vai desistir, você sabe.

Eu sabia. — Eu não espero que ela espere, mas também não me importo.

Lixando as mãos de volta na mão, voltei ao trabalho na segunda prateleira. Mamãe poderia fazer o que quisesse - sempre fazia, de qualquer maneira -, mas eu não faria parte de suas maquinações.

— Sim, você deveria, Preston. Mamãe pode ser desonesta e discreta quando quer alguma coisa.

E eu aprendi com os melhores. — Eu também posso, Grant.

Ao contrário de nossa mãe, eu não me importava em ser humilhado na frente das pessoas da cidade, porque nunca me mantive acima delas.

— Ela é nossa mãe. — O tom de Grant era insistente e duro, o mesmo que costumava me fazer voltar aos 12 anos e eu era seu irmão caçula de oito anos.

— Então ela deveria aprender a agir assim. Foi ela quem decidiu que eu não era mais um membro da família, não eu. E por mais que você finja que não gosta, nós dois sabemos que você ama. Salve o irmão mais velho preocupado e saia da minha frente.

— Maldição, Preston. — Ah, finalmente, seus dedos ousaram bagunçar seu penteado pretensioso.

Levantei-me devagar e fui até ele. Muita coisa mudou desde crianças. Eu não era mais o pequeno - ele era.

— Nunca venha à minha casa, na minha propriedade, e pense que pode me pedir por aí. Se você não quiser tomar uma cerveja ou pegar uma lixa e começar a trabalhar, saia daqui.

— Pres...

— Agora, Grant. A próxima vez que te vejo, é melhor porque você quer sair ou atirar na merda. Se por qualquer outro motivo, não se incomode em parar. Não fale e não me reconheça. — Eu sabia que era duro, mas essa merda tinha durado por muito tempo.

— Você não quis dizer isso.

— Eu faço. Mãe fez isso com o nosso relacionamento, não eu. Se você não fosse tão cego, veria isso e talvez me apoiasse. Seu irmão. Mas, como você é incapaz de fazer isso, vá se foder. Por favor.

Grant queria dizer algo mais - eu poderia dizer pela determinação em seus olhos e no teimoso conjunto de seus ombros - mas eu sabia o que ele viu quando olhou para mim. Uma figura alta e zangada, intimidadora e pronta para atacar.

Finalmente, ele assentiu e se virou, pisando cautelosamente sobre as pedras afiadas e os lamaçais lamacentos da estrada. Meu irmão parecia tão fora de lugar quanto poderia estar em seu terno de três peças e sapatos caros.

Voltei a trabalhar nas estantes, fervilhando com a visita dele. Por que as coisas nunca poderiam ser fáceis quando se tratava da família Worthington?

O som de botas esmagando o cascalho chamou minha atenção e eu me levantei, virando com um sorriso largo enquanto olhava à minha frente.

Nina, parecendo boa o suficiente para comer em um par de shorts jeans cortados que ainda tinham bastante franja provocando suas coxas, e uma camisa rosa pecaminosamente apertada que era uma mudança de ritmo do habitual esquema de cores preto, azul e cinza de seu guarda-roupa. — Você é uma visão para os olhos doloridos.

Ela colocou a bolsa de lona marrom nos pés e cruzou os braços. - Seus olhos estão doloridos, Preston?

— Não mais. Tudo o que posso ver agora é você. — Parecia uma linha, o fato de ela achar que isso também doía um pouco.

— Sim? Bem, você está muito bem. Todo suado e bronzeado. — Ela lambeu os lábios para dar ênfase, olhos azuis claros brilhando de desejo. — Como está indo? — Ela assentiu para as estantes esquecidas ao meu lado.

— Melhor agora, mas tudo bem. Você está aqui para me ver ou isso é negócio da agenda?

Nina me deu um olhar lento e aquecido que deixou meus jeans um pouco mais apertados na região da virilha. — Bem, eu *vim* por razões pessoais, mas agora eu tenho uma idéia do que seu mês deve ser parecido.

Eu gemi quando ela lambeu os lábios, como se ela não pudesse esperar para me provar, ou estivesse imaginando como eu provaria, todo suado como eu estava agora.

Larguei a lixadeira e fechei a distância entre nós, segurando seu rosto enquanto ela agarrou um punhado da minha camisa e me puxou para baixo. Ela precisava de um beijo adequado. Coloquei minha boca na dela e dei-lhe o beijo mais sujo e sexy que pude.

Ela tinha um sabor doce, como hortelã e algum tipo de amora. Eu não conseguia o suficiente. Nina também não, se o jeito que ela estava me segurando perto e deslizando a língua dentro da minha boca era alguma indicação.

Eventualmente. ela se afastou com um sorriso sem fôlego. — Que calendário?

Sorri para o seu olhar um pouco nebuloso e desbotado por sexo e a peguei, jogando-a por cima do ombro porque carregá-la para a cama significava que eu não teria que esperar.

Mal podia esperar. Eu a tirei e passei o resto da tarde - e até a noite - beijando-a e provando-a, amando-a e fazendo-a gritar meu nome.

O som do meu nome nos lábios dela quando ela caia em êxtase estava rapidamente se tornando o meu som favorito.

NINA

Eu nunca admitiria isso em seu rosto, mas Buddy estava certo. Não havia nenhuma maneira no inferno que eu fosse capaz de correr o comprimento de seis metros do bar, para frente e para trás, por um turno inteiro, às vezes um turno e meio.

As últimas três horas haviam me provado que, apesar de todos os meus protestos em contrário, essa perna estava me atrasando. Procurar locais diferentes para as sessões de fotos de Janey tinha me tirado muito, mesmo que a maior parte do meu tempo tivesse passado dirigindo. Janey era fã de fotos ao ar livre, aparentemente, o que significava dirigir até a periferia da cidade em *todas as* direções para ver se essa flor estava florescendo ou se as montanhas eram visíveis com a nebulosidade. Sugava, mas era suportável. O que não era suportável, porém, eram as longas caminhadas necessárias para encontrar o chamado local perfeito.

Infelizmente, eles *eram de* tirar o fôlego. E quando tirei fotos e vídeos de cada local, eu estava uma bagunça cansada, irritadiça e suada - sem condições de sair por aí me aproximando de todos os lindos heróis da cidade para pedir que participassem do calendário. Que estava agora no topo da minha lista de tarefas.

Até agora, apenas Preston e Ry haviam se comprometido. O Dr. Cahill e o policial Vargas estavam se esforçando para conseguir, então eu ainda precisava de mais dez heróis da cidade para concordar.

Como eu não estava mais apresentável em público, voltei para casa, mantendo os olhos abertos para o Dr. Ele me mataria se me visse dirigindo, e não importaria nem um pouco que eu passasse uma hora inteira em fisioterapia todos os dias desta semana.

Estacionando em segurança na entrada da garagem, fui até o meu apartamento, sorrindo que havia sido mais fácil fazer a viagem mesmo com a bota. Ainda assim, eu mal podia esperar até poder jogar a coisa miserável no lixo.

Tomei banho e lavei o cabelo, ignorando os pequenos galhos e folhas que rodavam em volta dos meus pés, porque eu não conseguia parar de pensar em Preston. O que diabos eu estava fazendo, brincando com o garoto de ouro da cidade? Um dos filhos da família fundadora da cidade?

Não significava muito para mim, mas eu fiz um estudo rápido. Isso significava algo para as pessoas daqui, o que provavelmente significava que eu precisava me afastar.

E eu teria, se pudesse, Preston era muito atraente. Muito engraçado. Muito doce. Sexy demais. Eu podia admitir, pelo menos para mim, que era viciada em Preston. Impotente para resistir a ele.

Tão impotente que quando ele tocou minha campainha alguns minutos depois, meus pés começaram a se mover em direção à porta, sem levar em consideração a camiseta longa e as meias felpudas que eu usava de pijama. — Preston. — Minha voz era ofegante, tonta até. Eu era patética.

Seu profundo olhar azul percorreu meu corpo, duas vezes, antes que ele lambesse os lábios e falasse com voz rouca. — Nina. Eu gosto de você em rosa.

Recuei e empurrei a porta para deixar Preston e seus dois gigantes sacos de papel entrarem. — Hum, obrigada? — Eu nem fingia que não era um elogio estranho, mas também não podia fingir que não gostava.

— Espero que você esteja com fome - eu trouxe churrasco.

Meu estômago já tinha me dito o que havia na sacola, mas provavelmente não seria muito feminino identificar as batatas fritas, salada de repolho e milho apenas pelo cheiro. Seria?

— Nada que eu amo mais do que churrasco e crime verdadeiro. — Os analgésicos já haviam entrado em ação, mas não o suficiente para me deixar louca - um fato pelo qual eu estava agradecida no momento, porque tinha planos.

— Crime Verdadeiro? — Ele não parecia horrorizado, o que foi um alívio.

— Sim, eu estou assistindo o *Mindhunter.* — A Netflix era provavelmente o relacionamento mais estável que tive nos últimos anos. Viajando comigo onde quer que eu fosse. Lembrando meus gostos e desgostos. Até me checando. Se a Netflix se parecesse com Preston, eu já estaria casada.

— Você assiste alguma coisa feliz ou otimista?

Claro, ele gostaria de saber disso. — Gosto da comédia ocasional. — admiti. — Mas, na verdade, a maioria dos documentários sobre crimes verdadeiros, *são* histórias felizes porque os mocinhos venceram, a vítima obteve justiça e suas famílias foram fechadas. Não posso pedir nada mais feliz que isso.

Filmes cheios de coisas sentimentais e emocionais me deixavam desconfortável e cínica com a distinta falta de realismo deles. Ou lógica.

— É *Mindhunter* ou *Making a Murderer 2*. — ofereci. —A escolha é sua.

— O que é o *Mindhunter*? — ele perguntou. Eu estava um pouco surpresa; Eu esperava que ele discutisse.

Ele desempacotou os recipientes do churrasco e ouviu atentamente enquanto eu explicava a premissa da série e nos pegou pratos e talheres. — Isso parece horrível, mas estranhamente intrigante.

— Exatamente. — eu disse a ele presunçosamente.

Preston soltou uma risada brilhante e infantil, mas sua expressão mudou rapidamente quando ele contornou o balcão, me prendendo entre a pia e seu corpo grande e duro.

— Ei, Nina. — ele praticamente ronronou enquanto passava o dedo pelo meu cabelo suavemente antes de dar um puxão forte.

— Ei, você mesmo. — eu respondi atrevidamente, mas minha voz era profunda e rouca. Não havia dúvida sobre o que eu estava pensando ou o que eu queria.

Quando sua boca tocou a minha, o beijo começou lento, lânguido. Um beijo preguiçoso e sexy entre duas pessoas que tinham todo o tempo do mundo, um casal para quem nada existia além do nosso desejo de provar um ao outro.

Preston mudou o andamento; acelerou, seus movimentos se tornaram curtos e bruscos. Seu aperto se apertou no meu cabelo e no meu quadril, sua língua mergulhou mais fundo na minha boca, e a crista dura de seu pênis pressionou contra mim, puxando um longo gemido angustiado.

Preston tinha um sabor melhor que chocolate. Melhor que pizza. Inferno, ele até tinha um gosto melhor que tequila. — Nina. — ele gemeu quando minha mão deslizou sob a bainha de sua camiseta SAR, explorando os músculos impressionantemente duros cobertos por pele macia.

Eu queria tanto esse homem que mal conseguia respirar. Eu pulei em seus braços, confiando nele para me pegar. Minhas pernas envolveram sua cintura; nós fomos montados exatamente onde pertencemos. Eu estava com calor e dor, ele estava duro e latejante, e nós dois estávamos com muitas roupas.

— Preston, sim. — eu gemi em seu ouvido quando suas mãos deslizaram pelas minhas costas para apertar e amassar minha bunda. Ele

a agarrou com força e me puxou para mais perto de sua ereção até que um gemido escapou dos meus lábios. — Eu quero você, Preston.

Ele soltou um gemido estrangulado e nos girou até minha bunda pousar no balcão da cozinha. — Estou bem aqui, Nina. — Um dedo traçou a parte interna da minha perna, do meu joelho para cima, mas a provocação parou antes que ele chegasse a algum lugar bom.

— Eu preciso de você. Agora. — Foi uma admissão que não fiz com facilidade, mas com as mãos dele me fazendo sentir tão bem e seu hálito doce se espalhando pela minha carne superaquecida, era demais.

Minhas mãos dispararam para a cintura dele, gemendo na fileira de botões que cobriam seu pênis. Ainda assim, eu fiz um trabalho rápido para libertar sua ereção, acariciando-a suavemente no começo, mas depois mais duro. Com intenção mais sombria.

— Nina. — ele gemeu e agarrou meu pulso.

— Sim? — Eu mal podia conter meu sorriso. Eu não me importava de ser brincalhona durante o sexo. Ou preliminares.

— Você está tentando me matar. — Eu dei a ele o meu melhor olhar inocente e rapidamente me perdi em seus olhos, mal percebendo quando ele agarrou minha calcinha roxa e rasgou-a do meu corpo. — Mas eu não vou com calma. — ele me disse antes de seus dois dedos grossos afundarem no meu corpo, roubando cada um dos meus sentidos junto com meus pensamentos.

Mas não a minha voz. — Oh sim.

Eles mergulharam fundo uma e outra vez, seu polegar esfregando círculos provocadores ao redor do meu clitóris. Não o suficiente para me fazer gozar, mas apenas o suficiente para me deixar louca. E a sensação dele me fodendo enquanto eu acariciava seu pau era tão sensual que fiquei frenética. — Preston.

— Você está tão molhada, Nina. Isso é para mim?

Eu sorri. — Você quer?

Ele assentiu, seu olhar pesado de desejo. — Eu faço.

— Mostre-me. — Algo em estar com Preston me fazia sentir despreocupada e divertida, e eu adorava.

Lentamente, ele removeu os dedos do meu corpo, espalhando-os para que eu pudesse ver o quão molhada e pegajosa eu estava. Então, ele mergulhou os dois dedos em sua boca com um gemido e bateu nos lábios.

— Mudança de planos, querida. — Antes que eu pudesse obter respostas, Preston me empurrou para trás e abriu minhas pernas para que ele pudesse me lamber, lenta e mais rapidamente, trabalhando duro para me tirar da cabeça.

— Preston. Oh, sim, Preston! — Meu corpo começou a tremer, tremendo quando o orgasmo saiu do centro do meu corpo e disparou através das minhas extremidades.

Foi uma daquelas experiências fora do corpo, onde eu podia me sentir olhando para nós dois, me deixando atordoada. O sorriso no meu rosto era pura felicidade e quando Preston se levantou, beijando o caminho do meu estômago para a minha boca, o olhar em seus olhos me assustou muito.

— Isso foi rápido. — Ele riu, mas não havia como confundir o orgulho em sua expressão.

— Você é tão bom com sua boca sexy. Agora, vamos ver o que você pode fazer com esse monstro entre as pernas.

Ele riu, novamente me puxando para perto. — Você tem uma boca suja, Nina.

— Você gosta da minha boca suja.

— Eu faço. — ele gemeu quando a cabeça contundente de seu pau empurrou em mim lentamente. Ele era longo e grosso, seu ritmo lento e

tentador. — Mas o que eu realmente amo é a maneira como você abraça meu pau.

A única coisa que eu podia sentir era Preston. Ele estava dentro de mim, me cercando. Ele estava em todo lugar e foi esmagador. Meu corpo ainda estava sensível desde o primeiro orgasmo, mas Preston estava interessado no próximo, deslizando dentro e fora do meu corpo e me empurrando muito mais perto.

Meu corpo estava muito sensível e brincava com minhas emoções, então eu fechei meus olhos quando Preston bateu em mim, duro e rápido, singularmente focado em nada além de nosso prazer mútuo.

Embora eu estivesse esperando isso, o orgasmo surgiu em mim e me chocou com sua intensidade. Preston também estava lá, e eu senti cada tremor e cada empurrão quando seu corpo tremia de prazer, enviando longos surtos de seu orgasmo profundamente em meu corpo.

Foi magnífico. E eu fiquei aterrorizada.

— Eu deveria trazer churrasco com mais frequência. — disse Preston depois que recuperamos nossas vozes, me presenteando com um sorriso paquerador.

— Eu não acho que estamos queimando calorias suficientes para comer assim regularmente.

Ele franziu a testa para o desprezo não intencional e me levantou do balcão com as pernas ainda enroladas em torno dele. — Você sabe que tenho que provar que você está errada agora, não é? — Ele bateu na minha bunda por uma boa medida, e eu soltei um grito de risada que poderia ter me envergonhado, se eu não estivesse me divertindo tanto.

— Tenho certeza que você sente a necessidade de provar que estou errada. — respondi suavemente. — Mas sinto a necessidade de tomar um banho.

— Mmm, estou ansioso para mostrar minha técnica de banho. — Suas palavras eram arrogantes e hilariantes, lembrando-me novamente do que realmente era uma pegadinha Preston.

— Você tem uma *técnica de* banho?

Ele assentiu com confiança enquanto me seguia até o banheiro. — Sim. Quer ver?

Tirei minha camiseta de grandes dimensões e tirei minha meia antes de entrar no chuveiro frio e ligar a água. — Eu faço.

Acontece que o jogo de banho de Preston era tão impressionante quanto o jogo de terra - mas a adição de água quente, vapor e sabão? Bem, digamos que eu possa ter desenvolvido uma predileção por sexo na água.

— Deus, mulher, você está tentando me fazer passar fome? — Ele deu um tapinha na barriga quando voltamos para a cozinha, onde a comida estava esperando por nós.

— Não. Só estou tentando mantê-lo um pouco fraco para que eu possa tirar vantagem de você mais tarde. — Meu corpo formigou com a promessa em seus olhos. Eu o queria novamente. Já. Mas desta vez, eu queria montá-lo e ver como ele se desfazia.

— Comida. Eu preciso de comida. — ele insistiu, segurando um recipiente de costelas entre nós.

— Vamos. Vou assistir novamente ao primeiro episódio. Apenas para você.

A cena era tão doméstica que eu não acreditaria se não tivesse visto por mim mesma. Preston sentou ao meu lado no sofá, um pouco perto demais, e comemos demais e assistimos muita televisão. E paramos muitas vezes na tentativa de satisfazer nossa necessidade um do outro.

Alerta de spoiler: a necessidade não foi satisfeita.

Durante todo o dia e noite, foi o que fizemos. Quando acordamos na manhã seguinte ainda embrulhados um no outro, eu esperava que pudéssemos repetir ontem tudo de novo.

Mas não conseguimos. — Eu tenho que trabalhar hoje à noite. — disse Preston resignado, puxando o braço debaixo de mim e deslizando para fora da cama. — Preencher uma SAR com licença de maternidade, com efeito imediato.

Eu assenti. — Tudo bem. — eu respondi, sem saber o que eu deveria dizer.

— Betty está fazendo um churrasco esta semana e somos convidados.

— Hum, está bem?

Ele sorriu. — Então você quer ir? Juntos?

De jeito nenhum. — Certo. Por que não?

Ele sorriu, me beijando mais uma vez antes de sair correndo pela porta. Segundos depois, ele voltou para a porta da frente com um sorriso de aparência atormentada. — Depois do churrasco, estamos tendo um encontro real. Outro. — Seus lábios esmagaram os meus novamente e então ele se foi. Novamente. De verdade desta vez.

E tudo que eu pude fazer foi olhar para o céu e esperar o outro sapato cair.

PRESTON

— Santo inferno, mulher, você está tentando nos atrasar para o churrasco? — Nina abriu a porta, quente como o inferno, com uma saia jeans curta e uma camiseta preta que segurava seus seios maravilhosamente. E, como ela era Nina, ela usava uma sapatilha Chuck Taylor rosa quente - com a bota - para fechar a roupa. Provando mais uma vez que ela não era quem alguém pensava que ela era.

Sua pele corou lindamente com o elogio e ela varreu o cabelo castanho grosso dos ombros cremosos. — Eu não estava tentando, mas se você tem algumas idéias sobre como podemos matar uma hora, sou toda ouvidos.

A pequena provocação sabia exatamente o que ela estava fazendo. Desta vez, porém, eu não seria cúmplice dela. — Nós estamos indo, querida. Não lute contra isso.

Ela gemeu e girou nos calcanhares, caminhando até a sala para pegar a cerveja e as batatas fritas que ela insistia em trazer como sua contribuição. — Isso é novo para mim, Preston. Sei que escondo isso bem com minha personalidade ensolarada, mas não sou exatamente o tipo de garota que conhece os pais. Eles podem não ser sua família biológica. — ela enfatizou para me interromper. — Mas eles são quem você escolheu, o que os torna mais importantes. Até eu sei disso.

Havia tanta coisa para descompactar nessa pequena declaração, que eu nem sabia por onde começar. Ela teve uma vantagem sobre eu descer as escadas, o que me forçou a esperar enquanto ela lutava com a bota.

— Isso é idiota. — eu disse - estupidamente, percebi em retrospectiva. — Betty já te ama e, se pudesse, Ry roubaria você de mim.

— Ele iria agora? — ela perguntou brincando, rindo quando eu olhei para ela.

— Gina, Monica e Lisbeth também vão amar você, e o marido de Monica também, Charlie. — Eles gostariam dela porque eu gostava, no começo, mas quando a conheceram, eu sabia que eles apreciariam Nina por quem ela era.

— E não é idiota, é uma preocupação válida. Eu nunca fiz isso antes e agora estou fazendo isso em uma pequena cidade onde todos estão assistindo. — Seu tom de voz revelava apenas um traço de raiva ou nervosismo, o que me dizia o quão nervosa ela realmente estava.

— Sinto muito, Nina. Não é estúpido, eu simplesmente não entendo. Você é incrível. Inteligente, atrevida, sexy, engraçada e um pouco assustadora. O que não amar?

Ela suspirou quando o carro parou em frente à casa da família Kemp e se virou para mim. — Eu vou ficar bem. — Parecia que ela estava tentando se convencer mais do que eu.

— Vê aquela árvore ali? Bem, esse toco? — ela assentiu. — Sr. Kemp cortou quando tínhamos doze anos, depois que Ry caiu muitas vezes.

Ela respirou fundo. — Quantas vezes ele caiu?

— Demais para contar. No começo, estávamos vendo se poderíamos pular e pousar em nossos pés, e depois queríamos voar como o Super-Homem. Podemos adicionar coisas ao nosso peso corporal para cair mais rápido?

— Vocês dois eram um terror! — Sua risada era rouca e profunda, sexy e contagiosa. — Impressionante, vocês dois chegaram à idade adulta e não entraram no trabalho de dublês de Hollywood. — Nós compartilhamos outra risada e ela largou a mão na minha coxa. — Obrigada pela distração. Acho que estou pronta.

— Tem certeza disso? — Seus olhos não pareciam certos, mas ela assentiu e quando eu me inclinei, Nina passou os braços em volta de mim e aceitou meu beijo. — Tenho certeza o suficiente para nós dois. Você não vai precisar, mas eu vou protegê-la.

— Meu herói da cidade natal. — ela riu e quando eu a olhei, ela só riu ainda mais.

— Continue assim e você estará voltando para casa. — Ainda assim, a ameaça não impediu seu riso. A única coisa que fez foi a visão de toda a família Kemp quando viramos a esquina para o quintal.

— Esta é apenas a família imediata? — ela sussurrou para mim.

Eu fiz apresentações e Nina era uma campeã, sofrendo abraços excessivamente amigáveis, beijos nas bochechas e elogios por sua aparência. — Deixem-na respirar, pessoal.

— Ela está bem. — insistiu Betty, passando um braço em volta de Nina e puxando-a para dentro de casa, com uma piscadela para mim.

— Não se preocupe cara, sua garota está bem. — Ry me entregou uma cerveja e passou um braço em volta do meu ombro. — Eles são apenas curiosos; você nunca leva mulheres para reuniões de família.

— Ela estava nervosa com isso, preocupada que vocês não gostassem dela.

Ry fez uma careta. — Ela é ótima, como não gostar?

Eu sorri e agradeci ao universo mais uma vez por colocar Ry na minha vida. — Foi o que eu disse a ela, mas você conhece mulheres. Mesmo as diretas como Nina podem ser misteriosas.

— Isso é um bom sinal. — apontou Charlie, aceitando uma cerveja de Ry. Charlie era casado com minha irmã mais velha, Monica. — Quando ela está nervosa ou preocupada ou simplesmente agindo como louca, isso significa que é sério.

Eu escutei atentamente. Vale a pena prestar atenção em qualquer homem que possa fazer minha irmã mais velha e mandona sorrir por mais de uma década. — Sério?

Charlie assentiu com um sorriso sábio enquanto bebia sua cerveja. — Sério.

Pareceu uma eternidade antes de Betty e as irmãs Kemp saírem da casa com Nina no meio do grupo, parecendo protegidas. — Você está bem. — falei para ela quando nossos olhos se encontraram.

Nina assentiu com um sorriso enquanto se aproximava de mim. — Tudo bem. Eu sobrevivi ao interrogatório e agora me prometeram cerveja.

— Com uma dose de tequila. — Charlie ofereceu com um sorriso conspiratório.

— Maldito seja. Eu sou a Nina. — Ela estendeu a mão com confiança e Charlie aceitou com um sorriso amigável.

— Charlie, marido de Monica. De um não Kemp para outro, seja bem-vinda. Não sei você, mas tomei dois tiros depois do meu interrogatório.

Ela assentiu e cutucou o copo em direção ao meio da mesa, fazendo Charlie e Ry sorrirem.

Nina tomou um longo gole da cerveja gelada e suspirou. — Que bom dia para um churrasco.

— Você é incrível, sabia disso?

Ela sorriu. — Eles são legais. Foi simplesmente... avassalador, porque eu não tenho família. — Outra pequena pepita de informação sobre a misteriosa Nina.

— Eu os conheço a vida inteira e eles me dominam o tempo todo. — assegurei a ela.

— De alguma forma, duvido disso. Eles amam você, e eu respeito isso.

Foi uma escolha estranha de palavras, mas deixei para lá, arquivando-a para uma data posterior. Por agora, coloquei meu braço em volta de Nina e gostei de estar perto das pessoas que mais importavam para mim.

Nina incluída.

Talvez Nina especialmente.

NINA

— Precisamos reservar um tempo para fazer compras. Juntos. — As mãos de Maxine estavam em seus quadris enquanto ela me olhava, vários vestidos pendurados no braço.

— Mas eu odeio fazer compras. — lamentei e recuei da porta para que ela pudesse entrar no meu apartamento. — Além disso, quando vou precisar de roupas assim novamente? Seria inútil gastar dinheiro em roupas que não vou usar.

— As mulheres fazem isso em todo o mundo - você usa de novo quando seu homem se esquece disso. — Ela revirou os olhos, como se minhas preocupações fossem completamente irracionais. — Não me importo de emprestar-lhe uma roupa novamente, mas talvez você se sinta melhor se tivesse roupas que sejam mais do seu estilo.

— Vestidos não são o meu estilo. Ponto.

— Por que diabos não? Você tem ótimas pernas. Você não precisa usar salto, se não quiser, mas os caras adoram pernas. Mostre-as, querida! — Max era uma força da natureza. Se eu deixasse que ela quisesse, eu estaria cumprimentando Preston em pastéis e uma tanga. — Você tem alguma idéia de onde você está indo?

— Não. Preston disse apenas para se vestir bem. Fiquei tentada a usar um jeans bonito e uma camiseta não gráfica, mas sabia de que tipo de mundo Preston tinha vindo e sabia o que *ele* quis dizer quando disse que era legal. Você tem alguma coisa legal?

Max franziu o cenho, parecendo ofendido. — Todas as minhas coisas são legais, você sabe disso. — ela me informou com altivez, descompactando sua bolsa de roupas com um floreio. — Deleite seus olhos neste adorável arco-íris de tecidos, cortes e estilos.

Demorei a escolher os vestidos. Eu não tinha certeza do que escolher. Todos pareciam legais comigo, e se eu estivesse sozinha no meu apartamento, teria escolhido um dos vestidos pretos simples. Mas Max estava me dando aquele olhar que dizia: — Continue e viva um pouco. Tenha uma pequena aventura.

— Que tal este? — Longo, vermelho e veludo soavam como uma combinação brega, mas o vestido era lindo. Sexy. Elegante. Era até chão, com mangas compridas, mas uma fenda na perna e um decote decotado davam o apelo sexy que deixaria Preston louco.

Max gritou, dançou e girou em círculo como um filhote de cachorro animado. — Eu esperava que você escolhesse esse. Vai ficar muito louco, Nina. Confie em mim. — Eu confiava nela, então não recuei quando ela agarrou eu e o vestido e nos empurrou para o meu quarto. — Experimente isso.

Eu quase não peguei o vestido quando ela rapidamente o jogou para mim antes de começar a trabalhar vasculhando minhas coisas - primeiro meu armário e depois minha cômoda. — O que você pensa que está fazendo?

Max tirou a cabeça do armário, com cabelos despenteados e um sapato de tiras vermelhas brilhantes na mão. — Doce bebê Jesus, estou tão feliz que você tenha sapatos vermelhos! Você só precisa de uma, a bota adicionará altura suficiente e ele nem a verá. Agora, vamos descobrir sua situação de lingerie.

— Sua última situação terminou muito bem para nós duas, então essa é uma opção. — Ela olhou sarcasticamente para mim e eu ri. — Apenas dizendo.

— Isso é veludo, Nina. Requer um toque delicado, não uma machadinha. — Não sei como ela foi capaz de passar tanto tempo na minha gaveta de roupas íntimas, já que não era como se eu tivesse tantas. — Aqui vamos nós. — ela anunciou com orgulho, e eu ri novamente.

— Você levou cinco minutos para encontrar uma minúscula tanga de veludo vermelho?

Ela encolheu os ombros. — Encontrei a verde primeiro, mas achei que você gostaria de combinar se planejasse ficar ocupada esta noite. — Max girou seus quadris e cantarolou algumas músicas sensuais e tudo o que eu pude fazer foi continuar rindo.

— Sexy é ótimo, Max, mas honestamente, eu me contentaria em não me fazer de boba. Ainda não sei para onde estamos indo, e estou com medo de que ele me leve a um clube de campo ou a algum lugar em que eu garanta que fique como um dedão dolorido. — Os olhos de Max se arregalaram de choque. — O que?

— Eu nunca vi você assustada antes. — ela admitiu.

— Sim, bem, talvez se eu exercitasse um pouco mais de inteligência, não estaria mancando pela cidade com uma perna inchada. — Eu não estava com medo. Eu estava nervosa.

— Preston não é um idiota. Se ele leva você a algum lugar legal, é porque ele acha que você vai gostar. Ou porque ele quer compartilhar algo especial com você. Não pense demais, apenas se divirta.

— Fácil para você dizer.

— Desculpe? — Com a mão no quadril, Max parecia cada centímetro a mãe solteira durona e super capaz que ela era. — Eu adoraria se um cara realmente ótimo se fascinasse comigo e quisesse compartilhar coisas especiais comigo.

Ok, eu parecia um idiota. — Sinto muito, mas isso é novo para mim. — Fiz uma pausa e olhei para Max - a primeira mulher que me fez amizade nesta cidade, e ainda a tratava como tratava todos os outros. — Eu nunca fiz isso antes, Max. Os poucos encontros em que estive foram, digamos, imaturos. Pizzarias e restaurantes baratos. Principalmente relaxando e depois sexo.

— A sério? E no ensino médio?

Dei de ombros. — Meus pais morreram quando eu era jovem e meu tio Rudy me levou quando eu tinha sete anos. Nós cuidávamos um do outro; éramos apenas ele e eu, e isso era tudo que eu precisava. Ele morreu quando eu tinha quinze anos, e qualquer esperança que tive de uma infância normal voou pela janela.

— Ah, Nina. Não é à toa que você é tão independente e forte. — Ela deu um sorriso que era mais simpatia do que pena e *que* eu poderia viver com isso. —Você consegue fazer isso. Preston é um cara legal e é fácil estar por perto. Siga o exemplo dele e se você se sentir estranha, diga a ele.

Isso soou muito mais fácil como conselho do que eu tinha certeza de que seria de fato. — Eu já concordei com o encontro, então tudo o que posso fazer agora é superar isso.

— Não! Tudo o que você pode fazer é se divertir. Ter. Diversão. Isso é uma ordem! — Max tinha seus atrevidos traços de mãe, então eu assenti e dei um sorriso educado.

— Sim, senhora.

Ela sorriu. — Isso é melhor. Agora, vista essa calcinha invisível para que possamos arrumar seu cabelo e maquiagem.

Eu ri quando ela bateu na minha bunda, me sentindo leve e livre. Pela primeira vez, eu realmente senti que pertencia e sabia que devia isso a Max. — Obrigada, Max. Por ser minha amiga e por ser fácil de gostar.

Ela piscou, seu sorriso ficando maior a cada segundo. — A qualquer momento, querida. E obrigada por mostrar à minha garotinha que as mulheres também são heróis.

Deus, isso apenas aqueceu meu coração. Eu balancei minha cabeça para me livrar daqueles sentimentos suaves e chorosos.

— Ela é a garota mais legal que eu conheço e sair com ela não é difícil.

Max riu. — Vamos ver se você estará dizendo isso quando fizer sexo na torneira.

— Ei. — eu fiz uma careta. — Enxadas antes de bros, certo?

Max me lançou um olhar engraçado, riu e balançou a cabeça. — Você acabou de chamar meu filho de...

— Opa! — Bati a mão na boca. — Isso não foi o que eu quis dizer. Você sabe o que eu quero dizer.

Ela fez um trabalho admirável mantendo as risadinhas afastadas por alguns momentos, mas elas acabaram se libertando, barulhentas e cheias de alegria. — Isso foi inestimável. — Ela riu um pouco mais antes de recuperar a compostura. — Eu assino totalmente as putas antes de bros, Nina.

Graças a Deus por isso.

— Agora, pare de mexer por aí. Temos que prepará-la para este encontro.

Tive a sensação de que estava o mais pronta possível.

~

* * *

— Você está fantástica, Nina. — Preston olhou para mim com um sorriso pateta que me fez sentir sexy e confiante, sem mencionar feliz com a minha escolha de vestido.

— Você já disse isso. — Ele disse isso pelo menos meia dúzia de vezes desde que ele me pegou, mas era o jeito que seu olhar continuava deslizando para mim enquanto ele dirigia que tinha minhas coxas apertadas e um sorriso imparável no meu rosto. — Não que eu me importe em ouvir, mas você disse. Muito.

— Quem sabia que veludo era o seu tecido? — Ele bateu os dedos no volante como se fosse a única coisa que impedia que suas mãos me arrebatassem. — Honestamente, está tomando toda a energia e força de vontade que eu tenho para não virar este carro e passar o resto da semana enterrado dentro de você.

Engoli em seco. — Você conhece meus sentimentos sobre essa idéia.

Preston sorriu. — Estamos tendo esse encontro, Nina. Não importa o quanto você me tente.

Foi um sentimento agradável, mesmo que eu não o entendesse totalmente. Quero dizer, eu tinha certeza e ele *ainda* queria me levar para um encontro? O que diabos aconteceu com isso? Mas foi meio legal, então me sentei no banco do passageiro e tentei encontrar alguma emoção sobre onde quer que ele estivesse me levando. Desde que ele estava vestindo um terno - um lindo número azul escuro que fazia seus olhos brilharem como jóias - eu sabia que estávamos indo a algum lugar super chique.

— Estamos aqui.

Eu não podia dizer exatamente o que dizer do prédio à nossa frente me enviou para o modo surreal, mas totalmente e completamente. Talvez fosse o nome, Blackstone. Apenas uma palavra, sem indicação da culinária servida no interior ou mesmo *se a* comida foi servida. —Hum, está bem.

Preston era o cavalheiro perfeito, me escoltando do carro com a mão pressionada na parte inferior das costas e abrindo a porta assim que chegamos ao restaurante.

Fomos levados a uma grande mesa de madeira escura coberta com pratos suficientes para alimentar seis pessoas - mas, aparentemente, elas eram todas para nós dois. Preston puxou minha cadeira e me guiou para o meu lugar. E então, havia a anfitriã, com seus cabelos e corpo perfeitos

para o modelo e um sorriso brilhante no quadro de avisos. — Aproveite a sua refeição. — disse ela docemente e, não estou brincando, fez uma pequena reverência.

Um maldito arco. — Este lugar é meio que... muito, não é?

Preston deu um sorriso conhecedor. — Já passou de 'muito' e chegou a 'exagerar', mas vamos ver como você se sente depois de provar o melhor bife que você já colocou na boca.

Suas palavras, e a maneira jovial como ele as disse, me fizeram sentir um pouco melhor sobre esse lugar, mas eu não conseguia acalmar meus nervos, por mais que tentasse. — Bife é a palavra mágica, senhor.

Havia aquele sorriso de menino novamente. — Eu pensei que poderia ser. — Uma garçonete parou em nossa mesa - outro modelo em treinamento, presumi - para receber nossos pedidos. Ela mostrou os peitos e sorriu para Preston, enquanto de alguma forma me ignorava.

— Isso é tudo? — ela perguntou depois que ele lhe deu seu pedido de bebida.

— Como há outra pessoa na mesa, isso parece improvável, não é? — O que posso dizer, quando me senti nervosa ou ameaçada, meu fator de cadela aumentou em uma potência de dez. Ou algo assim. Pelo menos ela teve a decência de parecer envergonhada, mas eu não estava comprando. — Uísque irlandês, pedras.

Ela olhou para mim e eu a olhei, desafiando-a a me irritar para que eu pudesse desencadear meus nervos e inquietação nela. Mas tudo o que recebi foi um breve e educado aceno de cabeça quando ela se afastou.

— Então, Nina. — Prendi a respiração, certa de que ele tinha algo a dizer sobre como acabei de falar com a nossa garçonete, mas mais uma vez, Preston me surpreendeu. — Fale-me sobre você.

— Não há muito a dizer. — admiti. — Eu cresci em uma pequena cidade nos arredores de St. Louis com meu tio Rudy, que me criou. Pelo menos até ele morrer.

— Sinto muito, Nina. — O rosto de Preston parecia realmente arrependido.

Ainda assim, dei de ombros da mesma maneira que sempre. — Ainda dói. Rudy foi ótimo, desistiu de seu estilo de vida de solteiro para me criar. Alguns dias, eu me perguntava se o estresse de criar uma garota que ele não tinha planejado o matou prematuramente. Tentei não pensar muito nisso.

— Seus pais?

— Morreram quando eu tinha sete anos. — Se alguma vez houve um sinal de que as pessoas não deveriam ficar muito perto de mim, lá estava. — Não tenho outra família, pelo menos que eu saiba. Então entendeu? Nada a dizer.

Preston sorriu e se inclinou para frente. — Mas é aí que você está errada, Nina. Eu aprendi muito sobre você agora. — Suas palavras eram glamourosas, e seus profundos olhos azuis continham uma promessa que eu esperava que ele pretendesse cumprir. — Por hoje à noite, de qualquer maneira.

A garçonete voltou com nossas bebidas e uma travessa de alimentos principalmente não identificáveis. Meu coração afundou. — O que é isso?

O sorriso de Preston era amplo e divertido, mas não mesquinho. — Essas são ostras. Eles não parecem muito, mas algumas pessoas gostam deles.

— Você? Porque talvez eu deva reconsiderar seriamente o nosso beijo de boa noite.

— Então talvez devêssemos tirá-lo do caminho agora. — ele demorou e se inclinou mais sobre a mesa. Seu sorriso era muito sexy.

— Talvez devêssemos. — eu concordei e me mudei para ele, esperando que seus lábios entrassem em contato com os meus. Quando o fizeram, meu corpo inteiro suspirou e relaxou nele. Os beijos de Preston

eram como o paraíso, embrulhados em chocolate e lagosta, e eu não queria que terminasse.

Mas parecia que alguém tinha outras idéias. O som de um pigarro nos separou, lentamente, mas o sorriso lento de Preston manteve meu sangue fervendo.

— Realmente, Preston, que exibição pública horrível!

Fazia anos desde que eu tive mãe de verdade ou até mesmo uma figura materna em minha vida, mas esse tom de decepção tinha "mãe" escrita por toda parte. Sua mandíbula ficou tensa quando seu olhar contemplou os dois loiros gelados, um com olhos azuis como Preston e o outro com olhos verdes pálidos que combinavam perfeitamente com a bainha sedosa que ela usava. Ambos eram elegantes e sofisticados. — Ninguém pediu para você assistir, mãe.

Oooh, mãe. Somente pessoas ricas usavam esse nome em particular e meu interior começou a azedar.

— Como eu não podia quando meu filho está se exibindo?

Ele bufou. — Novidades, mãe, você é a única pessoa que se importa com o que essas pessoas pensam. Farei o que quiser, com quem e quando, entendeu? — O fogo em seus olhos e o tiquetaque em sua mandíbula indicavam o quão agitado esse encontro o estava deixando.

— Preston, não fale comigo nesse tom. — Ela colocou a mão no peito, fingindo choque até para os olhos destreinados.

— Não, mãe, não *me* fale assim. Se você não se importa, estávamos jantando. — Ele voltou-se para mim e agarrou minha mão com um sorriso.

— Oh, por favor. Eu sei que você acha que esta bartender é divertida e mundana, mas nós dois sabemos que ela é errada para você.

Seu aperto apertou meus dedos, e eu fiquei em silêncio. — Francamente, mãe, acho que você não sabe nada, especialmente quando se trata de mim.

— Eu sei que Cynthia aqui, seria para você a esposa perfeita.

Eu congelei, me perguntando por um momento se eu seria a última vez que eu corri antes que ele se casasse com sua esposa perfeita de Stepford. Mas Preston zombou e voltou o olhar para a outra mulher, Cynthia. — Isso nunca vai acontecer. Nunca.

— Veremos.

Preston bateu na mesa com o punho, desenhando olhares que claramente deixaram sua mãe ainda mais desconfortável. — Nada que você faça me fará casar com ela, ou qualquer outra idiota sem cérebro que você enviar em meu caminho. Quanto mais você quer, mais resistirei por pura maldade. Entendeu?

Ela se virou para mim, olhos afiados e frios como gelo. — Sabrina Worthington, tenho certeza que você já ouviu falar de mim.

— De modo nenhum. Nina. — Eu não me incomodei em oferecer minha mão porque não era bom conhecê-la e eu não era uma mentirosa.

— Bem, Nina, tenho certeza que Preston parece ser uma boa opção com seu dinheiro e suas conexões familiares.

As palavras dela puxaram uma risada alta e sem graça de mim. — Dinheiro e conexões familiares? Você está falando sério, senhora? Estou com Preston pelo corpo dele.

— Elegante. — ela bufou de uma maneira que disse que pensava que era tudo, menos elegante.

— Tão elegante quanto tentar forçar seu filho a se casar com alguém por causa do nome dela e do que seus avós fizeram.

— Você não quer mexer comigo, garotinha. Confie em mim, você vai perder.

Eu bufei. — Olha senhora, eu nem quero falar com você, mas você interrompeu um beijo muito quente por essa bobagem. E eu não te

conheço, o que significa que confio em você o mais longe que posso jogar. — Eu a avaliei. — Quer ver até que ponto isso é?

Ela engasgou e deu um passo para trás, e eu tive que resistir à vontade de sorrir ao ver como era fácil assustá-la. — Aproveite-o. — ela zombou. — Porque isso não vai durar muito.

— Oh, eu pretendo aproveitá-lo. Cada centímetro dele, todos os dias e em tantas posições quanto possível. — Voltei meu olhar aquecido para Preston, que parecia chocado e desconfortável, ccze um pouco excitado.

— Você nunca se encaixará na vida dele. Quando Preston decidir parar de brincar, ele precisará de uma esposa adequada ao seu lado.

— Mãe, pare! — Ele se levantou e ficou no rosto de sua mãe, que estava totalmente gostosa. — Adoro o meu trabalho e não o mudarei por nada ou por ninguém. Quando você entender isso, conversaremos. Até lá, tenha uma boa noite.

— Mas, Preston. — ela cuspiu, segurando suas pérolas invisíveis e olhando em volta para todos os olhos em nossa pequena troca.

— Você começou isso, mãe. Agora vá embora, ou eu terminarei.

Ela fungou e se virou, afastando-se com a cabeça erguida, ignorando os sussurros e os olhares quando saiu do restaurante. — Ligue para mim. — a loira gelada mais jovem, Cynthia, disse com um sorriso.

— Não prenda a respiração. — ele rosnou e sentou-se. — Me desculpe por isso.

— Não fique. — eu disse honestamente. — Não podemos escolher nossos pais e, por pior que ela seja, tive mães adotivas que fazem Sabrina parecer June Cleaver.

Preston congelou e olhou para mim, seu olhar indecifrável. Então, ele bufou uma risada. — Não sei por quem sentir mais tristeza.

— Eu tenho uma solução fácil para isso. Em vez de sentir pena de tudo, bebemos. Não de piedade ou aceite - a piedade não ajuda ninguém. Beber, no entanto, cura muitas almas feridas em todo o mundo.

— Então devemos fazer certo. — Preston chamou nossa garçonete para a mesa e, naquele momento, peguei um flash do homem poderoso que ele poderia se tornar. De fato, pode se tornar.

Com a mulher certa ao seu lado, como dissera sua mãe malvada. Pude ver nele o homem que sua mãe queria que ele se tornasse e, de repente, senti exatamente o que temia ser.

Uma garota completamente e totalmente fora de sua zona de conforto, fazendo o possível para manchar o garoto de ouro. Uma garota pendurada no homem certo pelas razões erradas.

Preston era um cara legal. Ele passou a noite fazendo o melhor para me sentir confortável quando eu claramente não pertencia. Seria sempre assim, se por algum trecho da imaginação ficássemos juntos, com ele trabalhando o tempo todo para me fazer sentir melhor?

Eu ficaria velha em breve, eu sabia, e o que poderia ter começado sendo fofo e peculiar se tornaria irritante. Insuportável. Ele se ressentiria de mim e seria impossível viver mais em uma cidade pequena como Tulip.

Brindamos nosso triste estado parental com champanhe e lá, pelo som de bolhas, eu o ouvi.

O outro sapato, batendo no chão com um baque.

PRESTON

— Ei Nina. Não sei por que você não está atendendo minhas ligações. Ou meus textos. Mas estou começando a me preocupar. Me ligue de volta.

Era uma mensagem estranha para deixar quando vivíamos o tipo de cidade pequena, onde era quase impossível evitar alguém, mesmo quando você queria, mas de alguma forma, Nina conseguiu ficar longe de mim por quatro dias. Desde que nosso jantar foi interrompido lindamente por minha mãe.

Não pude provar, mas sabia que as palavras da mãe haviam chegado a Nina e sabia que precisava vê-la pessoalmente para que pudéssemos conversar. Com o meu turno, eu precisava de uma soneca, uma refeição e um banho - não necessariamente nessa ordem - e então eu iria para Nina.

Tão urgentemente quanto eu queria falar com ela, dormir era uma prioridade maior depois de alguns dos dias mais longos da minha vida. Várias fogueiras e dois grupos diferentes de caminhantes perdidos significavam que Nate e eu passamos a maior parte dos últimos dias ao ar livre, a pé. Não houve vítimas, porém, o que foi um bônus - e não apenas porque teria acrescentado horas de papelada ao meu turno.

Eu só tinha que trabalhar uma hora extra para terminar a papelada em todos os resgates, o que, é claro, era sempre preferível a procurar corpos. Dirigindo pela cidade, resisti à vontade de parar para tomar um café, tomar café na lanchonete ou na casa de Nina. Eu estava cansado demais para pensar direito. Eu precisava estar em casa. Na minha cama

Claro, o telefone escolheu aquele momento para tocar. — Sim?

— Você parece um Gus mal-humorado.

— E você é muito animada para esta hora cedo. O que foi, Janey? — Meu pé bateu no acelerador um pouco mais forte, esperando que eu pudesse chegar em casa e honestamente afirmar estar na cama antes que alguém me perguntasse alguma coisa.

— Preciso da sua ajuda. Venha para o parque e use a saída Orley. Ah, e traga seu uniforme!

— O que... — Tirei o telefone da orelha e olhei para uma imagem de Janey enfiando a língua no churrasco de quatro de julho do ano passado na casa de Ry. Ela desligou em mim. — Droga, Janey!

Ligar para ela de volta só me levou ao correio de voz cinco vezes, e xingar minha própria má sorte não estava ajudando. Eu não sabia se ela estava com problemas ou com outra pessoa, e isso significava que meu banho e algumas horas de olhos fechados tinham que ser adiados um pouco mais.

Duas milhas antes de lar, doce lar, fiz uma inversão de marcha no meio da estrada e fiz meu caminho para o parque. A entrada de Orley. Como não consegui encontrar Janey, peguei um kit de primeiros socorros e um equipamento de escalada, esperando que não precisasse tanto assim, e caminhei em direção ao parque.

— Por aqui, Pres!

Eu me virei para ver Janey e equipamento suficiente para dez fotógrafos espalhados entre uma colheita de árvores. — O que diabos está acontecendo, Janey?

Ela fez uma careta. — Você parece uma porcaria.

— Sim, bem, eu estou no final de um turno de três dias e estou acordado há cerca de 48 horas seguidas. Eu diria que é uma desculpa legítima. — Instantaneamente, sua expressão ficou contrita.

— Por que você não disse nada? Oh, merda, vocês estavam lá fora com esse grupo de caminhantes perdidos, não estavam?

— Sim. Não te contei porque você não me deu uma chance e pensei que estava com problemas.

— Desculpe. Eu achei que era melhor não dar muita atenção para as filmagens. Mas agora que você está aqui... — Ela deixou as palavras pairarem no ar e eu a encarei com os braços cruzados, esperando. — Ugh, não me olhe, Preston, eu vi você nu antes de ficar quente.

Meus lábios tremeram, mas eu estava cansada demais para sorrir. — Idem, Janey. — A tonalidade de vermelho colorindo seu rosto era suficiente para provocar uma risada fora de mim, no entanto.

— Tenha um pouco de java e fique aqui enquanto eu verifico a iluminação.

Aceitei o café, tomando alguns goles antes de começar a me sentir semi-humano novamente. — O que é tudo isso?

— É assim que fazemos a luz ricochetear onde queremos que ela ricocheteie. — Essa foi a única explicação que ela ofereceu, mas foi mais do que suficiente na minha capacidade cerebral atual. A única coisa que eu conseguia era virar aqui e ali, como Janey comandava de todos os lugares imagináveis.

— Você não está tirando fotos das minhas costas, Janey.

Ela bufou. — Claro que não, a menos que você mude de idéia. Mas você não será a única coisa na foto, caso esteja se perguntando. Isso se chama fundo.

— Espertinha. — eu resmunguei, o que provocou outra risada dela. Com mais de um momento para vagar, meus pensamentos inevitavelmente foram para Nina e seu recente comportamento estranho. Não importava que ela alegasse que estava tudo bem, que *ela* estava bem, eu sabia que ela não estava.

— Yoo-hoo, terra para Preston. O que está acontecendo com você hoje? E não diga que você está cansado, porque eu já te vi exausto e não

é isso, meu amigo. — Antes que eu pudesse pegar uma pitada de simpatia em seus olhos, ela se escondeu atrás da câmera e continuou a tirar fotos.

— Nada está acontecendo comigo, além de fazer favores aos meus amigos.

— Okay, certo. — Ela riu. — Olhe bem para a lente. — ela ordenou, e continuou a estalar. — Você fala enquanto eu atiro.

— Você vai tirar fotos comigo batendo minha mandíbula?

— Sim. — ela disse rapidamente e tirou mais algumas fotos. — Será mais fácil aqui sem ninguém por perto para ouvir, além disso, se você se emocionar, não há ninguém por perto para vê-lo chorar.

— Exceto a chantagista número um de Tulip?

Ela encolheu os ombros, completamente sem desculpas. — Somente quando for necessário.

Janey era de verdade, apenas chantageando você quando algo que você deveria ter dito sim sem a coerção. Então, eu conversei e contei a ela tudo sobre o jantar incrível que tive com Nina. — Até a mãe aparecer com Cynthia St. James e entrar na cabeça dela. Quem sabe o que aconteceu com ela, sabia?

Janey assentiu. — Eu posso ver como Sabrina pode assustá-la, ela pode ser intimidadora para quem não a conhece. Você simplesmente não pode deixá-la. — Ela estava no chão, tirando fotos de meia dúzia de ângulos diferentes. — Ela não é daqui, o que significa que ela não sabe que Sabrina é mais conversa do que substância. Falar. Para. Dela.

— Eu tenho tentado, mas também tenho me sentido ocupado salvando a vida das pessoas, sabia? — Mais de uma dúzia de fotos e pelo menos o dobro de muitas mensagens de texto, e tudo o que recebi em troca foram algumas mensagens sem graça que não diziam nada sobre o porquê de ela estar se afastando.

— Tente mais. — As palavras eram praticamente um rosnado, e isso me chocou demais. — A menos que você realmente a esteja usando até se casar com uma das socialites que Sabrina escolher para você.

— Não é isso que estou fazendo. Eu gosto da Nina.

— Então tente mais, Preston. Ela não é como as mulheres que querem você por causa do seu nome ou dinheiro, ou da influência que advém de ser uma Worthington. Uma mulher que gosta de você por você, com tudo isso acontecendo, é guardiã.

Meus lábios se curvaram com uma lembrança em particular. — Ela disse à minha mãe e Cynthia que estava comigo pelo meu corpo.

Janey deu uma risada, como eu sabia que ela faria. — Eu aposto que Sabrina adorou isso.

— Eu não ficaria surpreso se ela tentar fazê-la demitida. — Mamãe podia ser vingativa quando se sentia humilhada, e não havia dúvida de que Nina havia feito.

— Eu não vou deixar isso acontecer. — O padrinho de Janey era o prefeito - se alguém conseguia se destacar sobre minha mãe, era ela.

Mas eu também não deixaria isso acontecer. Já era tempo de mamãe descobrir que havia consequências para sua intromissão. — Obrigado, Janey.

— Não é necessário. Nina se adiantou e está fazendo um ótimo trabalho, o que significa que posso sair da cidade para um show ocasional sem arriscar que tudo desmorone.

Nina estava fazendo tudo certo para se encaixar no Tulip sem mudar a essência de quem ela era. Não havia nenhuma maneira no inferno que eu deixaria minha própria mãe estragar tudo. — Ela ficaria feliz em ouvir isso.

— Não, ela não faria. — disse Janey com um sorriso. — Ela ficaria feliz em saber, mas não para que alguém realmente a expressasse.

— Isso é verdade. — Apesar de todas as suas duras duras penas, Nina não pôde elogiar a sua vida. — Acho que vou contar para ela de qualquer maneira.

— Bom. Agora, você acha que posso fazer você perder a camisa por alguns tiros? — Seu sorriso era esperançoso, seus olhos brincalhões.

— Não.

— Droga. Que tal desabotoar e deixar pendurar livremente, e eu enviarei um para Nina para seduzi-la?

— Tentador, mas não.

— Não posso culpar uma garota por tentar.

Não, não posso. Mas isso não me impediu de me perguntar por que diabos todas as mulheres da minha vida eram tão loucas.

NINA

Você está me evitando. Essa foi a mensagem que Preston me enviou ontem e, por ser covarde, evitei.

Evitei olhar para ele mil vezes, e evitei responder a ele. Porque, novamente, sou covarde. Sei que sou covarde e, embora odeie, também sei que sou covarde demais para fazer qualquer outra coisa.

Na verdade, eu me odeio por ser tão covarde. Por permitir que uma cadela aturdida como Sabrina Worthington me atingisse. Não se engane, ela era uma manipuladora experiente, aprimorando seu ponto fraco em segundos e cutucando-o até você estar pronto para chorar ou arriscar a prisão para calá-la. Mas eu tinha permitido que ela entrasse na minha cabeça, e isso estava em mim.

Não Preston.

Ele não merecia o tratamento silencioso, porque não havia feito nada de errado. Eu tinha. E eu lhe devia um pedido de desculpas bastante grande.

Os deuses estavam do meu lado, como dizem, desde que eu fui libertada da bota naquela manhã e, antes de deixar o hospital, fiz com que Derek concordasse em ser um dos heróis da cidade natal. Mais um e eu teria três seguidas para o dia.

Minha próxima parada foi no Black Thumb, onde fiquei surpreso ao ver Buddy e sua grande barriga encostada no bar. — Você tem tempo para se inclinar e, com certeza, tem tempo para limpar. — eu disse a ele, imitando seu lento sotaque do Texas.

Buddy se endireitou imediatamente e fez uma careta para mim. — Muito engraçada garotinha. Você está melhor.

Eu sorri e chutei minha perna no ar. — Andando melhor também. Sabe o que isso significa?

— Você quer voltar no horário?

Eu balancei a cabeça e me inclinei no bar com um sorriso. — Eu faço. Isso vai ser um problema?

— Não para mim, mas você deveria saber que Sabrina Worthington mostrou o rosto dela aqui e sugeriu que eu a demitisse.

Aquela vadia. — Você vai?

— Nem uma maldita chance. No minuto em que ela abriu a boca, ela garantiu que eu nunca te demitiria, garota. — Ele piscou e puxou sua famosa prancheta de trás do bar. — Preencha os turnos que deseja e fique de boca fechada.

— O mesmo para você, velho. — Deixei cair um saco de papel sobre a mesa, meio transparente com graxa do sanduíche dentro. — Parei no meu caminho de volta do hospital, no caso de eu ter que te amarrar.

— Para conseguir seu emprego de volta? Nunca. Estou feliz por ter você de volta, eu odeio todos esses malditos pedidos de bebida.

Eu ri e fiz um pedido para mim e Preston, também, espero. — Queijo azul e rodelas de cebola e bacon de peru com batata-frita, por favor.

O olhar de Buddy se estreitou. — Isso é inesperado, mas estou feliz por você, Nina.

— Não fique, eu já estraguei tudo. Esta sou eu tentando melhorar, já que nós dois temos que morar aqui. — Embora eu estivesse começando a entender o velho clichê ocidental. — Esta cidade não é grande o suficiente para nós dois.

— Tenho certeza que você descobrirá, mas faça no seu próprio tempo. Não suporto o drama. — ele resmungou e se afastou para fazer meu pedido.

Enquanto esperava a comida, enviei uma mensagem rápida para Preston pedindo que ele parasse quando seu turno terminasse. Eu sabia que ele estaria cansado, mas esperava que o jantar fosse apenas a tentação que ele precisava para me ouvir.

— Aqui está. — Buddy me entregou uma sacola plástica com duas caixas de papel dentro. — Vejo você na sexta-feira.

— Mal posso esperar! Obrigada parceiro.

O fato de saber que a mãe de Preston havia tentado me demitir me irritava mais e me lembrava algo que eu tinha esquecido enquanto deixava que ela me vencesse. Eu odiava cadelas ricas como Sabrina Worthington; ela não foi a primeira que tive o desgosto de encontrar e duvidei que ela fosse a última.

O que apenas fez o fato de eu estar apaixonado por seu filho muito mais doce.

— Você está bem, garota?

Eu pisquei e virei os olhos atordoados para Buddy. — Eu estou bem, obrigada. Até breve, amigo.

Essa admissão silenciosa chocou a merda fora de mim. Minhas pernas mal podiam suportar o peso da minha realização. Eu estava apaixonada por Preston.

Puta merda, eu amava Preston!

E isso fez com que tudo - a comida, o pedido de desculpas iminente, a esperançosa reconciliação se misturasse com a triste resignação de simplesmente coexistir na mesma pequena cidade - muito mais assustador. Não era apenas uma aventura da qual eu poderia me recuperar facilmente. Não, isso era maior. Profundo. Mais importante.

Forcei meus pés a voltar para o meu carro e fui para o meu apartamento, me sentindo feliz e livre para poder dar os passos sem

mancar. Sem me cansar muito, apesar de usar a bota por tanto tempo apagou o pouco condicionamento físico que me restava.

Entrei no meu apartamento e tomei um banho rápido, vestindo jeans e uma camiseta para a conversa que precisávamos ter. Não era sobre sexo ou sedução, era sobre nós. Eu e Preston Worthington, um cara tão distante da minha liga que ele achava que era o sortudo. Mas eu sabia a verdade; Eu era a sortuda

E eu estraguei tudo.

Então eu esperei. E eu esperei. E esperei. Mas quando uma hora e depois duas e três se passaram, eu desisti. Ele não estava vindo. Eu fiquei de mau humor.

Eu gritei.

Comi minha comida, depois raspei o queijo azul do hambúrguer e comi também. Mais tarde, terminei os anéis de cebola.

Quando ficou claro que ele não tinha planos de responder ou parar, tranquei a porta, apaguei as luzes e me arrastei na cama para fazer algo que não fazia desde que perdi o tio Rudy.

Eu chorei até dormir.

PRESTON

— Quem diabos mergulha sem verificar primeiro a profundidade? — Nate sacudiu o máximo de água possível antes de entrar no ATV que costumávamos chegar a locais de difícil acesso em que os turistas costumavam ficar presos, literalmente. — Idiotas poderiam ter morrido.

Eu ri e subi atrás do volante. — Eles têm sorte, tudo o que conseguiram foram três tornozelos torcidos e um quebrado. — A cachoeira era linda, mas era chamada de Cachoeira do Desejo do Poço por um motivo - a profundidade de um metro e meio era ideal para fazer desejos, não mergulhar na água gelada. — E eu estraguei meu telefone.

— Coloque no arroz. Malditos turistas. — resmungou Nate.

Era uma música familiar daqueles empregados pelo Serviço de Parques. Sem turistas, não teríamos emprego, mas eles certamente tornavam nossos empregos mais difíceis do que precisavam.

— Pelo menos eles não derramaram sangue, ou estaríamos preenchendo formulários o dia todo, em vez de ir para casa e dormir um pouco.

— Não posso discutir com isso. — Minha cama estava chamando meu nome e eu tinha energia suficiente para voltar para casa sem colidir com nada ou ninguém.

Mas quando cheguei lá, havia um visitante indesejável na minha varanda.

— O que você está fazendo aqui, Cynthia? — De todas as visões indesejadas a enfrentar após um longo turno, quando eu estava com frio até os ossos, nenhuma era mais indesejável que Cynthia St. James.

Seus lábios se espalharam para o que eu tenho certeza que era para ser um sorriso sedutor, mas seu constante trabalho cosmético fazia com que parecesse uma careta enquanto ela ficava com os seios esticados, mal cobertos por seu vestido rosa acanhado que exibia todo o outras melhorias físicas que ela fizera ao longo dos anos e um par de sapatos que faziam suas pernas parecerem 16 quilômetros de comprimento. Ela provavelmente chegou perto de quebrar o pescoço a caminho da minha porta.

Com os lábios fazendo beicinho daquela maneira que as mulheres pensavam ser sexy, Cynthia deslizou as mãos sobre as curvas com um brilho nos olhos e jogou os cabelos loiros para trás dos ombros. — Se você quer ser perseguido, Preston, apenas diga. Estou feliz por jogar, mas essa coisa em que você finge me odiar está ficando velha.

Como você diz a uma garota que você não estava apenas fingindo odiá-la sem parecer um idiota? — O que lhe deu a idéia de que eu *queria* ser perseguido?

Eu era um homem que preferia perseguir.

— Sabrina disse que você estava um pouco relutante em se casar e que você pode precisar convencer a se acalmar, mas ela me garantiu que esse casamento aconteceria, Preston. — Seu tom era nítido e claro, desprovido de decepção, e eu suspirei quando um pouco da minha raiva esfriou.

Não era culpa de Cynthia. Minha mãe não podia simplesmente entender um mundo onde as pessoas não pulavam para fazer o que ela mandava.

— Pena que você está conversando com alguém sem nenhuma autoridade de decisão sobre quem eu me caso. — Ou não caso. Nunca seria Cynthia, não se ela fosse a última opção em toda a Tulip.

Mas Cynthia ainda não tinha terminado. Ela ergueu o queixo no céu e cruzou os braços sobre o peito. — E se ela cortar você do testamento?

— Seus lábios se curvaram novamente, desta vez em um sorriso de gato que pegou o canário, como se ela tivesse me preso.

O dinheiro era uma maneira infalível de chamar a atenção dos ricos ociosos. Eu não me incomodava em dizer a ela que minha mãe não tinha controle sobre meu fundo, isso apenas a encorajaria. — Eu ganho uma boa vida, Cynthia. Obrigado pela preocupação.

— Você não pode se casar com a bartender. Sabrina não vai permitir. Ela te deserdará. — Ela riu como se fosse o pensamento mais engraçado do mundo, e isso me irritou. Eu não estava pensando em casamento com ninguém. Nem Nina. Mas, de repente, não parecia tão estranho, tão louco ou tão fora do personagem.

Merda.

Eu ri e empurrei a chave no buraco. — Ela fez isso quando escolhi minha carreira, o que significa que posso e vou me casar com quem eu quiser. — Suspirei quando minhas pálpebras se fecharam. — Não quero me casar com você, Cynthia, e não há nada que minha mãe possa ameaçar ou prometer mudar isso. Não somos certos um para o outro, por favor, passe para o próximo nome na sua lista. Boa sorte.

Cynthia, sempre a pragmática, endireitou a coluna e assentiu uma vez. — Obrigada por ser honesto comigo. Boa sorte com a bartender.

Eu a observei sair, certificando-se de que seu carro estivesse fora da minha propriedade antes de me trancar dentro de casa e me dirigir diretamente para um banho quente o suficiente para chamuscar minha pele. A água quente em meus músculos doloridos e frios era incrível e, se não fosse pelo fato de que eu não conseguia manter os olhos abertos, eu poderia ter ficado lá para sempre.

Vestido com nada além de uma cueca, peguei meu telefone e o coloquei no carregador antes de me lembrar que estava completamente encharcado. Secando o cartão de memória o máximo que pude, inseri-o

no telefone de reserva que mantinha porque a equipe da SAR estava sempre de plantão; telefones mortos não eram desculpa.

Depois de alguns minutos, o telefone se acendeu e começou a tocar e apitar, e soltei um suspiro e um gemido que era principalmente de alívio.

Eu tinha perdido uma mensagem de Nina. Me pedindo para parar para que pudéssemos conversar. E foi enviado quase vinte e quatro horas atrás. — Merda! — Ela provavelmente pensou que eu a dispensei, porque era exatamente o que eu pensaria se nossas situações tivessem sido revertidas. Eu queria falar com ela, explicar tudo.

Mas eu sabia que fisicamente não podia dirigir, então enviei uma mensagem para ela.

Esta noite. Vamos conversar. Sobre tudo.

Com o texto enviado, caí de costas na minha cama e vi o ventilador do teto girar em círculos lentos e preguiçosos até meu corpo ficar pesado e afundar no colchão. Caí em um sono profundo e sem sonhos.

Quando acordei dez horas depois, havia apenas uma coisa, uma pessoa, uma mulher em minha mente.

Nina.

NINA

Hoje foi um novo dia. Eu decidi que colocaria Preston no passado, onde ele pertencia, junto com o resto da minha bagagem. Passei mais tempo do que jamais admitiria chorando e me sentindo rejeitada. Não foi a primeira vez na minha vida que experimentei isso, mas me atingiu com tanta força.

Arrumei a bagunça que meu lugar havia se tornado nos últimos dias. Agendas e pastas estavam em cima de todas as superfícies planas, provando que eu receberia meu segundo salário tanto quanto o meu primeiro.

O calendário foi o primeiro grande projeto e a maior prioridade, mas Tulip era uma cidade que gostava de festivais, shows, peças de teatro e filmes no parque. Sem mencionar a festa da cidade no meio do verão.

É aí que minha atenção estará de agora em diante. Trabalhos. Isso me deu os meios para me cuidar. Qualquer que seja o futuro, eu estaria preparado.

Para qualquer coisa.

O telefone tocou e eu gemi. Ok, então eu estava pronta para *quase* tudo. Era Max ou Preston e eu não estava com disposição para conversar, mas essa era a versão nova e melhorada de não se irritar com as coisas que ela não pode controlar, então fechei meus olhos e toquei a tela cegamente. — Sim?

— Como foi?

Max.

Meus ombros relaxaram, provando que eu estava mais preocupada que poderia ter sido outra pessoa.

—Não. Ele não respondeu e não apareceu. — Cada vez que eu pensava ou falava, as palavras doíam um pouco menos.

— Aquele filho da puta. — ela rosnou. — O que ele disse quando você o confrontou?

Apertei meus olhos com força, bloqueando o constrangimento que tomou conta de mim. — Eu não fiz e não vou. Não aparecer era tanto uma resposta quanto ele me ouvir, e depois me dizer para ir para o inferno.

— Você não quis dizer isso, Nina.

— Eu faço. Olha, Max, estou chateada com isso? Sim, mas a escolha foi dele e eu vou respeitá-lo. Sem perguntas.

— Você é uma mulher melhor que eu.

Eu ri disso. — Eu não sou, confie em mim. A diferença é que fui eu quem estragou tudo. Eu deveria ter mantido o sexo apenas porque é nisso que eu sou boa, o que eu sei. O erro foi pensar que poderíamos ser mais, e o silêncio dele foi um grande aviso sonoro e de bandeira vermelha.

— Isso é uma porcaria e você sabe disso. — Eu podia sentir Max praticamente vibrando com indignação em meu nome e, embora eu a amasse por estar tão profundamente do meu lado, era completamente desnecessário.

— Vocês são bons juntos, muito bons. Ele sorri mais e fica mais relaxado com você.

— Esse é o subproduto do sexo regular, Maxine.

Ela soltou uma risada abaixo da linha. — Sexo regular, o que é isso? Faz tanto tempo que acho que sou como a Barbie lá embaixo.

— Esse é um visual que eu não precisava. — brinquei, mas apreciei o esforço, pois tirou o foco de mim. — Estou feliz que somos amigas, Max.

— Eu também. — ela suspirou. — Foi difícil por um tempo, porque você é um osso duro de roer, mas estou feliz por ter continuado nisso. Você é uma boa amiga.

— Eu não sei sobre isso, mas estou aprendendo. E uma das coisas que aprendi é que, quando você soa sem fôlego assim, está ocupada na cozinha. Precisa de um porquinho da índia?

Ela riu. — Certo. Vamos ter um menu de degustação para o jantar hoje à noite.

— Oh, a vida emocionante que você leva. Eu nunca tive um menu de degustação. — Parecia caro e provavelmente muito além do meu orçamento.

— Então você está com sorte, porque hoje à noite temos uma grande expansão. Venha por volta das sete. Eu preciso ir; se eu queimar o caramelo, você está limpando a panela.

— Então vá, mulher, vá!

Ela riu e terminou a ligação.

Respirei fundo várias vezes e toquei o sorriso que ainda estava no meu rosto quando finalmente entendi o que o tio Rudy quis dizer quando falou sobre o poder curativo das amizades. Eu honestamente sempre pensei que era apenas uma linha para todas as mulheres que se alinhavam para tomar conta das noites de sexta-feira, mas, como se viu, ele sabia o que fazia. Conversar com Max não fez a dor desaparecer, mas entorpeceu um pouco a dor.

Passos de bebê.

Voltando às pilhas na minha mesa de café, concentrei-me nos calendários, adicionando tudo o que já havia sido confirmado. Fiz questão de incluir todos os detalhes, já que eu teria que perseguir os heróis para suas sessões de fotos e promover o calendário. Foi bom ter algo em que focar. Me perder no trabalho não era algo que eu já havia experimentado, mas havia uma qualidade reconfortante que eu gostava.

Até que uma batida soou na porta.

Eu sabia que minha sorte tinha acabado e, quando abri a porta e encontrei Preston olhando zangado para mim, nem me surpreendi.

— Eu não recebi sua mensagem até esta manhã. — As palavras saíram dele como se as estivesse segurando por muito tempo.

Eu o encarei por um longo, longo tempo, apenas absorvendo sua beleza masculina. Preston era um homem bom e, em breve, se casaria com uma mulher que não tornaria sua vida miserável. Essa mulher não seria eu. Ainda assim, foi bom olhar para ele por um tempo. — OK.

— Posso entrar? — Ele parecia tão sério com as mãos enfiadas nos bolsos do jeans, exibindo fortes bíceps e deliciosos tríceps.

Como eu poderia dizer não? — Certo. — Seria mais fácil se eu apenas ouvisse o que ele achava que tinha a dizer, e então poderíamos continuar ignorando uma a outra parte de nossas vidas.

Preston entrou, logo depois de mim, e eu senti um cheiro dele, um perfume fresco de chuveiro e aquele aroma inegável que era tudo Preston. Meu olhar devorou suas longas pernas musculosas enquanto ele se movia pelo meu espaço, observando as pastas espalhadas sobre o sofá e a mesa de café. — Meu telefone está encharcado e... — ele começou distraidamente e entrou na cozinha. Eu o segui.

— Tudo bem, Preston. Você não precisa explicar.

— O inferno que eu não faço. — Sua expressão era sombria e fria. Bravo. — Eu não estava dispensando você. Eu não faria. — Eu acreditei nele. Não estava em Preston ser mau. Se fosse, ele teria dito a sua mãe que fosse para o inferno há muito tempo.

— Eu sei. — Suspirei e dei um passo para trás antes que ele tivesse a chance de estender a mão e me tocar. — Pelo menos, acho que sim.

— Então, o que há com a distância? — Seu sorriso era predatório, mas, felizmente, ele ficou do seu lado da sala.

— Não há distância. Isso é apenas uma conversa, lembra?

Seus lábios se abriram em um sorriso e ele levantou as mãos. — Sobre o que você quer conversar?

— Nada, mudei de idéia. Mas desde que você está aqui, nós podemos...

— Besteira.

Suas palavras foram como um tapa na cara. — Desculpe?

— Você me ouviu. — Um pé avançou, mas Preston não avançou. — Besteira. Você queria falar sobre algo. Durante o jantar.

— Isso foi ontem. Eu mudei de ideia. — Era principalmente verdade, então eu não sabia por que tinha que lutar contra o desejo de me mexer tanto.

Foi um esforço inútil. Preston viu e atacou. Braços cruzados, ele estava usando seu sorriso mais presunçoso. — O que era para o jantar?

— Nada de especial, apenas para viagem.

— De onde, Nina?

Por que eu tive que me apaixonar pelo homem mais teimoso do planeta?

— Que diferença faz? — Eu perguntei. — A comida já se foi, e meu desejo de ter essa conversa com você.

Ontem, eu estava me sentindo corajosa, ousada e pronta para enfrentar o mundo, mas um pequeno contratempo e eu choramos como uma adolescente. Essa era toda a prova que eu precisava que esse material de relacionamento não fosse para mim.

— Isso é importante para mim. O que você pediu do Buddy para jantar?

Eu nem deveria ter ficado surpresa. — Hambúrgueres.

Seus ombros relaxaram e seu sorriso brilhou o suficiente para iluminar todo o meu apartamento. — Queijo azul para mim?

— Talvez eu não me lembre.

— E anéis de cebola. — Desta vez, não foi uma pergunta, apenas uma declaração para acompanhar seu grande sorriso onisciente.

— Ok, e daí? Você quer deixar claro que eu li claramente as coisas erradas entre nós? Vá em frente, Preston. É minha culpa pensar que você era melhor que isso.

Por que me senti tão estranha, tão desconfortável com esse olhar avaliador em mim, eu não sabia dizer. Mas o fato de eu atacar, de maneira completamente irracional, falava alto.

— Não é isso que estou fazendo, e você sabe disso. — Embora seu sorriso tivesse desaparecido, o brilho de satisfação em seus olhos azuis permaneceu.

— Então o que você *está* fazendo?

Quando seu grande corpo começou a se mover dessa vez, foi com propósito. Intenção séria. Os passos de Preston foram lentos e deliberados quando se aproximaram de mim, parando apenas quando mal respirava entre nós. — Estou tentando tirar a verdade de você, porque você está me confundindo.

Entre para o clube, amigo. — Que diferença faz a verdade, Preston, quando estamos todos errados um pelo outro?

— Eu discordo. — ele afirmou enquanto suas mãos seguravam firmemente meus braços.

— Não, você não. Você é um cara legal e acha que dizer isso faz de você um cara mau. Você não pode discutir com fatos.

— Quais fatos? Seus? — Ele soltou uma risada que estava em algum lugar entre amargo e divertido. — Ou da minha mãe?

— Apenas fatos simples, Preston. — Respirei fundo e soltei o ar lentamente, implorando com os olhos para ele entender. — O que acontece quando você se cansar ou ficar velho demais para trabalhar, e desejar voltar à sua educação de um por cento? Diga-me exatamente onde uma graduada do ensino médio que cuida de bares se encaixa nessa vida?

Sua expressão se transformou de séria em divertida em um flash, e com a mesma rapidez, senti meus arrepios subirem. Então, uma risada escapou. Eu lutei para sair de seu aperto, mas seu aperto era apertado. Forte.

— Nina, sua maluca, eu já sou rico. Metade do meu fundo fiduciário foi liberado quando fiz vinte e cinco anos e a outra metade vem quando faço trinta anos ou me case, o que ocorrer primeiro.

O que?

— O que, não há outras razões ridículas para me impedir?

Oh, ele era tão convencido que eu não sabia se devia bater nele ou beijá-lo.

— Não é ridículo. — Não foi. Essas eram preocupações perfeitamente razoáveis que qualquer mulher teria. — Estou sendo cautelosa.

— Assustada. Minha garota grande, má e durona é uma covarde. — Seu sorriso ficou carinhoso quando ele passou os dedos pelos meus cabelos. — Quem teria pensado?

— Claro, sou covarde, nunca me apaixonei antes! — No instante em que as palavras saíram, meu coração parou e meus olhos se arregalaram. Assim como minha boca. — Eu...

— Não quis dizer isso. — ele terminou para mim. — Eu sei que você não quis dizer isso, mas você quis dizer isso? Você me ama, Nina?

— Sim. Inferno sim, eu amo. Não importa. Não somos certos um para o outro.

Seu sorriso se estendeu de orelha a orelha. — Você ama. — Mãos grandes seguraram meu rosto e eu observei fascinada quando ele se inclinou e pressionou seus lábios nos meus em um beijo suave e gentil. Eu afundei nele; meu corpo se recusou a ouvir meu cérebro no que dizia respeito a este homem. As coisas estavam melhorando quando ele se afastou. — *Estamos* bem um para o outro.

— Por que você diz isso?

— Porque eu amo você. E, por mais que você esteja trabalhando para encontrar uma razão pela qual não vamos funcionar, trabalharei dez vezes mais para provar a você que vamos. Nós vamos.

— Você não pode saber disso. — eu insisti, com o coração acelerado ainda mais enquanto esse sonho se aproximava de ser uma realidade.

— Você me ama, Nina.

— Sim. Estou apaixonada por você. Feliz?

Seu olhar azul brilhava com alegria contagiosa. — Inferno, sim, estou feliz. Emocionado, na verdade. Você? — Seus olhos me encararam, penetrando minha alma. Eu o senti profundamente dentro de mim.

Eu sorri — Aterrorizada como o inferno, mas sim, feliz. Eu acho.

Parecia muita felicidade, mas eu só tive um contato fugaz com a emoção, então não tive certeza.

— Eu estou feliz. Eu te amo.

Dizer essas palavras era assustador como o inferno, mas o olhar em seu rosto foi um momento que eu sabia que nunca esqueceria.

— Estou feliz em ouvir você dizer isso.

Então sua boca estava na minha, um pouco mais dura desta vez. Mais faminto e tão intenso que roubou meu fôlego. Suas mãos estavam por toda parte, passando pelos meus cabelos e apertando minha bunda. Me puxando para perto, onde ele era longo e duro contra a minha barriga.

— Tão feliz. — ele rosnou contra a minha boca, me fazendo rir.

— Eu também. — eu admiti. — Mas você tem certeza? Isso vai irritar sua mãe. Grande momento.

Estremeci ao pensar em todas as maneiras que ela inventaria para me aterrorizar e tentar me expulsar da cidade, como naqueles westerns com espaguete que o tio Rudy amava tanto.

— Ela vai superar isso. — disse ele, depois deu um beijo em um lado da minha mandíbula e depois no outro. — Ou ela não vai. Ela não pode afetar nossa felicidade se não deixarmos, Nina.

— É assim tão fácil, hein, Worthington?

— Se nós queremos que seja, malditamente correto, é.

Ele deu aquele sorriso de menino e me beijou novamente.

— Eu não ligo para nada disso, Nina. Eu me preocupo com você. Eu te amo Eu te quero. Eu e você juntos - como isso soa?

— Parece muito bom para mim.

Eu ainda estava assustada como o inferno, mas a idéia de amar Preston livremente, de aceitar seu amor e me deixar feliz, era tão atraente quanto assustadora.

— Ótimo. E quando estiver pronta, discutiremos a mudança. E casamento.

Soltei um grito de surpresa, mas antes que eu pudesse dizer a ele que ele estava se movendo um pouco rápido e se adiantando, sua boca bateu na minha em um beijo que era tão eficaz quanto uma bomba para chamar minha atenção e segurá-la.

Tudo o que eu conseguia focar era Preston - suas mãos, sua boca, seu corpo duro pressionado contra o meu.

— Eu adoraria esperar, mas não posso. — ele ofegou quando me pegou e me deitou sobre a mesa da cozinha, onde começou a beijar meu corpo até que eu tremia de necessidade.

E então, muito, muito depois, Preston fez amor lento e doce comigo.

Foi o começo do que eu esperava que fosse uma ótima história de amor.

EPILOGO

PRESTON

— Tudo isso é realmente necessário?

Como diabos eu deixei Janey e Nina me convencerem a fazer de mim um idiota ainda maior? Ficar na frente da fonte em meu uniforme da SAR com os braços cruzados me fez sentir como um super-herói aspirante. Ou o capitão Morgan. Foi uma reviravolta, no momento.

Janey suspirou e revirou os olhos antes de desaparecer atrás da câmera novamente, tirando fotos como se eu não tivesse dito uma palavra. — Sim, Preston, é realmente necessário.

— Você parece sexy como o inferno, querido! — Nina estava cerca de dois metros atrás de toda a câmera e luzes, sorrindo brilhante e fazendo o seu melhor - e seu trabalho - para me fazer sentir como um símbolo sexual em vez de um idiota.

— Sim, obrigado. — Eu dei a ela uma piscadela e ela me deu um beijo, me fazendo mais feliz do que um homem deveria ser por ela ter se machucado naquele dia no parque.

— Sim, querido, você está sexy como o inferno. — Ry gritou do lado dela. — Para um homem velho.

— Por que você está aqui?

Ry soltou uma risada, nem reagindo quando Nina lhe deu um tapa no estômago. — Estou aqui para apoio moral.

Eu não comprei isso por um minuto, mas Janey estalou os dedos para chamar minha atenção antes que eu pudesse dizer uma palavra. — O que é isso, exatamente?

— Nina, você pode convencê-lo a tirar a camisa para algumas fotos?

Janey foi implacável. Eu me senti mal por todos os outros heróis da cidade natal que ainda tinham que fazer tudo isso.

— Sim, Nina, venha me falar sobre isso.

Ela sorriu com o desafio no meu tom e avançou com um sorriso. No mês passado, desde que limpamos o ar e tomamos a decisão de avançar juntos, Nina tinha sido uma maravilha. Uma delícia. Ela era mais aberta com seus afetos, principalmente em público, e mais confiante em nosso amor.

— Você quer que eu fale com você? — Ela sussurrou, mordiscando meu lóbulo da orelha.

— Eu quero que você tente. — eu disse a ela com um gemido quando sua língua deslizou no meu ouvido, forçando meus olhos a fecharem, então eu estava completamente à sua mercê.

— Você faz? — ela perguntou, gemendo enquanto pressionava suas curvas contra mim, deixando uma mão vagar sob a camisa de trabalho pesada da SAR.

— Eu adoraria ver uma foto de você todo suado, com seus músculos saindo dessa camisa verde. Ver todas as mulheres babarem em você e saber que você é meu. — ela sussurrou. — Todo meu.

— Sim? — Eu gostei de onde isso estava indo, e eu não dava a mínima para que pudéssemos ter uma audiência.

— Uh-huh. Então eu olharia e imaginaria todas as coisas sujas que gostaria de fazer com você, e as coisas que estou morrendo de vontade de ter com você.

Cada palavra, cada sílaba era acompanhada pelo golpe de suas mãos, o movimento de sua língua e o leque de sua respiração. — Talvez eu até bisbilhote para ver que coisas estranhas as mulheres solteiras de Tulip inventam, e eu farei isso com você também.

— Tudo bem, tudo bem. Dez tiros e é isso. — Minha voz era áspera, como se eu tivesse engolido um saco de pedras e o lavado com uísque.

— Obrigada. — ela sussurrou com uma risada calma enquanto recuava. — Eu amo você, Preston.

— Te amo de volta.

Ela soltou o mesmo suspiro minúsculo que sempre fazia, como se simplesmente não pudesse acreditar que eu também a amava. Era besteira total, mas tinha uma maneira de me fazer sentir três metros de altura - e isso me fez querer mostrar a ela de todas as maneiras possíveis o quão digna ela era. Inferno, a verdade era que eu não a merecia.

— Bom saber. — Ela deu um passo para trás e piscou. — Ele disse que tudo bem, Janey.

— Eu disse dez tiros. — esclareci com um rosnado baixo e escuro.

— Faça vinte. — Ry gritou, a boca dividida em um sorriso que era divertido demais.

— Vinte o que? — perguntou uma voz minúscula que pertencia a um menino de cabelos loiros encaracolados.

Ry congelou e olhou para o garoto ao lado dele, que olhou para Ry com um largo sorriso de chocolate. — Vinte fotos. Fotos grandes e masculinas.

— Eu também faço vinte! — Ele pulou para cima e para baixo, quase caindo de emoção antes que Ry o salvasse de um rosto cheio de cimento.

— Uau, campeão. Desacelere. — O garoto se agarrou a Ry, sorrindo para ele, surpreso, como se ele fosse um super-herói da vida real. — O que um garoto como você está andando por aqui sozinho?

— Ele não está sozinho. — A voz pertencia a Penny Ford, um transplante de Tulip que assumira o cargo de assistente do prefeito há quase um ano. Eu não sabia muito sobre ela, e até onde eu sabia, ninguém sabia.

— Penny. — disse Ry, sua voz refletindo o reconhecimento escrito em todo o rosto. — Este pequeno andarilho é seu?

— Ele é. — disse ela simplesmente, uma sobrancelha arqueada em um desafio.

Havia um universo inteiro de tensão e emoções não ditas entre eles, e eu sorri.

— O que está acontecendo lá? — Nina se inclinou e sussurrou enquanto colocava uma mão no meu bolso de trás.

— Acho que acabei de identificar a paixão misteriosa de Ry.

E agora eu entendi sua hesitação. Penny era alguns anos mais velha que Ry e ela parecia ser uma mulher séria, um forte contraste com sua natureza descontraída.

— Ry, você não vai nos apresentar a sua amiga?

Provavelmente me fez um idiota para dar-lhe um momento difícil, quando ele estava tão claramente paralisado por esta mulher, com sua roupa toda preta e coque apertado puxando todo o cabelo para trás, mas é para isso que servem os amigos.

Ele olhou para mim, e eu decidi não comentar sobre o toque de rosa colorindo suas bochechas. — Gente, aqui é Penny, ela é assistente do prefeito Ashford.

Fui imediatamente esquecido quando Nina e Janey foram direto para Penny, dando-me tempo de sobra para encontrar Ry e descobrir mais.

— Então, essa é a mulher que impede você de namorar. Interessante.

— Eu namoro. — ele insistiu, mas sem o fogo normal.

— Você é um péssimo mentiroso, e ouvi dizer que é uma ótima qualidade em um namorado.

— O que é um encontro? — o menino perguntou, levantando a cabeça apenas tarde o suficiente para nós dois percebermos que ele não estava dormindo.

— Quando você arranja tempo para sair com as pessoas que você gosta. — eu disse a ele facilmente. — Qual é o seu nome, garoto?

— Sou Mikey e tenho cinco anos. — Ele levantou a mão com cinco dedos balançando e um sorriso largo.

— Eu sou Preston, e este é Ry. — Ele colocou sua mãozinha na minha e deu um forte aperto para uma criança de cinco anos. — Prazer em conhecê-lo, garoto.

— Ratos para conhecer também!

Se houvesse um prêmio por adorável, as palavras faladas e a emoção juvenil desse garoto ganhariam as mãos.

— Você sabia sobre isso?

Ry balançou a cabeça, ainda parecendo um pouco chocado. — Não, mas estou mais preocupado que não estou preocupado com isso.

Isso também me preocuparia, mas eu mantive minha boca fechada. — Se você precisar de alguma ajuda, sabe como me encontrar.

— Se você e Nina vierem buscar ar.

— Nós vamos. Em breve.

— Problemas no paraíso?

Eu balancei minha cabeça. — Exatamente o oposto. Enquanto falamos, todas as coisas dela estão sendo transferidas para minha casa.

Nós conversamos sobre morar juntos algumas vezes, mas o contrato dela terminava amanhã e ela só continuaria procrastinando se eu deixasse.

— Parece uma luta que você não quer ter, meu amigo.

Mikey se desvencilhou das mãos de Ry e Ry o decepcionou gentilmente, sem tirar os olhos do menino.

— A discussão terá vida curta, mas a maquiagem não será. Jogue bem suas cartas e você saberá exatamente o que quero dizer.

Ele bufou e balançou a cabeça. — Primeiro, tenho que mostrar a ela que sou mais do que apenas uma criança imatura com uma queda.

— Se alguém pode fazer isso, Ry, é você.

— Sim, obrigado pela confiança, mas estou quase no meu limite de rejeições. — Ainda assim, seus olhos nunca se afastaram de Penny.

Eu sorri. Ver esse drama se desenrolar pode fazer com que os heróis dessa cidade natal calem o absurdo.

Fim.